

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Rodrigo Vieira Bulso

**CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS NAS COMPETIÇÕES DE TENISTAS
INFANTOJUVENIS: UM ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO**

Porto Alegre

2019

Rodrigo Vieira Bulso

**CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS NAS COMPETIÇÕES DE TENISTAS
INFANTOJUVENIS: UM ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Bulso, Rodrigo Vieira
CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS NAS COMPETIÇÕES DE TENISTAS
INFANTOJUVENIS: UM ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO /
Rodrigo Vieira Bulso. -- 2019.
131 f.
Orientador: Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Pedagogia. 2. Esporte. 3. Competição. 4. Tênis.
I. Balbinotti, Carlos Adelar Abaide, orient. II.
Título.

Rodrigo Vieira Bulso

**CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS NAS COMPETIÇÕES DE TENISTAS
INFANTOJUVENIS: UM ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO**

Conceito Final:

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Guy Ginciene – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Gabriel Henrique Treter Gonçalves – Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Dr. Roberto Tierling Klering – Universidade Feevale

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao Professor Doutor Carlos Adelar Abaide Balbinotti, orientador deste trabalho, por todo o suporte durante toda a realização do curso de mestrado. Sou grato por todas as oportunidades que me foram dadas, as quais em muito contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional. Pela amizade, conselhos e ensinamentos. Sem dúvidas, este foi o grande incentivador e responsável por estar trilhando esta trajetória acadêmica, que não para por aqui.

Aos membros da banca examinadora Professores Doutores Guy Ginciene e Rogério da Cunha Voser, pela pronta disponibilidade e pelas importantes contribuições realizadas no processo de qualificação do projeto.

Aos também membros da banca examinadora, Professores Doutores Gabriel Henrique Treter Gonçalves e Roberto Tierling Klering, os quais tive o privilégio de conviver e aprender desde o início de meus primeiros passos como professor de tênis. São exemplos de pessoas e profissionais que tento seguir.

Ao Professor Doutor Caio Corrêa Cortela e ao colega Rafael Horta, pelo auxílio e contribuição durante a realização deste trabalho.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do qual fui bolsista neste último ano do curso de mestrado. Tal apoio financeiro foi fundamental para a realização deste trabalho, permitindo me dedicar integralmente ao curso e crescer do ponto de vista acadêmico.

À minha mãe, Vera Lúcia Vieira Bulso, por todo o suporte e apoio às minhas decisões, desde o início da vida acadêmica.

Ao meu pai, Adriano Luiz Bulso, pelo incentivo desde cedo à prática esportiva – em especial, a do tênis – e o esforço empregado para que isso fosse possível.

Ao meu irmão, Bruno Vieira Bulso, pelo auxílio e parceria de sempre.

Gostaria, por fim, de fazer um agradecimento especial à minha namorada, Alice Maria Garcia Torelly Amodeo, pela paciência, compreensão e companheirismo em todos os momentos. Teu apoio e teu incentivo foram fundamentais.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado aborda o desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis. O estudo tem como objetivo geral descrever e comparar os níveis de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis, a partir da opinião dos treinadores. Mais especificamente, busca comparar os níveis de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nestas competições, de acordo com as variáveis: “Categorias” (“Até 11 anos”; “12 a 16 anos”); “Formação” (“Graduados”; “Pós-graduados”); “Idade” (“Até 30 anos”; “31-45 anos”; “Acima de 45 anos”); “Tempo de Experiência” (“Até 10 anos”; “11-20 anos”; “Acima de 20 anos”). Para tanto, aplicou-se a Bateria de Testes Gonçalves-Balbinotti de Favorecimento ao Desenvolvimento de Conteúdos Pedagógicos do Esporte Infantojuvenil (BTGB-CP; GONÇALVES; BALBINOTTI, 2016). A BTGB-CP foi aplicada com 124 treinadores de tenistas infantojuvenis, de ambos os sexos (masculino = 92%; feminino = 8%), com idades entre 18 e 66 anos ($\bar{x} = 39,4$; $DP = 11,4$) e tempo de experiência entre 0,5 e 41 anos ($\bar{x} = 16,8$; $DP = 11,0$). Os resultados indicaram que, de modo geral, as competições de tênis infantojuvenis contemplam de forma satisfatória o desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos abordados. No entanto, alguns conteúdos são mais contemplados nestas competições, respectivamente: Desenvolvimento Afetivo-Social (AS), Socioeducativo (SE) e Estratégico-Tático (ET) (indissociáveis estatisticamente), seguidos pelo Desenvolvimento de Habilidades Motoras (HM), de Autonomia (Au), e pela Democratização (De). Foi constatado que, na opinião dos treinadores, as categorias competitivas “Até 11 anos” favorecem em maior nível o HM quando comparadas às categorias de “12 a 16 anos”. Ainda, verificou-se que: para os treinadores graduados, a De é mais desenvolvida nas competições do que para os pós-graduados; para os treinadores acima de 45 anos, a conformação das competições favorece mais o ET do que para os treinadores de até 30 anos. Contudo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de acordo com o tempo de experiência. Ao traçar um panorama geral do desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nestas competições, bem como reforçar a importância das adequações presentes nas categorias menores, acredita-se que este estudo contribui de forma relevante para o cenário das competições infantojuvenis. Este

pode servir como ponto de partida para que novas pesquisas sejam realizadas (no tênis e em diferentes modalidades esportivas).

Palavras-chave: Pedagogia. Esporte. Competição. Tênis.

ABSTRACT

This master's dissertation discusses pedagogical contents in tennis junior competitions. The aim of this study was to describe and compare the levels of support the development of pedagogical contents in tennis junior competitions, based on the coaches opinion. Specifically, it was attempted to compare the levels of support the development of pedagogical contents in tennis competitions according the variables: "Competitive Categories" ("Up to 11 years old," "12 to 16 years old"); "Qualification of the coaches" ("Graduate", "Post-Graduate"); "Age of coaches" ("Up to 30 years," "31-45 years," "Over 45 years old"); "Coaches' Professional Experience" ("Up to 10 years," "11-20 years," "Over 20 years"). It was applied the Gonçalves-Balbinotti Battery of Tests of Pedagogical Contents' Development Favoring (BTGB-CP; GONÇALVES, BALBINOTTI, 2016). The BTGB-CP questionnaire was answered by 124 tennis coaches of both genders (male = 92%; female = 8%), of ages ranging from 18 to 66 years ($\bar{X} = 39,4$; $\sigma = 11,4$), with years of experience ranging from 0,5 to 41 years ($\bar{X} = 16,8$; $\sigma = 11,0$). The results indicated that, in general, the competition contributes to the development of the studied pedagogical contents. However, some contents are more contemplated in these competitions, respectively: "Affective-Social Development" (AS), "Socio-Educative" (SE), "Strategical/Tactical" (ST) (statistically indistinguishable), followed by "Motor Skills Development" (MS), "Autonomy" (Au), and finally, "Democratization" (De). Based on the coaches opinion, it was found that the competitive categories "Up to 11 years" contribute at a higher level to the HM when compared to the categories of "12 to 16 years". Also, it was verified that for the coaches graduated, the De is more developed in the competitions than for post-graduates. Besides, for coaches over 45 years, the conformation of the competitions favors the ST more than for coaches up to 30 years. However, no statistically significant differences were found between groups according to their coaches' professional experience. By outlining an overview of the development of pedagogical contents in these competitions, and strengthening the importance of the adaptations present in the youngsters categories, this study contributes in a relevant way to the scenario of the tennis junior competitions. Thus, this study can be used as a starting point for further research about tennis and even for many different sports.

Keywords: Pedagogy. Sport. Competition. Tennis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Especificações nas categorias até 10 anos.....	34
Quadro 2 - Formatos de pontuação e competição nas categorias até 10 anos	35
Quadro 3 - Estrutura e carga competitiva nas categorias até 10 anos	37
Quadro 4 - Estrutura e carga competitiva a partir da categoria “12 anos”	38
Quadro 5 - Modelos competitivos infantojuvenis por federação	38
Quadro 6 – Competição de tênis federada nas categorias até 11 anos	42
Quadro 7 - Competição de tênis federada nas categorias 12, 14 e 16 anos	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de frequência por variável sociodemográfica	45
Tabela 2 – Distribuição dos CPG e CPE para amostra geral.....	51
Tabela 3 – Distribuição das orientações para amostra geral	52
Tabela 4 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE para amostra geral	53
Tabela 5 – Estatísticas descritivas das orientações para amostra geral.....	54
Tabela 6 – Comparações de médias dos CPG e CPE para amostra geral	55
Tabela 7 – Comparações de médias das orientações para amostra geral	56
Tabela 8 – Distribuição dos CPG e CPE por “Categorias”.....	57
Tabela 9 – Distribuição das orientações por “Categorias”	58
Tabela 10 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Categorias”	60
Tabela 11 – Estatísticas descritivas das orientações por “Categorias”	61
Tabela 12 – Comparações das médias dos CPG e CPE intragrupos por “Categorias”.....	62
Tabela 13 – Comparações de médias das orientações intragrupos por “Categorias”	63
Tabela 14 – Comparações de médias dos CPG e CPE intergrupos (“Categorias”)..	64
Tabela 15 – Comparações de médias das orientações intergrupos (“Categorias”) ..	65
Tabela 16 – Distribuição dos CPG e CPE por “Formação”	66
Tabela 17 – Distribuição das orientações por “Formação”	67
Tabela 18 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Formação”	68
Tabela 19 – Estatísticas descritivas das orientações por “Formação”	70
Tabela 20 – Comparações das médias dos CPG e CPE intragrupos por “Formação”	71
Tabela 21 – Comparações de médias das orientações intragrupos por “Formação”	72
Tabela 22 – Comparações de médias dos CPG e CPE intergrupos (“Formação”)...	73
Tabela 23 – Comparações de médias das orientações intergrupos (“Formação”) ..	74
Tabela 24 – Distribuição dos CPG e CPE por “Idade”	75
Tabela 25 – Distribuição das orientações por “Idade”	76
Tabela 26 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Idade”	77
Tabela 27 – Estatísticas descritivas das orientações por “Idade”	79
Tabela 28 – Comparações de médias dos CPG e CPE intragrupos (“Idade”).....	80
Tabela 29 – Comparações de médias das orientações intragrupos (“Idade”)	81

Tabela 30 – Comparações de médias dos CPG e CPE intergrupos ("Idade").....	82
Tabela 31 – Comparações de médias das orientações intergrupos ("Idade")	83
Tabela 32 – Distribuição dos CPG e CPE por “Tempo de Experiência”	85
Tabela 33 – Distribuição das orientações por “Tempo de Experiência”	86
Tabela 34 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Tempo de Experiência” ..	87
Tabela 35 – Estatísticas descritivas das orientações por “Tempo de Experiência” ..	89
Tabela 36 – Comparações das médias dos CPG e CPE intragrupos.....	90
Tabela 37 – Comparações de médias das orientações intragrupos ("Tempo de Experiência")	91
Tabela 38 – Comparações de médias dos CPG e CPE intergrupos ("Tempo de Experiência")	92
Tabela 39 – Comparações de médias das orientações intergrupos ("Tempo de Experiência")	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
2.1	ESPORTE E COMPETIÇÃO INFANTOJUVENIL.....	16
2.1.1	A importância da competição adequada às crianças e jovens	18
2.2	OS CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS DA COMPETIÇÃO.....	22
2.2.1	Desenvolvimento Técnico-Tático (DTT)	23
2.2.1.1	<i>Desenvolvimento de Habilidades Motoras (HM)</i>	23
2.2.1.2	<i>Desenvolvimento Estratégico-Tático (ET)</i>	25
2.2.2	Desenvolvimento de Autonomia Ético-Moral (DAEM)	26
2.2.2.1	<i>Desenvolvimento Socioeducativo (SE)</i>	26
2.2.2.2	<i>Desenvolvimento de Autonomia (Au)</i>	28
2.2.3	Desenvolvimento de Coesão (DCo)	29
2.2.3.1	<i>Desenvolvimento Afetivo-Social (AS)</i>	30
2.2.3.2	<i>Democratização (De)</i>	31
2.3	A COMPETIÇÃO INFANTOJUVENIL DE TÊNIS	32
2.3.1	Recomendações para as competições infantojuvenis de tênis	33
2.3.2	Modelos competitivos vigentes no tênis infantojuvenil	38
2.3.3	Competições infantojuvenis de tênis no Brasil	41
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	45
3.2	POPULAÇÃO E AMOSTRA	45
3.3	INSTRUMENTOS.....	47
3.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	48
3.5	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	49
3.6	PROCEDIMENTOS ÉTICOS	49
4	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	50
4.1	SOBRE A AMOSTRA GERAL.....	51
4.1.1	Conhecimento e confiabilidade dos dados	51
4.1.2	Estatísticas descritivas gerais	52
4.1.3	Comparações de médias das dimensões	54
4.2	SOBRE AS CATEGORIAS COMPETITIVAS	56
4.2.1	Conhecimento e confiabilidade dos dados	56

4.2.2	Estatísticas descritivas gerais	59
4.2.3	Comparações de médias intragrupos	61
4.2.4	Comparações de médias intergrupos	64
4.3	SOBRE A FORMAÇÃO DOS TREINADORES	65
4.3.1	Conhecimento e confiabilidade dos dados	65
4.3.2	Estatísticas descritivas gerais	67
4.3.3	Comparações de médias intragrupos	70
4.3.4	Comparações de médias intergrupos	72
4.4	SOBRE A IDADE DOS TREINADORES	74
4.4.1	Conhecimento e confiabilidade dos dados	74
4.4.2	Estatísticas descritivas gerais	77
4.4.3	Comparações de médias intragrupos	80
4.4.4	Comparações de médias intergrupos	82
4.5	SOBRE O TEMPO DE EXPERIÊNCIA DOS TREINADORES	84
4.5.1	Conhecimento e Confiabilidade dos dados	84
4.5.2	Estatísticas descritivas gerais	86
4.5.3	Comparações de médias intragrupos	89
4.5.4	Comparações de médias intergrupos	92
5	DISCUSSÃO	94
5.1	SOBRE A AMOSTRA GERAL	94
5.2	SOBRE AS CATEGORIAS COMPETITIVAS	99
5.3	SOBRE A FORMAÇÃO DOS TREINADORES	103
5.4	SOBRE A IDADE DOS TREINADORES	104
5.5	SOBRE O TEMPO DE EXPERIÊNCIA DOS TREINADORES	106
6	CONCLUSÃO	109
	REFERÊNCIAS	112
	APÊNDICE A	123
	APÊNDICE B	125
	ANEXO A	126
	ANEXO B	127
	ANEXO C	128
	ANEXO D	129
	ANEXO E	130
	ANEXO F	131

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis. A temática das competições tem sido bastante discutida na literatura especializada, porém, via de regra, são tratados fundamentalmente os aspectos relacionados ao esporte de alto rendimento (RUFINO *et al.*, 2016). No cenário infantojuvenil, verifica-se a proposição e implementação de diferentes modelos competitivos, como o do tênis, que buscam tornar tal prática mais conforme a criança. No entanto, pouco se sabe sobre a efetiva contribuição destes modelos, principalmente no que tange o desenvolvimento dos conteúdos preconizados nestas etapas (BURTON; GILLHAM, HAMMERMEISTER, 2011).

A competição constitui um elemento fundamental do esporte, podendo desempenhar diferentes funções. Dentre estas, destacam-se o confronto, o enfrentamento, a comparação, a motivação para a melhora da performance, as vitórias e as derrotas – aspectos que dão sentido ao esporte (DE ROSE JR; KORSAKAS, 2006; REVERDITO *et al.*, 2008). As competições constituem também um importante fator no processo de preparação e aprimoramento dos jogadores em seus aspectos técnicos, táticos e psicológicos, sendo consideradas um dos meios de preparação mais efetivos para o desportista (PLATONOV, 2004).

Para além destas atribuições, a competição infantojuvenil possui, por essência, um papel pedagógico fundamental (AIRES *et al.*, 2016). Segundo Lima (1987), a competição esportiva pode ser considerada o instrumento pedagógico mais importante de todo o processo da formação desportiva das crianças e jovens. Desse modo, deverá ser balizada pelos pressupostos da pedagogia do esporte, e, portanto, contemplar diferentes conteúdos – que dizem respeito aos aspectos motores, cognitivos, morais e afetivo-sociais da criança (CÔTÉ; HANCOCK, 2014; LEONARDI *et al.*, 2014). No presente estudo, são abordados os conteúdos pedagógicos mais citados na literatura especializada, respectivamente: habilidades motoras, estratégico-tático, socioeducativo, autonomia, afetivo-social e democratização (GONÇALVES, 2018).

O desenvolvimento de tais conteúdos só se dará de forma adequada a partir do momento em que a competição for modelada pelos pressupostos da prática esportiva para crianças e jovens, considerando suas características, possibilidades e

necessidades (MARQUES; OLIVEIRA, 2002; KIRK, 2005). A competição adequada à criança oferece maiores oportunidades para se obter sucesso e desenvolver as habilidades físicas, psicológicas e sociais (MARQUES, 2004; LEWIS; KNIGHT; MELLALIEU, 2017). Tal adequação pode ser representada por modificações na estrutura, nos equipamentos, no ambiente, nas regras e nos objetivos propostos (WIERSMA, 2005; BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011; MILISTETD *et al.*, 2014).

No entanto, por constituir um fenômeno complexo e multifatorial, a competição por si só não pode ser considerada boa ou ruim para as crianças e jovens (TENNANT, 2010). Sabe-se que os principais problemas das competições para crianças e jovens geralmente decorrem da simples reprodução de modelos competitivos adultos, prática da qual, ao desconsiderar os aspectos pedagógicos preconizados no esporte infantojuvenil, pode expor os participantes a cargas físicas e psicológicas excessivas e gerar situações contraindicadas do ponto de vista pedagógico (MARQUES, 2004; MILISTETD *et al.*, 2014). Assim, a competição pode gerar impactos negativos a seus participantes – afetando o desempenho, a motivação e a autoestima das crianças e dos jovens (BERGERON *et al.*, 2015).

Tais práticas reducionistas, ao longo das últimas décadas, dominaram o cenário das competições infantojuvenis de tênis. Segundo Balbinotti e Balbinotti (2008), a competição de tênis tradicionalmente se deu a partir da reprodução do modelo profissional adulto, com objetivos voltados exclusivamente à performance e aos resultados – percepção que vem se modificando a partir da recente implementação de um novo sistema de regras para a competição dos mais jovens (INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION, 2012). Apesar de este novo modelo apresentar alterações estruturais (dimensões de quadra reduzidas e bolas mais lentas) apenas para as categorias menores, é possível verificar a presença de algumas alterações (nos formatos de pontuação e competição) nas demais categorias infantojuvenis.

Diante desta perspectiva, há uma escassez de estudos que analisem o desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições infantojuvenis de tênis. No Brasil, os estudos realizados (GONÇALVES *et al.*, 2016a; 2016b; KLERING *et al.*, 2016) geralmente abordam os conteúdos de forma isolada. Respectivamente, tratam da educação e formação, do desenvolvimento técnico-tático e do desenvolvimento de habilidades através das práticas competitivas, e em

categorias específicas – evidenciando a necessidade de se traçar um panorama mais geral (e integrado) do desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições de tênis.

A partir deste contexto, o presente estudo tem como objetivo geral descrever e comparar os níveis de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis, a partir da opinião de treinadores. Como objetivos específicos, propõe-se a comparar os níveis de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis de acordo com:

- (1) as categorias competitivas (“Até 11 anos”; “12 a 16 anos”);
- (2) a formação dos treinadores (“Graduados”; “Pós-graduados”);
- (3) a idade dos treinadores (“Até 30 anos”; “31-45 anos”; “Acima de 45 anos”);
- (4) o tempo de experiência dos treinadores (“Até 10 anos”; “11-20 anos”; “Acima de 20 anos”).

A seguir, a primeira parte do trabalho será composta pelos pressupostos teóricos orientadores do estudo. Tendo em vista que a competição infantojuvenil tem seu embasamento na pedagogia do esporte, serão abordados os pressupostos norteadores do esporte e da competição para crianças e jovens. Em um segundo momento, serão apresentados os conteúdos pedagógicos da competição. Ainda, serão abordadas as questões relacionadas às competições infantojuvenis de tênis – recomendações, modelos vigentes e seu contexto no Brasil. Após, seguirão os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste estudo, a apresentação e sequente discussão dos resultados, a conclusão e as referências, respectivamente.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta seção será dividida em três partes principais. Na primeira, serão apresentados aspectos pedagógicos relevantes no que se refere ao esporte e a competição infantojuvenil, bem como a importância da competição adequada às crianças e jovens. Em uma segunda parte, serão abordados os conteúdos pedagógicos da competição. Por fim, na terceira parte, serão abordadas as principais recomendações para as competições de infantojuvenis de tênis, contemplando os modelos competitivos utilizados em países referência na formação de tenistas, bem como o modelo competitivo vigente no Brasil.

2.1 ESPORTE E COMPETIÇÃO INFANTOJUVENIL

O esporte, bem como o esporte infantojuvenil, precisa ser analisado a partir de um sentido plural, tendo em vista suas várias facetas (GAYA; TORRES, 2004). De acordo com Côté e Hancock (2014), o esporte infantojuvenil pode ser compreendido sob três desfechos, denominados de “3Ps”: O Desempenho (*Performance*), o Desenvolvimento Pessoal (*Personal Development*) e a Participação (*Participation*). Estas classificações podem ser associadas às distintas configurações propostas por Gaya e Torres (2004) e Marques, Gutierrez e Almeida (2008), respectivamente: esporte de rendimento; esporte escolar; e esporte de lazer. O Desempenho está relacionado ao esporte de alto rendimento (ou excelência), caracterizado essencialmente pela busca da *performance* e pela valorização dos resultados – com grande ênfase na competição. O Desenvolvimento Pessoal está atrelado ao esporte escolar (ou educacional), caracterizado pela valorização dos aspectos socioeducativos e a prerrogativa essencialmente formativa e educativa. Já a Participação pode ser relacionada ao esporte de lazer, no qual são preconizados os aspectos referentes à satisfação pessoal e participação esportiva.

Apesar dessas diferenciações, a integração dos “3Ps” possui importância fundamental para os sistemas esportivos infantojuvenis, uma vez que o foco em um único objetivo poderá reduzir a importância dos outros dois objetivos, minimizando o potencial de envolvimento que o esporte pode ter na vida dos jovens (CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Os “3Ps” podem ser contemplados simultaneamente em um mesmo sistema, desde que o mesmo seja estruturado de acordo com a idade e o

nível competitivo dos participantes. Os objetivos comuns para as “3Ps” visam evitar a desistência dos alunos, manter a motivação e maximizar o envolvimento em variadas atividades esportivas. Para que ocorra a integração entre os pressupostos, Côté e Hancock (2014) propõem alguns aspectos a serem considerados ao se pensar o esporte infantojuvenil, de acordo com as características desse público. Esses aspectos visam: oportunizar à criança experiências esportivas diversas (dentro e fora da modalidade); evitar a especialização precoce; promover o jogo dentro (e além) do esporte organizado; oportunizar vivências competitivas saudáveis a todos; e compreender as reais necessidades da criança.

Em consonância com a ideia de desenvolvimento “integrado” de Côté e Hancock (2014), autores (WERNER; THORPE; BUNKER, 1996; SIEDENTOP, 1998; 2002; SCAGLIA; SOUZA, 2004; PAES; BALBINO, 2005; PAES, 2006; MOUNTJOY *et al.*, 2008; REVERDITO; SCAGLIA, 2009; LEONARDI *et al.*, 2014; BERGERON *et al.*, 2015) defendem que no processo de formação esportiva sejam considerados e contemplados os aspectos motores, cognitivos, morais e afetivo-sociais das crianças e jovens. Para tanto, a prática esportiva deve ser sustentada por pressupostos de educação e formação, de forma a respeitar e satisfazer as necessidades e interesses das crianças e jovens (KIRK, 2005; DE ROSE JR; KORSAKAS, 2006). Quando pautado por esses princípios pedagógicos, o esporte pode contribuir para a facilitação de aspectos para além dos técnico-táticos, como o desenvolvimento da autonomia e da criticidade dos jovens (LEONARDI *et al.*, 2014).

O desenvolvimento de tais conteúdos (motores, cognitivos, morais, afetivo-sociais) pode ser contemplado de várias formas, como através da competição esportiva (LIMA, 1987; MARQUES, 2004; DE ROSE JR; KORSAKAS, 2006). Nesse contexto, a competição esportiva é considerada um instrumento pedagógico fundamental, que pode contribuir para o processo de formação das crianças e jovens em suas diferentes dimensões (LIMA, 1987; MARQUES; OLIVEIRA, 2002; MARQUES, 2004; SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2004; AIRES *et al.*, 2016; LEITE; RIZZO, 2016; RUFINO *et al.*, 2016; SANTOS; MARTINEK, 2018). Os objetivos da competição, portanto, devem ser coerentes com os objetivos da formação à longo prazo - com finalidades educativas -, na qual a competição constitui mais uma etapa deste processo (MARQUES; OLIVEIRA, 2002). Contudo, para tanto é necessário romper com os modelos competitivos tradicionais, que replicam sistemas adultos, e

adotar estruturas competitivas que busquem atender adequadamente às expectativas e possibilidades dos jovens (BERGERON *et al.*, 2015).

2.1.1 A importância da competição adequada às crianças e jovens

Segundo Arena e Böhme (2004), a participação competitiva das crianças e jovens que iniciam a prática de uma modalidade esportiva é um processo natural. No entanto, é preciso salientar que os impactos da competição podem ser positivos ou negativos para o desenvolvimento dos jovens – pois dependem da forma com que a competição é estruturada, conduzida, e dos objetivos de quem a propõe (WIERSMA, 2005; REVERDITO *et al.*, 2008; TENNANT, 2010). Contudo, observa-se que em muitos dos casos as competições infantojuvenis são pensadas e desenvolvidas de forma bastante semelhante à dos modelos adultos, distinguindo-se, em suma, pela utilização de materiais reduzidos e pelo tempo de jogo mais curto (DE ROSE JR; KORSAKAS, 2006).

Esta realidade perdurou (e ainda perdura) nas competições de diversas modalidades esportivas. Diante dessa constatação, há de se ficar atento ao fato de que a mera reprodução de modelos competitivos adultos pode oferecer riscos ao desenvolvimento dos jovens, podendo ocasionar situações frustrantes e impróprias do ponto de vista pedagógico (MARQUES, 2004; MILISTETD *et al.*, 2014). Para além disto, a estruturação e condução inadequada pode acarretar no comprometimento da aquisição de habilidades e no aumento do risco de lesões, podendo levar os jovens ao *burnout* ou, até mesmo, ao abandono da modalidade (BERGERON *et al.*, 2015).

Nesse sentido, Aires *et al.* (2016) apontaram três problemas principais relatados pelos treinadores entrevistados sobre as competições infantojuvenis de karate-do: tratar as crianças como adultos em miniatura; desconsiderar os aspectos pedagógicos da competição; e fazer com que as crianças pratiquem o esporte por vontade dos adultos. Primeiramente, é importante salientar que não se pode atribuir aos jovens as responsabilidades de um adulto, como cargas competitivas excessivas, exigência de desempenho e pressão psicológica elevadas. Pois, nestes casos, a valorização excessiva dos aspectos ligados à performance pode deixar em segundo plano as questões éticas e de saúde (DE ROSE JR; KORSAKAS, 2006; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Também é necessário o entendimento de que

competir deve ser uma prerrogativa da criança, e não dos adultos que compõem esse processo, uma vez que, em repetidas situações, os objetivos da criança divergem dos objetivos aspirados pelos pais, treinadores ou dirigentes esportivos (DE ROSE JR; KORSAKAS, 2006).

De modo geral, compreende-se que a competição – como o esporte infantojuvenil - precisa ser pensada e estruturada respeitando as características, necessidades e possibilidades do seu público (LIMA, 1987; ROST, 1997; MARQUES; OLIVEIRA, 2002; MARQUES, 2004; DE ROSE JR; KORSAKAS, 2006; CAPRANICA; MILLARD-STAFFORD, 2011). Nas categorias iniciais, a competição deve basear-se em uma progressão, de forma a atender às necessidades físicas e psicológicas dos jovens, facilitar o desenvolvimento técnico-tático e prevenir lesões (CAPRANICA; MILLARD-STAFFORD, 2011). Dessa forma, serviria para a criança como uma oportunidade de obter sucesso, desenvolver suas habilidades, melhorar sua imagem social, aumentar a autoestima, criar laços de amizade, estimular a autonomia e adquirir e desenvolver valores importantes para toda sua vida (LIMA; 1987; MARQUES, 2004; DE ROSE JR; KORSAKAS, 2006).

Diante desse contexto, fica evidenciada a necessidade de se discutir e desenvolver modelos competitivos estruturados conforme as crianças e jovens. A seguir, serão apresentadas as propostas competitivas sugeridas por Marques (2004), Lima (1987), Burton, Gillham e Hammermeister (2011) e Wiersma (2005), respectivamente.

Marques (2004) afirma que a competição pode ser um fator estruturante para a formação da criança, desde que modelada pelos conceitos e pressupostos educativos do treino dos jovens. Para tanto, Marques (2004) propõe que alguns aspectos sejam respeitados, como a adequação das competições às necessidades da criança, a oportunização de experiências de vitórias e derrotas a todos, e o número e a frequência competitiva. Tais aspectos possuem importância fundamental para a proposta. A adequação se refere basicamente a mudanças estruturais, como tempo, espaço de jogo e materiais, condizentes com as características específicas das crianças, para dessa forma, aumentar a participação competitiva dos jovens. Já, diante do grande potencial pedagógico da vitória e derrota, Marques (2004) ressalta a necessidade de se criar situações em que mesmo os jogadores menos experientes tenham condições de vencer. Por fim, compreendendo o caráter preparatório desta fase, o autor defende que o número e frequência competitiva seja

maior na fase da infância – pois ao se proporcionar à criança mais opções de participações competitivas (diferentes tipos de jogos, torneios e campeonatos), aumenta-se a chance de sucesso do participante.

Corroborando com essa ideia, Lima (1987) compreende a competição como o instrumento pedagógico mais importante de todo o processo de formação desportiva das crianças. O autor trata a competição esportiva como uma oportunidade de autoavaliação, no qual as crianças podem colocar à prova suas capacidades e perceber seus progressos – e destaca seu grande impacto social e educativo. No entanto, para que cumpra com seus objetivos, a proposta de Lima (1987) está alicerçada em três pilares principais. O primeiro refere-se à implementação de uma pedagogia que busque favorecer o desenvolvimento das capacidades e da personalidade dos jovens, através da transformação dos modelos que configuram o esporte adulto e da promoção da participação das crianças. O segundo pilar está associado a ideia de dar uma nova orientação à competição dos mais jovens, de dimensão pedagógica, educativa, tornando-a mais de acordo com os objetivos da prática infantojuvenil. Já o terceiro diz respeito à formação da personalidade através da competição, a qual é contemplada principalmente a partir das experiências afetivo-sociais inerentes a prática coletiva. Por fim, o autor considera que a vivência de uma competição organizada nestes moldes contribui para que os treinadores tenham elementos que servem para balizar todo o processo de treino, bem como sua orientação pedagógica.

Burton, Gillham e Hammermeister (2011), por sua vez, apresentam uma abordagem alicerçada na modificação estrutural do ambiente competitivo, denominada *Competitive Engineering* (Engenharia Competitiva). A proposta tem como ponto central a adequação da competição a seu público como forma de proporcionar melhores experiências esportivas aos atletas. A Engenharia Competitiva (EC) se baseia em quatro estratégias de implementação (modificação da estrutura esportiva, das regras, do ambiente e dos equipamentos), com intuito de atingir quatro metas de engajamento dos atletas (aumentar a ação e pontuação, manter as pontuações próximas, aumentar o envolvimento pessoal e manter boas relações sociais). Esses aspectos contribuem para aumentar a motivação intrínseca, fortalecer o apoio à autonomia, e melhorar as habilidades e os relacionamentos interpessoais. Importante destacar que na EC, prioriza-se o envolvimento dos jovens

no esporte e o prazer por progredir no esporte à longo prazo, pois os resultados competitivos são considerados uma consequência natural do processo.

Ainda, diante da grande diversidade nos objetivos e pressupostos que norteiam os programas esportivos atuais, Wiersma (2005) sugere a criação de um novo sistema de classificação que deixe claros os objetivos e metas de cada programa competitivo. Segundo o autor, os benefícios da categorização de sistemas esportivos estão no fato dos pais terem à disposição as informações necessárias (objetivos, vieses, expectativas) para inscrever seus filhos em programas adequados a cada realidade. A proposta é dividida em quatro níveis de progressão. O primeiro nível é caracterizado pela ausência de competição formal, modificações em equipamentos e regras (de acordo com os níveis de habilidades e de desenvolvimento dos participantes) e igualdade de oportunidades (de jogar), tendo como objetivo desenvolver o gosto pelo esporte. O segundo apresenta níveis baixos de competição (competições locais) e igualdade nas oportunidades de vencer (distribuição uniforme dos jogadores mais habilidosos entre as equipes), tendo como objetivo o desenvolvimento de habilidades e a diversão. O terceiro nível corresponde ao desenvolvimento de habilidades avançadas e à competição com alto grau de comprometimento, a qual possui maior exigência física, emocional e psicológica. Por fim, o quarto nível é caracterizado pela participação competitiva durante o ano todo, intensidade crescente de acordo com o desenvolvimento (físico e maturacional), dedicação de tempo elevada e restrição de outras atividades esportivas, tendo como objetivo alcançar o alto rendimento esportivo em um processo de alguns anos (WIERSMA, 2005).

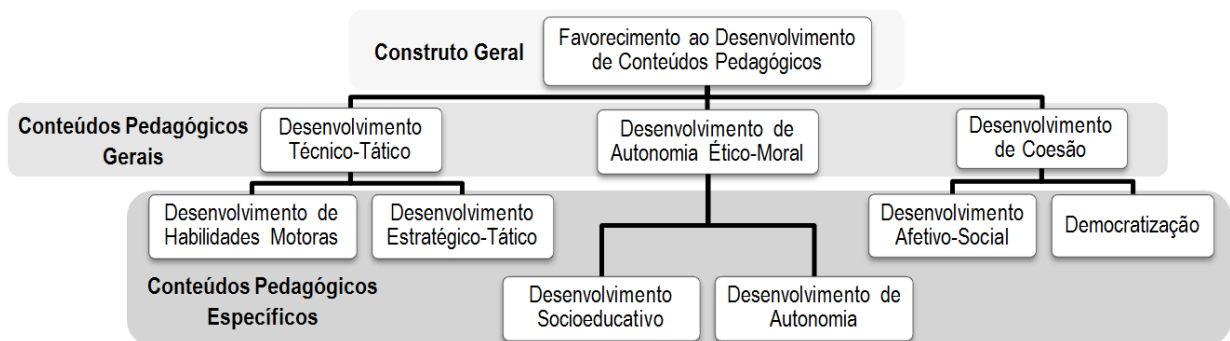
Apesar dos diferentes modelos competitivos propostos, pouco se sabe sobre quais modificações são mais benéficas para as crianças, se há algum número mínimo de modificações necessárias para auxiliar efetivamente no processo de desenvolvimento, ou com qual combinação de modificações se cria uma melhor experiência (BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011). Estudos sobre as competições infantojuvenis são bastante desafiadores, uma vez que o ambiente competitivo se constitui por vezes tenso e agitado, além de os jovens geralmente estarem acompanhados integralmente dos pais ou técnicos, aspectos que podem dificultar o processo de coleta de dados (CAPRANICA; MILLARD-STAFFORD, 2011). Cabe destacar ainda que o processo de avaliação das competições raramente é realizado pelos organizadores, fazendo com que praticamente não haja

informações disponíveis para que as experiências competitivas dos atletas possam ser melhoradas (BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011).

2.2 OS CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS DA COMPETIÇÃO

A partir da perspectiva anteriormente apresentada – relação de complementaridade entre treino e competição, alinhamento entre os objetivos do treino e da competição, e papel pedagógico da competição –, fica evidenciado que a competição também deverá contemplar os conteúdos pedagógicos preconizados no esporte infantojuvenil (LIMA, 1987; MARQUES; OLIVEIRA, 2002; MARQUES, 2004). Em acordo com o modelo de Côté e Hancock (2014), que pressupõe que uma prática esportiva pode contribuir simultaneamente para o desenvolvimento de diferentes objetivos - Desempenho, Desenvolvimento Pessoal e Participação –, Gonçalves (2018) desenvolveu um Modelo Teórico-Explicativo Multidimensional referente ao Favorecimento ao Desenvolvimento de Conteúdos Pedagógicos no Esporte Infantojuvenil (Figura 1).

Figura 1 – Modelo Teórico-Explicativo Multidimensional relativo ao favorecimento ao Desenvolvimento de Conteúdos Pedagógicos no Esporte Infantojuvenil



Fonte: Gonçalves, 2018

O primeiro nível do modelo contempla os Conteúdos Pedagógicos Gerais (CPG) – Desenvolvimento Técnico-Tático (DTT); Desenvolvimento de Autonomia Ético-Moral (DAEM); Desenvolvimento de Coesão (DCo). No segundo nível, cada CPG subdivide-se em dois Conteúdos Pedagógicos Específicos (CPE), respectivamente: Desenvolvimento de Habilidades Motoras (HM) e Estratégico-Tático (ET), relacionados ao DTT; Desenvolvimento Socioeducativo (SE) e de Autonomia (Au), relacionados ao DAEM; Desenvolvimento Afetivo-Social (AS) e

Democratização (De), relacionados ao DCo. Já o terceiro nível engloba as orientações oriundas de cada CPE. A seguir, serão abordados os CPG, os CPE e suas respectivas orientações.

2.2.1 Desenvolvimento Técnico-Tático (DTT)

O DTT é bastante abordado na literatura especializada, pois constitui um dos principais objetivos da pedagogia do esporte (BUNKER; THORPE, 1982; PAES, 2002; SCAGLIA; SOUZA, 2004; KRÖGER; ROTH, 2002; ROTH, 2017). O desenvolvimento dos aspectos técnico-táticos se relaciona principalmente ao esporte de rendimento - caracterizado pelo desempenho esportivo -, uma vez que estes são fundamentais para a melhoria da performance esportiva (GAYA; TORRES, 2004; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Para se adquirir uma competência esportiva, o desenvolvimento de habilidades motoras (incluindo desenvolvimento e aperfeiçoamento técnico) e dos aspectos cognitivos (compreensão do jogo, tomada de decisão e resolução de problemas) precisam ser contemplados (BUNKER; THORPE, 1982; SIEDENTOP, 1998; 2002; KROGER; ROTH, 2002; ROTH, 2017). Assim, o DTT subdivide-se em dois CPE: HM e ET.

2.2.1.1 Desenvolvimento de Habilidades Motoras (HM)

O desenvolvimento das habilidades motoras é considerado um dos principais objetivos da educação física (TANI, 1992). A habilidade motora pode ser compreendida como a habilidade de realizar um movimento com certo grau de proficiência – constituindo uma ação intencional com intuito de alcançar objetivos predeterminados (TANI; SANTOS; JÚNIOR, 2006; TANI; CORRÊA, 2016). Segundo Tani, Santos e Júnior (2006), a habilidade motora está fortemente ligada à técnica, tendo um importante papel em sua evolução. Enquanto a habilidade é considerada uma capacidade pessoal e interna, a técnica é considerada uma informação impessoal, objetiva, a qual pode ser transmitida às outras pessoas através de palavras. Nessa relação, a técnica é entendida como um produto final do processo de busca por uma solução adequada para um problema motor (TANI; SANTOS; JUNIOR, 2006).

O período da infância é considerado ideal para o desenvolvimento das habilidades motoras, pois nesta faixa de idade (principalmente dos 8 aos 12 anos) há um período sensível de aprendizagem (GALLAHUE; DONELLY, 2008). Os movimentos desenvolvidos nestas idades, portanto, serão determinantes para toda a vida dos jovens (BARBANTI; TRICOLI, 2004). Considerando o caráter generalista da criança, recomenda-se que nesse período seja proposta e estimulada a prática de atividades motoras variadas - nas aulas e na competição -, incluindo a participação em diferentes modalidades esportivas (WERNER; THORPE; BUNKER, 1996; BARBANTI, 2005). A diversificação nas idades iniciais diminui as chances de ocorrer um processo de especialização precoce, não impede uma futura participação no esporte de rendimento e está estreitamente ligada a uma carreira esportiva mais longa (CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

O desenvolvimento das habilidades motoras pode ser estimulado a partir da adequação do esporte a seus participantes, considerando as idades e os níveis de desenvolvimento. Essa adequação da prática se refere às modificações estruturais – como o espaço de jogo e os materiais – e funcionais – como regras que tornem o esporte mais simples e fácil (BUNKER; THORPE, 1982; BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011; MILISTETD *et al.*, 2014). O primeiro aspecto pode ser exemplificado através da diminuição das dimensões de quadra, das goleiras, da altura da rede, da tabela, e da utilização de bolas mais leves e de raquetes menores. Já o segundo pode ser expresso através da implementação de regras que alterem o número de jogadores em quadra/campo, o número toques permitidos, os objetivos do jogo, entre outros. Essas modificações favorecem o aprendizado e desenvolvimento das habilidades motoras, o emprego das técnicas corretas e ajudam a prevenir lesões (ELDERTON, 2010; NEWMAN, 2010; SANZ, 2017).

O HM ainda é subdividido em três orientações, constituindo o terceiro nível de modelo apresentado (GONÇALVES, 2018). São elas: (1) “Orientação à Pertinência” (OPe), a qual contempla os aspectos relacionados à adequação da prática a seus participantes, considerando fundamentalmente seus estágios motores; (2) “Orientação à Evolução” (OEv), a qual contempla os aspectos referentes à facilitação no desenvolvimento das habilidades motoras; (3) “Orientação à Conformação” (OCf), a qual abrange os aspectos relacionados às modificações estruturais e funcionais implementadas.

2.2.1.2 Desenvolvimento Estratégico-Tático (ET)

Os aspectos estratégico-táticos do esporte estão fortemente associados aos processos cognitivos referentes à percepção, análise da situação e tomada de decisão (SILVA; GRECO, 2009). A estratégia corresponde aos planos de ação previamente estabelecidos para um determinado período de tempo (campeonato, jogo, set), a qual é elaborada a partir das qualidades e limitações da equipe (ou jogador) e de seus adversários (GRÉGAINE; GODBOUT; BOUTHIER, 1999; GARGANTA, 2004). São estratégias da equipe, por exemplo, priorizar um jogo mais defensivo (caso seus jogadores possuam essa característica como ponto forte), ou mais ofensivo (caso os jogadores possuam essa qualidade). Já a tática refere-se à aplicação de uma estratégia às situações específicas encontradas nos jogos (GRÉGAINE; GODBOUT; BOUTHIER, 1999; GARGANTA, 2004). A tática se relaciona, portanto, às decisões individuais dos jogadores, como o momento de executar uma jogada, a direção de um passe, o efeito escolhido para uma rebatida, entre outros. Cabe ressaltar que as ações táticas devem ser balizadas pela estratégia, anteriormente estabelecida.

Durante os jogos, os jogadores são reiteradamente desafiados a tomar decisões, fator determinante para o sucesso das ações de jogo. A eficiência tática consiste na capacidade de avaliar as diferentes situações e decidir rapidamente, estando estreitamente relacionada à capacidade de encontrar soluções (GRÉGAINE; GODBOUT; BOUTHIER, 1999). Para Tavares, Greco e Garganta (2006, p. 291), a resolução de problemas nos jogos “[...] é um processo que envolve diferentes processos cognitivos, como o pensamento, a memória, a percepção e a tomada de decisão, todos relacionados e apoiados entre si em estruturas de conhecimento”. Assim, as habilidades táticas no contexto esportivo envolvem a capacidade de determinar a decisão mais apropriada – e possível de ser executada de forma satisfatória - de acordo com as situações de jogo, considerando as limitações (físicas e técnicas) de cada jogador (ELFERINK-GEMSER, 2016). A tomada de decisões táticas requer conhecimento prévio, sendo fundamental seu desenvolvimento no treino e na competição (GRÉGAINE; GODBOUT; BOUTHIER, 1999).

De modo geral, compreende-se que os princípios do comportamento tático podem ser desenvolvidos de forma implícita, a partir de situações variadas e

contextualizadas e dentro da própria estrutura do jogo (WERNER; THORPE; BUNKER, 1996; TAVARES; GRECO; GARGANTA, 2006). O desenvolvimento estratégico-tático pode ser estimulado a partir de modificações nos equipamentos, no espaço de jogo, no número de jogadores, nas ações técnicas ou nas regras do jogo (WERNER; THORPE; BUNKER, 1996; BARBANTI, 2005; TAVARES; GRECO; GARGANTA, 2006). Da mesma forma que os aspectos motores, o desenvolvimento dos aspectos cognitivos deve seguir um nível progressivo de complexidade nas tarefas e formas de jogo propostas, respeitando os estágios de desenvolvimento dos jovens (WERNER; THORPE; BUNKER, 1996; GARGANTA, 2004).

O ET ainda é subdividido em três orientações, respectivamente: (1) “Orientação à Conformação” (OCf), a qual abrange os aspectos relacionados às modificações estruturais e funcionais implementadas; (2) “Orientação à Pertinência” (OPe), a qual contempla os aspectos relacionados à adequação da prática a seus participantes, considerando fundamentalmente seus níveis de conhecimento tático e as competências de colocar em prática; (3) “Orientação à Cognição” (OCg), a qual compreende os aspectos relacionados ao desenvolvimento da percepção e tomada de decisão (GONÇALVES, 2018).

2.2.2 Desenvolvimento de Autonomia Ético-Moral (DAEM)

O desenvolvimento da autonomia ético-moral está mais associado ao esporte educacional - caracterizado fundamentalmente pelo desenvolvimento pessoal -, uma vez que transcende o campo esportivo (GAYA; TORRES, 2004; COTÉ; HANCOCK, 2014). O desenvolvimento pessoal é considerado uma das premissas fundamentais do esporte infantojuvenil, tendo em vista seu caráter educativo e formativo (SIEDENTOP, 1998; FREIRE, 2003; SCAGLIA; SOUZA, 2004; PAES; BALBINO, 2005; KIRK, 2005). Esses aspectos se apoiam na ideia de formar cidadãos – autônomos e que cultivem princípios e valores – antes de formar o atleta. O DAEM pode ser caracterizado, portanto, através do SE e Au.

2.2.2.1 Desenvolvimento Socioeducativo (SE)

O desenvolvimento socioeducativo possui papel fundamental no processo de formação esportiva (SANTANA, 2005; PAES; BALBINO, 2009). O esporte,

independentemente do viés, possui uma tarefa educativa e formativa primordial (FREIRE, 2003; BENTO, 2004; PAES; BALBINO, 2005; KIRK, 2005; MARQUES, 2006). Compreende-se o ambiente esportivo como um espaço propício para a promoção de valores - éticos, morais e sociais - e atitudes - ou condutas de comportamento esportivas -, que servirão de preparação para além do contexto esportivo (GUIMARÃES *et al.*, 2001; BARBANTI; TRICOLI, 2004; BENTO, 2004; PAES; BALBINO, 2009). Dessa forma, faz-se relevante o desenvolvimento de aspectos como o respeito (às regras, adversários, treinadores, árbitros, pais), e o *fair-play* (BENTO, 2004).

Segundo Marques (2004), a educação através do esporte e da competição ocorre principalmente a partir das experiências das vitórias e derrotas, e dos significados que lhes são atribuídas. As potencialidades educativas se fazem presentes na aceitação da derrota, na nobreza da vitória e nas condutas e comportamentos que pressupõem o ambiente esportivo. Para tanto, a competição e a vitória devem seguir regras e princípios condizentes com o processo formativo dos jovens – respeitando suas exigências biológicas, motoras, cognitivas, sociais e ético-morais (MARQUES, 2004; BALBINOTTI; BALBINOTTI, 2008). A vitória é indiscutivelmente importante nas competições profissionais, no entanto, a derrota possui um papel pedagógico e moral importante para a vida. Esta deverá servir como motivação para se preparar melhor e buscar a vitória nos próximos desafios (BALBINOTTI; BALBINOTTI, 2008) - uma vez que o treino e a competição perdem seu sentido quando não há esforço empregado para superar os oponentes (GAYA; TORRES, 2004).

O desenvolvimento socioeducativo pode ser estimulado a partir do aumento do número de opções competitivas, de modificações nas regras e do reforço dos valores e atitudes esportivas. O aumento do número de opções competitivas contribui para ampliar as chances de sucesso dos participantes (MARQUES, 2004). A utilização de diferentes tipos de jogos contextualizados, com modificações nas regras (vantagem numérica, vantagem técnica, vantagem tática), bem como atividades em grupos, também são considerados importantes, visando proporcionar a todos maior equilíbrio nas experiências de vitórias e derrotas. Cabe ressaltar que todas essas experiências devem ser balizadas a partir do cumprimento das regras determinadas e seguindo um código de conduta e comportamentos esportivos adequados, como o *fair-play*, o esforço máximo e o respeito (FRASER-THOMAS,

COTÉ, DEAKIN, 2005). Algumas modalidades, por exemplo, possuem em suas competições infantis premiações aos participantes tanto por critérios de desempenho – vencedores - quanto por critérios éticos e morais – *fair-play*, esforço, amizade, entre outros -, como proposto por Siedentop (1998; 2002).

Ainda, o SE é subdividido em duas orientações, as quais constituem o terceiro nível do modelo apresentado (GONÇALVES, 2018). Respectivamente: (1) “Orientação à Concorrência” (OCc), a qual contempla os aspectos educativos referentes às vitórias e derrotas; (2) “Orientação à Ética” (OEt), a qual compreende as questões relacionadas aos valores e atitudes no esporte.

2.2.2.2 *Desenvolvimento de Autonomia (Au)*

O desenvolvimento da autonomia é uma das premissas fundamentais do ensino através do esporte (PAES; BALBINO, 2009). Nesse sentido, autores (SANTANA, 2005; BARROSO; DARIDO, 2009) compreendem a importância de que a pedagogia do esporte caminhe para o desenvolvimento de cidadãos autônomos. Segundo Ryan e Deci (2006), a autonomia pode ser definida como a autorregulação do indivíduo, relacionada à capacidade de autogovernar-se, tomar suas próprias decisões com base em seus princípios e vontades. Assim, seu desenvolvimento adequado contribui para os jovens em diferentes aspectos, como na capacidade de resolução de problemas, no reconhecimento da dependência dos outros e na identificação de sua condição humana (PAES; BALBINO, 2009).

Embora o desenvolvimento da autonomia seja tratado por diversos autores, poucas são as discussões acerca de sua aplicabilidade prática de forma intencional (MACHADO *et al.*, 2011). Possivelmente devido a esse fato, os treinadores – que possuem a responsabilidade de criar um ambiente favorável para o desenvolvimento da autonomia – muitas vezes acabam por inibir as possibilidades de progresso de seus alunos. O processo de condução excessiva dos jogadores (e de suas práticas) e a mera indicação das soluções para os problemas por parte do treinador podem tornar os jovens dependentes, pouco autônomos com escassa criatividade (TAVARES; GRECO; GARGANTA, 2006). Para que isso não ocorra, deve-se estimular a criatividade e liberdade, de forma que os alunos consigam realizar suas escolhas, tomar decisões e conduzir sua prática (SCAGLIA; SOUZA, 2004). Cabe

salientar que esse processo deve respeitar o conhecimento pregresso dos alunos, e buscar, simultaneamente, ampliar esse universo.

As atitudes autônomas se fazem presentes em todo o processo de formação esportiva, e podem ser estimuladas a partir da participação dos alunos na discussão e construção de regras, e no desenvolvimento das atividades, como competidor, organizador, árbitro, entre outros (SIEDENTOP, 1998; 2002). Nesse sentido, autores (MACHADO *et al.*, 2011; STRATCHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2011) trazem exemplos práticos de como os treinadores podem estimular os alunos a terem atitudes autônomas, como incentivar os participantes a conduzir suas atividades de forma independente, fazer questionamentos, reunir-se em grupo, assumir responsabilidades, discutir estratégias de jogo, propor alternativas, trocar informações, elaborar atividades. Em algumas modalidades, como o tênis, os próprios jogadores desempenham as atribuições do árbitro em suas partidas desde as categorias iniciais (CBT, 2018a).

O Au ainda é subdividido em duas orientações, respectivamente: (1) “Orientação à Liberdade de Expressão” (OLE), a qual contempla os aspectos referentes à manifestação de pensamentos, opiniões e ideias; (2) “Orientação à Tomada de Decisão” (OTD), a qual compreende os aspectos relacionados ao poder de escolha dos participantes (GONÇALVES, 2018).

2.2.3 Desenvolvimento de Coesão (DCo)

O DCo está mais atrelado ao esporte de lazer - caracterizado pelo enfoque na participação – uma vez que contempla os aspectos relacionados à satisfação pessoal e à democratização do esporte (GAYA; TORRES, 2004; COTÉ; HANCOCK, 2014; GONÇALVES, 2018). Nesse sentido, o desenvolvimento dos aspectos afetivo-sociais, como o envolvimento e a sensação de pertencimento são fundamentais para a motivação das crianças e jovens (SIEDENTOP; 1998; 2002; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005). Para tanto, precisam ser fortalecidos aspectos que fomentem a democratização esportiva, como a participação e inclusão das crianças e jovens (FREIRE, 2003; PAES, 2006). Assim, o DCo é subdividido em AS e De.

2.2.3.1 Desenvolvimento Afetivo-Social (AS)

O desenvolvimento dos aspectos afetivo-sociais é considerado de grande importância pelos autores especializados (SIEDENTOP, 1998; PAES, 2001; 2002; FREIRE, 2003; SCAGLIA, 2003; SCAGLIA; SOUZA, 2004; LEONARDI *et al.*, 2014). O envolvimento dos participantes no esporte infantojuvenil muitas vezes se justifica por razões sociais, como o desejo de fazer parte de uma equipe, de estar com os amigos ou de ter um reconhecimento social (ALLEN, 2003). A prática esportiva possui papel fundamental no processo de socialização, principalmente ao se tratar do período da infância, no qual devem ser desenvolvidas as competências sociais e pessoais da criança (BARBANTI; TRICOLI, 2004). Essas competências estão relacionadas às habilidades intrapessoais – capacidade de compreensão das suas emoções e autocontrole - e às habilidades interpessoais – capacidade de trabalho em equipe e desenvolvimento de relações com os outros indivíduos por meio da comunicação, colaboração e negociação.

Os aspectos afetivo-sociais se fazem presentes nas relações dos jovens com seus companheiros de equipe, adversários, pais e treinadores, e no sentimento de pertencimento ao grupo ou equipe (SIEDENTOP, 1998; 2002; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005). Esses fatores são considerados fundamentais para o desenvolvimento e para motivação das crianças e jovens, pois estão atrelados a sensação de conexão com os demais indivíduos (RYAN *et al.*, 2009). Na medida em que há a necessidade de pertencer a um determinado grupo, os indivíduos podem apresentar tendências a procurar interações interpessoais e cultivar relacionamentos (ALLEN, 2003). No entanto, cabe destacar que os jovens podem ser impactados positivamente - ao formar e solidificar laços sociais, construir amizades, ser aceito pelo grupo, sentir-se importante - ou negativamente – ao desfazer relacionamentos, ter problemas de convivência, não ser aceito pelo grupo, entre outros.

Segundo Allen (2003), o ambiente social esportivo por si só pode causar impactos positivos na motivação e interesse dos participantes. A vantagem de um ambiente diversificado e lúdico no esporte durante a infância é de proporcionar aos jovens uma amplitude de experiências que enfatizam a diversão antes do compromisso com uma atividade esportiva específica (COTÉ; HANCOCK, 2014). Intencionalmente, o desenvolvimento afetivo-social pode ser estimulado através de atividades que incentivem a cooperação dos alunos, como jogos em duplas ou por

equipes, e de atividades que preconizam a integração dos participantes - antes, durante e após os treinos e jogos (TENNANT, 2002; 2010). Além disso, a afiliação a uma equipe, escola ou clube, pode ser importante para o desenvolvimento afetivo-social da criança - através do vínculo criado entre os participantes e a sensação de pertencimento ao grupo (SIEDENTOP, 2002). A reunião desses fatores no contexto esportivo oferece aos participantes a oportunidade de estar entre amigos, melhorar suas habilidades sociais e ganhar reconhecimento e status através do esporte.

Assim, o AS é subdividido em duas orientações: (1) “Orientação à Sinergia” (OSi), a qual contempla os aspectos referentes ao desenvolvimento de interações entre os participantes com objetivos comuns; “Orientação à Afeição” (OAF), a qual compreende as questões relacionadas ao desenvolvimento de relações interpessoais (GONÇALVES, 2018).

2.2.3.2 Democratização (De)

No esporte, a democratização se caracteriza fundamentalmente na participação e inclusão dos participantes. Freire (2003) afirma que o esporte deve ser ensinado a todos os indivíduos, pois é considerado um direito universal. Nesse sentido, o ensino deve contemplar as necessidades tanto daqueles que não possuem experiências anteriores em uma prática quanto àqueles que já possuem um nível de aptidão maior, ou que partem de um maior entendimento sobre o jogo (FREIRE, 2003) - uma vez que as bases da participação esportiva a longo prazo são construídas e consolidadas logo no período da infância (COTÉ; HANCOCK, 2014). No entanto, para que todos tenham a oportunidade de participar, os processos de treino e competição devem ser estruturados e conduzidos de acordo com as características e possibilidades dos mais jovens em suas diferentes dimensões (LIMA, 1987; MARQUES, 2004).

A participação se faz presente no envolvimento dos alunos no processo de ensino e competição, bem como na igualdade de oportunidades oferecidas nas atividades – tanto em relação ao tempo de prática quanto aos diferentes papéis exercidos pelos jovens durante todo o processo (SIEDENTOP, 1998; 2002; COTÉ; HANCOCK, 2014). Esses papéis referem-se à experimentação dos participantes nas diferentes posições de jogo (para esportes coletivos) e no desempenho das funções de capitão, treinador, organizador ou árbitro. Já a inclusão ocorre a partir do

momento em que todos os alunos possam participar das atividades, independentemente de suas habilidades ou limitações – físicas, técnicas, psicológicas (PAES, 2001; FREIRE, 2003). Deve-se buscar alternativas para minimizar principalmente as diferenças ocasionadas pelo desenvolvimento maturacional e físico, evitando que apenas os maiores tenham possibilidades de sequência no esporte.

Alterações no espaço do jogo, nos materiais e nas regras poderiam colaborar para maior participação e inclusão dos jovens (PAES; BALBINO, 2009; CHALIP; HUTCHINSON, 2016). As modificações do espaço de jogo e dos materiais, como diminuição de dimensões de quadra, de altura (tabela, rede) e a utilização de equipamentos adaptados (bolas, raquetes) visam contribuir para a diminuição das diferenças físicas entre as crianças. A proposição de regras que favoreçam a participação, como obrigatoriedade de que todos da equipe atuem, número de substituições ilimitadas, possibilidade de um jogador substituído voltar ao jogo e que os participantes experimentem as diferentes posições são algumas alternativas nesse sentido. Já a implementação de formatos de competição que garantam um número mínimo de jogos para os participantes, sem que os menos habilidosos sejam subitamente eliminados, também poderia oferecer maiores oportunidades de desenvolvimento (TENNANT, 2010).

Assim, as orientações que compõem De são: (1) “Orientação à Inclusão” (OIn), a qual compreende os aspectos referentes à oportunidade da vivência esportiva a todos; “Orientação à Participação” (OPa), a qual contempla os aspectos relacionados à facilitação do acesso e estimulação da participação do maior número de pessoas (GONÇALVES, 2018).

2.3 A COMPETIÇÃO INFANTOJUVENIL DE TÊNIS

Para apresentar um panorama detalhado das competições infantojuvenis de tênis, primeiramente serão discutidas as recomendações gerais para as competições das crianças e jovens. Após, serão detalhados os modelos implementados por países reconhecidos pelo trabalho de excelência no tênis desde as idades iniciais. E, por fim, serão abordadas as competições infantojuvenis de tênis vigentes no Brasil.

2.3.1 Recomendações para as competições infantojuvenis de tênis

Segundo Tennant (2010), as competições de tênis infantis podem contribuir para o aumento da quantidade e da qualidade dos jogadores. Para tanto, Tennant (2002) e Barrell (2007) propõem que as competições de tênis para os mais novos sejam: 1) variadas, nas quais os participantes devem ter oportunidade de jogar diferentes tipos de jogos; 2) agradáveis, estimulando o desenvolvimento dos aspectos sociais e enfatizando o progresso e esforço; 3) regulares, estimulando o desenvolvimento técnico-tático e psicológico dos participantes, bem como a participação de todos; 4) locais, facilitando a participação dos jogadores; 5) e curtas, considerando o tempo de concentração e as capacidades físicas dos mais jovens.

Com o intuito de adequar e padronizar as competições de acordo com as possibilidades da criança, foi implementado pela *ITF* no ano de 2012 um novo sistema de regras oficiais para competições infantis: o *Tennis 10's*. Essa proposta visa fornecer uma estrutura que ofereça uma introdução saudável à competição de tênis, considerando as idades e o desenvolvimento dos jogadores. As modificações propostas visam garantir alguns aspectos, como: melhorar o desenvolvimento; enfatizar o esforço e os avanços acima dos resultados; oferecer mais oportunidades de jogar e socializar; e estimular a participação (MILEY, 2010). A partir desses pressupostos, foram criados três estágios competitivos até os 10 anos: o estágio vermelho, o estágio laranja e o estágio verde.

Cada estágio possui conteúdos e recomendações específicas relacionadas aos materiais (quadra, bola, raquete), formatos de pontuação, formatos de competição, estrutura e carga competitiva (ITF, 2012), os quais são apresentados a seguir. Os conteúdos preconizados em cada estágio são:

- Estágio vermelho: construção do *rally* e desenvolvimento técnico-tático básico (com ênfase em sacar, trocar bolas e jogar);
- Estágio laranja: compreensão tática, implementação de táticas mais avançadas (atacar/defender) e exploração do jogo de rede;
- Estágio verde: habilidades físicas (para cobrir o espaço de jogo aumentado), avanço no desenvolvimento técnico-tático e maior autonomia.

Para que tais conteúdos sejam contemplados de forma facilitada, foram instituídas algumas adequações (Quadro 1).

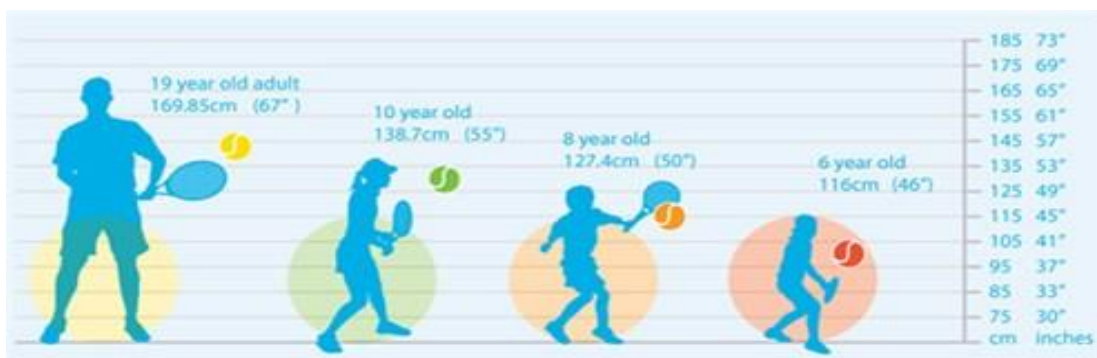
Quadro 1 - Especificações nas categorias até 10 anos

Estágio	Bola	Altura da rede (no centro)	Dimensões de quadra	Raquetes (polegadas)
Vermelho 5-8 anos	75% mais lenta* (7-8cm; 36-46,9 gramas)	0,80 – 0,83m	11m x 5,5m	Até 23''
Laranja 6-9 anos	50% mais lenta* (6,00-6,8cm; 36- 46,9 gramas)	0,80 – 0,83m	18m x 6,5m	23-25''
Verde 9-10 anos	25% mais lenta* (6,30-6,86cm; 47- 51,5 gramas)	0,91m (oficial)	23,77m x 8,23m	25-26''

* Em relação à bola oficial (amarela).

Fonte: Adaptado de ITF (2012; 2014)

No *Tennis 10's*, três tipos de bolas foram implementados: a bola vermelha, 75% mais lenta que a oficial, e de maior diâmetro; a bola laranja, 50% mais lenta que a oficial; e a bola verde, 25% mais lenta que a oficial. A utilização de bolas mais lentas visa contribuir em dois aspectos principais: na facilitação do desenvolvimento técnico e do desenvolvimento tático (ELDERTON, 2010; NEWMAN, 2010). O primeiro aspecto diz respeito basicamente à altura do quique da bola – proporcional à estatura das crianças (Figura 2) – e ao maior tempo de reação proporcionado, o que facilitaria o emprego correto das técnicas específicas da modalidade. Já o segundo aspecto diz respeito a uma condição tática mais aproximada do jogo adulto, uma vez que a utilização das técnicas adequadas e o maior tempo de reação permitiriam a implementação de táticas mais avançadas.

Figura 2 - Altura média do quique da bola vs altura média dos jogadores

Fonte: ITF (2012)

As dimensões de quadra e a altura da rede também foram adaptadas levando-se em consideração a estatura das crianças, o que tende a contribuir para o desenvolvimento da movimentação e de táticas mais aproximadas do jogo adulto (ELDERTON, 2010). Para Newman (2010), caso as crianças menores joguem em quadras oficiais, é esperado um aumento significativo no número de passos dados e, conseqüentemente, a movimentação e as táticas se tornam irrealistas e inadequadas quando comparadas às dos jogos adultos. O estágio verde, nesse caso, é considerado de transição entre as categorias com adequações e as convencionais, sendo disputado em quadras com dimensões oficiais (23,77x8,23m) – porém com bolas mais lentas (verdes).

Já o tamanho das raquetes sugerido depende do desenvolvimento físico (estatura, força), bem como do nível de jogo de cada participante – sendo essa uma escolha pessoal. Além das modificações nos equipamentos, a ITF (2014) possui recomendações específicas com relação aos formatos de pontuação e formatos da competição (Quadro 2).

Quadro 2 – Formatos de pontuação e competição nas categorias até 10 anos

Estágios	Formatos de pontuação	Formatos de competição
Vermelho 5-8 anos	<i>Tie-break</i> até 7 ou 10 pontos; Melhor de 3 <i>tie-breaks</i> até 7; 1 <i>set</i> curto (até 4 <i>games</i>); Jogos por tempo.	Equipes; <i>Round Robin</i> .
Laranja 6-9 anos	Melhor de 3 <i>tie-breaks</i> até 7; 1 <i>set</i> curto; 2 <i>sets</i> curtos + <i>tie-break</i> .	<i>Round Robin</i> ; <i>Compass Draw</i> .
Verde 9-10 anos	1 <i>set</i> curto; 2 <i>sets</i> curtos + <i>match tie-break</i> (até 10); 2 <i>sets</i> + <i>match tie-break</i> .	<i>Round Robin</i> ; <i>Round Robin</i> para eliminatório; <i>Compass</i> <i>Draw</i> ; Eliminatório Simples.

Fonte: Adaptado de ITF (2012; 2014)

Além das modificações estruturais, os formatos de pontuação propostos demonstram uma progressão a ser seguida entre os estágios. Nas categorias menores, há a preferência pela utilização de pontuações simplificadas, como *tie-breaks* – pela maior facilidade no entendimento, na contagem de pontos e pela agilidade dos jogos. O aumento na complexidade dos formatos de pontuação – como a utilização dos *sets* até quatro *games* - visa respeitar o desenvolvimento das

crianças, sendo balizado principalmente pelo tempo de esforço e quantidade de jogos recomendada nas competições.

Ainda, os formatos de competição também foram modificados e sugeridos de forma progressiva. Os formatos mais recomendados para as competições infantis de tênis são (ITF, 2012):

- Equipes: no qual as crianças são divididas em duas equipes, e disputam diversas partidas (por tempo ou com pontuações simples) contra os membros da equipe adversária. Garante mais de um jogo para cada participante;
- *Round Robin*: formato no qual os jogadores são dispostos em grupos, jogam entre si e o jogador com maior número de vitórias sagra-se campeão. Garante um mínimo dois jogos para cada participante (depende do número de jogadores no grupo);
- *Round Robin* para eliminatório: formato no qual os jogadores são o dispostos em grupos, jogam entre si e os melhores colocados avançam para a próxima fase (eliminatória). Garante um mínimo de dois jogos para cada participante (depende do número de jogadores no grupo);
- *Compass Draw*: formato que consiste na formulação das chaves no centro da “bússola” (na folha), no qual os jogadores vencedores da primeira rodada avançam para o lado leste da chave, e enfrentam outros vencedores. O jogador que perde o primeiro jogo avança à oeste, e enfrenta outro participante que foi derrotado na primeira rodada. Os vencedores e perdedores da segunda rodada são novamente dispostos (para sul e norte da chave, respectivamente). Garante um mínimo de três jogos para cada competidor.

Cada formato pode apresentar vantagens e desvantagens, dependendo dos objetivos da competição. Vale ressaltar apenas que o formato Eliminatório Simples não parece ser o mais adequado, pois neste geralmente apenas os melhores jogadores terão a oportunidade de disputar mais jogos, diminuindo as oportunidades aos competidores mais jovens ou iniciantes. De acordo com Barrell (2007), nesta faixa etária é mais importante que a criança dispute várias partidas curtas do que apenas uma partida longa, pois permite a ela jogar com uma maior variedade de oponentes, o que lhe trará maior experiência competitiva.

Por fim, a ITF (2014) propõe suas recomendações com relação à estrutura e carga competitiva (Quadro 3). Esses aspectos são bastante relevantes, uma vez que a competição deve respeitar às características e possibilidades (físicas e psicológicas) dos participantes. As cargas competitivas, como os demais aspectos

anteriormente abordados, são dispostas de forma progressiva de acordo com o desenvolvimento das crianças. Ainda, a duração das competições recomendada pela ITF (2012, 2014) varia de uma a três horas para o estágio vermelho, de duas a quatro horas para o estágio laranja e de três horas até um dia para o estágio verde.

Quadro 3 - Estrutura e carga competitiva nas categorias até 10 anos

Estágios	Estrutura competitiva	Carga competitiva
Vermelho 5-8 anos	Sem competições ou rankings nacionais; formatos sem vencedores (festivais); disputas em duplas.	Jogos de até 20 minutos; de 4 e 10 jogos por dia; descanso mínimo de 20 minutos entre jogos; competições curtas.
Laranja 6-9 anos	Sem competições e rankings nacionais; disputas individuais e por equipes.	Jogos de até 50 minutos; de 1 e 3 jogos por dia; descanso mínimo de 30 minutos entre os jogos.
Verde 9-10 anos	Sem rankings nacionais; torneios nacionais por equipes; torneios nacionais individuais.	Jogos de até 75 minutos; de 1 a 3 jogos por dia; descanso mínimo de 45 minutos entre jogos; 25% dos jogos em duplas.

Fonte: Adaptado de ITF (2014)

Vale destacar que a partir da categoria “12 anos”, algumas recomendações são diferentes. Apesar de Unierzyski (2005) defender que as categorias competitivas infantojuvenis tenham objetivos que favoreçam o processo de treinamento a longo prazo, estas não parecem se diferenciar tanto do modelo competitivo adulto. A recomendação da ITF (2014) é de que as competições a partir da categoria “12 anos” sejam disputadas com bolas convencionais e em quadras oficiais (23,77m x 8,23m).

O formato de pontuação indicado é similar ao utilizado no sistema competitivo adulto – melhor de 3 sets -, mas há a possibilidade da utilização de sets curtos (até 4 games). A maior diferença com relação ao modelo competitivo adulto se encontra no formato de competição, que varia de acordo com o nível do torneio - *Round Robin* ou *Compass Draw* para os eventos locais; Eliminatório Simples para as competições nacionais e internacionais (ITF, 2014). Também cabe salientar que nas categorias maiores (“12 anos”, “14 anos”, “16 anos”), os rankings nacionais e internacionais se fazem presentes (Quadro 4). Como esperado, a carga competitiva recomendada é mais alta do que nas idades anteriores, somando de 1 a 3 jogos por dia – com

formato de pontuação oficial do tênis, e tempo mínimo de descanso entre jogos de 60 minutos (ITF, 2014).

Quadro 4 - Estrutura e carga competitiva a partir da categoria “12 anos”

Categorias	Estrutura competitiva	Carga competitiva
“12 anos” “14 anos” “16 anos”	Torneios nacionais e internacionais; rankings nacionais e internacionais.	De 1 a 3 jogos por dia de competição (no máximo dois de simples e um de duplas); Máximo de 100 jogos por ano (com pontuação oficial).

Fonte: Adaptado de ITF (2014)

2.3.2 Modelos competitivos vigentes no tênis infantojuvenil

De modo geral, os modelos competitivos vigentes no tênis infantojuvenil são propostos pelas federações de tênis nacionais. Cada federação nacional possui autonomia para desenvolver seu próprio modelo, ou no caso de países menos desenvolvidos esportivamente, seguir as recomendações da ITF e realizar alterações pertinentes para melhor adequar a competição a seu público local.

A seguir, são apresentados os modelos competitivos de federações de países reconhecidos pelo desenvolvimento de jovens tenistas (Quadro 5). São detalhadas as categorias, quadras, bolas, formatos de pontuação e características gerais da competição de tênis propostos pelas federações americana (USTA, 2018a, 2018b, 2018c), britânica (LTA, 2016; 2018a; 2018b), canadense (TENNIS CANADA, 2016; 2018) e francesa (FFT, 2016; 2018a; 2018b). Cabe ressaltar que os modelos competitivos dessas federações possuem diferentes estágios. No presente estudo, apenas é descrito o estágio inicial de cada um deles.

Quadro 5 - Modelos competitivos infantojuvenis por federação

‘continua’

Federação	Categorias/ Recomendações gerais
Americana (<i>Junior</i>)	U8 – Quadra vermelha; bola vermelha; com ou sem divisão por gênero; U9 – Quadra laranja; bola laranja ou verde; com ou sem divisão por gênero; U10 – Quadra oficial; bola laranja ou verde; com ou sem divisão por gênero.

Quadro 5 - Modelos competitivos infantojuvenis por federação

'continuação'

<p>Americana (Junior)</p>	<p>Formatos: <i>Round Robin</i>; <i>Round Robin</i> para Eliminatório ou <i>Compass Draw</i>. Pontuação: melhor de 3 <i>tie-breaks</i> (até 7); 2 <i>sets</i> curtos (até 4 <i>games</i>) <i>No Ad</i>¹ + <i>tie-break</i> até 7. Divisões por nível de jogo. Premiações: participação (U8); vencedores; critérios de desempenho pessoal (espírito esportivo, etc). Sem rankings nacionais.</p> <p>U 12; U14; U16 – Quadra oficial; bola amarela; divisão por gênero.</p> <p>Formatos: <i>Compass Draw</i>; Eliminatório com consolação ou Eliminatório Simples. Pontuação: melhor de 3 <i>sets</i> (com <i>tie-break</i>); 2 <i>sets</i> + <i>tie-break</i> até 10 (para jogos de consolação); 1 <i>set No Ad</i> + <i>tie-break</i> até 7 (duplas). Chaves de duplas (opcionais). Premiações aos vencedores. Rankings nacionais.</p>
<p>Britânica (Mini Tennis)</p>	<p>U8 – Quadra vermelha; bola vermelha; sem divisão por gênero; U9 – Quadra laranja; bola laranja; com ou sem divisão por gênero; U10 – Quadra oficial; bola verde; com ou sem divisão por gênero.</p> <p>Formatos: <i>Round Robin</i>; <i>Round Robin</i> para eliminatório ou <i>Compass Draw</i>. Pontuação: <i>Match tie-break</i> até 10; melhor de 3 <i>tie-breaks</i> (até 7); 2 <i>sets</i> curtos (até 4 <i>games</i>) <i>No Ad</i> + <i>match tie-break</i>. Premiações: participação e <i>fair-play</i> (U8; U9); vencedores. Rankings a partir da categoria U9.</p>
<p>Britânica (Junior)</p>	<p>12U – Quadra oficial; bola verde ou amarela; divisão por gênero 14U; 16U – Quadra oficial; bola amarela; divisão por gênero.</p> <p>Formato: <i>Compass Draw</i> ou Eliminatório com consolação. Pontuação: 2 <i>sets</i> + <i>match tie-break</i> (duplas); melhor de 3 <i>sets</i> (simples). Chaves de duplas opcionais. Premiações aos vencedores. Máximo de 2 jogos de simples e/ou dois de duplas por dia. Rankings regionais e nacionais.</p>
<p>Canadense (Kids)</p>	<p>U8 – Quadra vermelha; bola vermelha; sem divisão por gênero; U9 – Quadra laranja; bola laranja; sem divisão por gênero; U10 – Quadra oficial; bola verde; divisão por gênero.</p> <p>Formatos: <i>Round Robin</i>; <i>Round Robin</i> para eliminatório ou <i>Compass Draw</i>. Pontuação: 2 <i>sets</i> curtos (até 4 <i>games</i>) <i>No Ad</i> + <i>match tie-break</i> (até 5). Premiações: participação (U8); vencedores; critérios de desempenho pessoal (espírito esportivo, <i>fair-play</i>, etc). Sem rankings nacionais.</p>

¹ games sem vantagem

Quadro 5 - Modelos competitivos infantojuvenis por federação

'conclusão'

Canadense (<i>Junior</i>)	<p>U12 (iniciantes) – Quadra oficial; bola verde ou amarela; divisão por gênero; U12; U14; U16 – Quadra oficial; bola amarela; divisão por gênero.</p> <p>Formato: Eliminatório com consolação. Pontuação: melhor de 3 sets (com <i>tie-break</i>); 2 sets curtos <i>No Ad + tie-break</i> até 10 (para jogos de consolação). Chaves de duplas opcionais. Premiações aos vencedores. Rankings regionais e nacionais.</p>
Francesa (<i>Galaxie Tennis</i>)	<p>U8 – Quadra laranja; bola laranja ou verde; com ou sem divisão por gênero; U9; U10 – Quadra laranja ou verde; bola laranja ou verde; com ou sem divisão por gênero; U11 – Quadra oficial; bola verde; divisão por gênero.</p> <p>Formato: <i>Round Robin</i>. Pontuação: 2 sets curtos (até 3 <i>games</i>) + <i>tie-break</i>; 2 sets curtos (até 4 <i>games</i>) + <i>tie-break</i>; 2 sets curtos (até 5 <i>games</i>) + <i>tie-break</i>. Divisões por nível de jogo. Máximo de 4 jogos por dia. Premiações: vencedores. Torneios por equipes e chaves de duplas opcionais.</p>

Fonte: Adaptado de FFT (2016; 2018a; 2018b); LTA (2016; 2018a; 2018b); TENNIS CANADA (2016; 2018); USTA (2018a; 2018b; 2018c)

Nas categorias menores, os modelos competitivos propostos pelas respectivas federações – americana, britânica, canadense e francesa – baseiam-se nos estágios do *Tennis'10s* (vermelho, laranja e verde). Destes, apenas o modelo francês (*Galaxie Tennis*) não contempla o estágio vermelho, ou seja, as crianças com até 8 anos de idade já disputam suas partidas em quadras de 18x6,5m e com bolas laranjas. Interessante destacar que a proposta do *Galaxie Tennis* também é a única que contempla a categoria 11 anos, a qual também é disputada com bolas lentas (verdes). Nota-se ainda o fato de que grande parte das categorias (exceto a categoria “10 anos”, no Canadá; e “11 anos”, na França) podem ser disputadas sem divisão por gênero, havendo apenas a divisão por nível de jogo. Todos os formatos de pontuação e de competição apresentam adequações em relação ao modelo adulto, contudo as modalidades em duplas e por equipes são pouco desenvolvidas. Por fim, vale ressaltar que não há rankings nacionais na maior parte destas propostas, com exceção da LTA (*Mini Tennis*).

Já as categorias “12 anos”, “14 anos” e “16” anos, de modo geral, possuem um regulamento distinto das menores. As propostas americana e canadense

possibilitam a utilização de bolas mais lentas (verdes) na categoria “12 anos”, apenas para os iniciantes. Nas demais categorias e níveis, são utilizadas bolas e medidas de quadra oficiais (23,77x8,23m), e todas as categorias são divididas por gênero. Os formatos de pontuação recomendados vão de *sets* curtos à pontuação oficial (melhor de 3 *sets*), enquanto os formatos de competição variam de *Round Robin* até Eliminatório Simples. Ao contrário das competições nas categorias menores, que preveem maiores possibilidades de premiações (campeões, *fair-play*, participação...), as categorias maiores apresentam premiações apenas aos vencedores.

2.3.3 Competições infantojuvenis de tênis no Brasil

Segundo Balbinotti e Balbinotti (2008), as competições de tênis infantojuvenis tradicionalmente se deram através da reprodução de modelos competitivos adultos, os quais se mostram incompatíveis com os objetivos formativos preconizados nestas etapas. Cabe destacar que no contexto do esporte brasileiro, o papel da organização da competição nas categorias mais jovens a níveis locais e regionais geralmente é desempenhado pelas federações esportivas (ARENA; BÖHME, 2004). No âmbito do tênis infantojuvenil, praticado predominantemente em clubes e academias, essa realidade não é diferente: as competições federadas representam a grande maioria desses eventos. Estas competições são regidas pela Confederação Brasileira de Tênis (CBT) (nível nacional) e pelas respectivas federações estaduais (nível regional).

No Brasil, mesmo que em menor número, as competições escolares de tênis infantojuvenis se fazem presentes - apesar de não haver regulamentos gerais que organizem e apresentem as diretrizes para tais eventos. Esse caso não é específico do tênis, pois de acordo Reverdito *et al.* (2008), via de regra os eventos competitivos escolares não se encontram documentados, uma vez que possuem um caráter esportivo considerado “de menor de importância”. Ainda segundo os autores (REVERDITO *et al.*, 2008), esse fato contribui para a ausência de princípios e procedimentos pedagógicos objetivos e claros que os diferenciem das demais práticas. Dessa forma, as competições escolares, por vezes, apenas reproduzem - ou em muito se assemelham - o que é realizado no âmbito do alto rendimento.

A partir deste panorama, serão abordadas as competições de tênis infantojuvenis realizadas no Brasil, a partir dos regulamentos propostos pela Confederação Brasileira de Tênis (CBT), bem como de suas respectivas federações estaduais. Cabe ressaltar que apesar das competições estaduais (federadas) poderem apresentar alguma flexibilização em relação à proposta nacional, apenas a Federação Paranaense de Tênis (FPT) disponibiliza em seu *site* oficial o respectivo regulamento para as competições infantojuvenis de tênis.

No Brasil, a competição de tênis infantil possui um regulamento próprio, denominado *Tennis Kids*, que baliza as categorias 8 anos, 9 anos, 10 anos e 11 anos. Já as categorias 12, 14, 16 e 18 anos são balizadas pelo regulamento “Infanto-juvenil” (CBT, 2018a; 2018b). A seguir, serão detalhadas as categorias, quadras, bolas, formatos de pontuação e características gerais das competições de tênis federadas até 11 anos vigentes no Brasil (Quadro 6).

Quadro 6 – Competição de tênis federada nas categorias até 11 anos

Regulamento	Categorias/Recomendações
CBT (<i>Tennis Kids</i>); FPT (<i>Kids</i>)	Até 8 anos – Quadra laranja; bola laranja; com ou sem divisão por gênero; 9 anos – Quadra laranja ou verde; bola laranja ou verde; divisão por gênero; 10 anos – Quadra oficial; bola verde; divisão por gênero. 11 anos – Quadra oficial; bola verde ou amarela; divisão por gênero. Formatos: <i>Round Robin</i> ; <i>Round Robin</i> para eliminatório ou Eliminatório com consolação. Pontuação: 1 <i>set</i> (até 6 <i>games</i>) <i>No Ad</i> ; 2 <i>sets</i> curtos (até 4 <i>games</i>) <i>No Ad</i> + <i>tie-break</i> até 7; melhor de 3 <i>sets</i> . Premiações: participação (até 8 anos); vencedores; vencedores da chave de incentivo (quando houver). Chaves de duplas opcionais. Sem rankings nacionais.

Fonte: Adaptado de CBT (2018a); FPT (2018)

As categorias “8 anos” e “9 anos”, são disputadas em quadras reduzidas (18mx6,5m) e com bolas laranjas. A categoria “10 anos” é disputada em quadra oficial e com a bola verde, enquanto na categoria “11 anos” podem ser utilizadas bolas verdes ou bolas amarelas - dependendo do regulamento de cada estado (FPT, 2018). As competições do *Tennis Kids* podem ser realizadas em chaves *Round Robin* ou em Eliminatório com consolação, de acordo com o número de inscritos e

disponibilidade de quadras. Por fim, os formatos de pontuação recomendados variam entre um *set* (até 6 *games*), melhor de três *sets* curtos (até 4 *games*) e melhor de 3 *sets* (até 6 *games*).

A partir da categoria “12 anos”, as únicas alterações em relação ao sistema competitivo adulto podem ser observadas nos formatos de pontuação e de competição (MILISTETD *et al.*, 2014; CBT, 2018b) (Quadro 7). Neste caso, não há quaisquer alterações estruturais (dimensão de quadra, altura da rede e bola utilizada) em relação ao tênis profissional, uma vez que a utilização de raquetes menores fica a critério dos competidores. As categorias de disputa são divididas por idade, gênero, e também há uma subdivisão nível de jogo - através do sistema de classes (MILISTETD *et al.*, 2014).

Quadro 7 - Competição de tênis federada nas categorias 12, 14 e 16 anos

Regulamento	Categorias/Recomendações
<p style="text-align: center;">CBT (Infanto-Juvenil)</p>	<p>12 anos; 14 anos; 16 anos – Quadra oficial; bola amarela; divisão por gênero.</p> <p>Formatos: <i>Round Robin</i> para eliminatório ou Eliminatório Simples. Pontuação: 1 <i>set</i> (até 6 <i>games</i>), melhor de 3 <i>sets</i> (com <i>tie-break</i>); 2 <i>sets</i> + <i>match tie-break</i> até 10 (duplas). Premiações: vencedores. Chaves de duplas opcionais. Com rankings estaduais e nacionais.</p>

Fonte: Adaptado de CBT (2018b)

Tendo em vista que estes regulamentos foram implementados a partir do ano de 2013 – e, portanto, há ainda uma escassez de estudos sobre este tema -, pouco se sabe sobre as implicações práticas deste modelo competitivo no que se refere ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos. Gonçalves *et al.* (2016a) realizaram um estudo com 11 treinadores da cidade de Porto Alegre – RS, buscando descrever os aspectos educativos e de formação pessoal do atual modelo competitivo de tênis para crianças das categorias “8 anos”, “9 anos” e “10 anos”. Os resultados indicaram que houve uma melhora em relação ao modelo competitivo anterior, apesar da necessidade de realização de novas adequações – como mais modalidades de disputa e maior valorização do empenho.

Em outro estudo, Gonçalves *et al.* (2016b) buscaram identificar se as modificações realizadas no modelo competitivo infantil de tênis no Brasil estariam de

acordo com os objetivos de formação dos fundamentos técnico-táticos básicos do tênis. Foram analisadas as categorias “até 8 anos”, “9 anos” e “10 anos”. Para tanto, também foram entrevistados 11 treinadores de tênis de clubes e academias da cidade de Porto Alegre – RS, com experiência na área. Os resultados indicaram uma melhora bastante importante no desenvolvimento dos conteúdos técnico-táticos básicos do tênis em relação ao modelo competitivo anterior. Porém, alguns ajustes foram sugeridos pelos treinadores, como ajustes nas dimensões de quadra da categoria “10 anos”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo descritivo-comparativo, de natureza quantitativa. A pesquisa descritiva parte do pressuposto de que os problemas podem ser solucionados e as práticas aprimoradas por meio da descrição completa e objetiva do objeto de estudo (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Esse tipo de estudo é utilizado quando se tem poucas informações sobre um determinado fenômeno (BURNS; GROVE, 2005). Para tanto, a estratégia adotada na pesquisa quantitativa para produzir e aprimorar o conhecimento é minuciosa, objetiva e sistemática (BURNS; GROVE, 2005). Cabe destacar que o estudo realizado foi de caráter transversal em todas as fases de desenvolvimento. Assim, buscou-se obter as informações necessárias para responder aos objetivos propostos.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Para esta pesquisa, foi utilizada uma amostra de 124 treinadores de tenistas infantojuvenis de clubes, academias e escolas de 15 estados brasileiros – RS, SP, MG, SC, PR, DF, ES, GO, RJ, BA, PE, AL, AM, AP, MT. A amostra foi do tipo não-probabilística por conveniência, na qual o pesquisador seleciona os participantes de acordo com sua acessibilidade. A distribuição de frequência dos participantes utilizados na investigação, separados por variável sociodemográfica, é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição de frequência por variável sociodemográfica

	‘continua’											
	“Categorias”			“Formação”			“Idade”			“Tempo de Exp.”		
	Até 11	12-16	SG	Grad.	Pós.	Até 30	31-45	45+	Até 10	11-20	20+	
Até 11	49	-	6	28	15	16	19	14	20	14	15	
12-16	-	75	14	45	16	18	32	25	26	19	30	
SG	6	14	20	-	-	6	6	8	9	2	9	
Grad.	28	45	-	73	-	21	31	21	28	20	25	
Pós.	15	16	-	-	31	7	14	10	9	11	11	
Até 30	16	18	6	21	7	34	-	-	31	3	0	
31-45	19	32	6	31	14	-	51	-	15	26	10	
45+	14	25	8	21	10	-	-	39	0	4	35	
Até 10	20	26	9	28	9	31	15	0	46	-	-	

Tabela 1 - Distribuição de frequência por variável sociodemográfica

										‘conclusão’	
11-20	14	19	2	20	11	3	26	4	-	33	-
20+	15	30	9	25	11	0	10	35	-	-	45

Obs: Os valores em negrito demonstram o total dos 124 participantes por variável sociodemográfica.

Legenda: Até 11 = até 11 anos; 12-16 = 12 a 16 anos; SG = Sem graduação; Grad. = Graduados; Pós. = Pós-graduados; Até 30 = até 30 anos; 31-45 = entre 31 e 45 anos; 45+ = acima de 45 anos; Até 10 = até 10 anos; 11-20 = entre 11 e 20 anos; 20+ = acima de 20 anos.

No que diz respeito a amostra geral, o número de participantes ($n = 124$) foi elevado ao se considerar as pesquisas anteriores com treinadores de tênis. Destes, 114 homens (92%) e 10 mulheres (8%) com idades variando de 18 a 66 anos ($\bar{X} = 39,4$; $DP = 11,4$) e tempo de experiência variando de 0,5 a 41 anos ($\bar{X} = 16,8$; $DP = 11,0$) (Tabela 1). O predomínio de treinadores do sexo masculino, a média de idade dos treinadores e o tempo de experiência médio no exercício da profissão se mostram em consonância com estudos anteriores no âmbito do tênis (LIMA, 2011; CORTELA *et al.*, 2013; 2019; CORTELA, 2016; 2018).

A seguir, são especificadas as amostras estratificadas que apresentaram número mínimo de 30 treinadores, de acordo com as variáveis: “Categorias”; “Formação”; “Idade”; “Tempo de experiência”.

Os treinadores puderam optar por avaliar as categorias competitivas com a qual estavam mais familiarizados: “Até 11 anos” (39,5%), contemplando as categorias “8 anos”, “9 anos”, “10 anos” e “11 anos”; e “12 a 16 anos” (60,5%), contemplando as categorias “12 anos”, “14 anos” e “16 anos”. A diferenciação das categorias competitivas nestes dois grupos se deu a partir de um critério principal: a existência - ou não - de alterações estruturais em relação ao modelo competitivo adulto. Enquanto as categorias menores (“Até 11 anos”) possuem um regulamento específico (“*Tennis Kids*”), que prevê alterações estruturais nas competições (CBT, 2018a), as categorias maiores (“12 a 16 anos”) possuem um regulamento mais próximo do modelo adulto (“Infanto-Juvenil; CBT, 2018b).

No que se refere à segunda variável analisada – “Formação” -, destaca-se o alto índice de treinadores com curso superior em Educação Física (83,9%). A divisão de grupos estabelecida para esta variável foi a seguinte: treinadores “Graduados”, constituindo 58,9% do total da amostra; e treinadores “Pós-graduados” (especialistas, mestres e doutores), contemplando 25% do total da amostra. Apenas

16,1% dos treinadores possuíam ensino médio incompleto, ensino médio completo ou ensino superior incompleto. Estes dados denotam que o nível de escolaridade dos treinadores acessados nesta pesquisa é maior do que o constatado em estudos anteriores com treinadores de tênis brasileiros (CORTELA, 2016; 2018).

Por sua vez, a “Idade” dos participantes se mostrou de acordo com os índices médios obtidos em pesquisas anteriores - as quais verificaram uma idade média dos treinadores de tênis acima dos 32 anos (LIMA, 2011; CORTELA *et al.*, 2013; 2019; CORTELA, 2016; 2018). De acordo com as possibilidades desta amostra, os treinadores foram divididos em três grupos conforme suas idades: “Até 30 anos” (27,4%); de “31 a 45 anos” (41,2%); “Acima de 45 anos” (31,5%).

Da mesma forma, o “Tempo de Experiência” dos treinadores se mostrou em conformidade com estudos anteriores – os quais indicaram um período médio acima dos 10 anos (LIMA, 2011; CORTELA *et al.*, 2013; 2019; CORTELA, 2016; 2018). Os participantes foram divididos em três grupos de análise, de acordo com o seu tempo de experiência como treinador: “Até 10 anos” (37,1%); “11 a 20 anos” (26,6%); “Acima de 20 anos” (36,3%). A vasta experiência dos participantes desta pesquisa é evidenciada ao se observar o alto índice de treinadores considerados *experts* na profissão (62,9%) - (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006) -, índice maior que o observado por Cortela (2018) em estudo com 104 treinadores paranaenses.

3.3 INSTRUMENTOS

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados dois instrumentos: um Questionário de Identificação das Variáveis de Controle (QIVC; contendo informações referentes ao sexo, idade, formação, local de atuação profissional, tempo de experiência como treinador, categorias analisadas e tipo de competição avaliada) e a Bateria de Testes Gonçalves-Balbinotti de Favorecimento ao Desenvolvimento dos Conteúdos Pedagógicos no Esporte Infantojuvenil (BTGP-CP) (GONÇALVES, BALBINOTTI, 2016; GONÇALVES, 2018). A BTGP-CP é constituída por seis escalas independentes, as quais medem o quanto a competição esportiva em questão favorece o desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos específicos, de acordo com a opinião treinador. O propósito do instrumento é o de identificar os principais aspectos (positivos), bem como as maiores limitações pedagógicas - e orientações das competições avaliadas. Cada uma das escalas se refere a um dos

conteúdos pedagógicos específicos, respectivamente: Desenvolvimento de Habilidades Motoras (HM); Desenvolvimento Estratégico-Tático (ET); Desenvolvimento Socioeducativo (SE); Desenvolvimento de Autonomia (Au); Desenvolvimento Afetivo-Social (AS); e Democratização (De).

A bateria de testes possui 59 itens, os quais são respondidos pelos treinadores de acordo com uma escala do tipo Likert, bidirecional, que varia de “discordo fortemente” (1) à “concordo fortemente” (6). Cada orientação (composta por itens associados de uma mesma escala, correspondentes a um subgrupo) e CPE (composto pelas orientações de cada escala) foram analisados individualmente, servindo também para se verificar os resultados das demais dimensões (CPG; composto por dois CPE). Já, o valor médio da BTGB-CP, é obtido a partir dos índices médios dos três CPG.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Inicialmente, foi realizado um primeiro contato (via e-mail ou telefone) com os treinadores de tênis que atenderam aos critérios de inclusão do estudo - no qual foram explicados o tema e os objetivos do trabalho. As coletas foram realizadas de duas formas: presencialmente, para treinadores da cidade de Porto Alegre - RS e região; e via formulário *online*, para treinadores das demais cidades e estados brasileiros.

De acordo com a disponibilidade dos treinadores que aceitaram participar da pesquisa, foi marcado um encontro para o preenchimento dos instrumentos – no caso das coletas presenciais. As mesmas foram realizadas antes ou ao término das sessões de treinamento ou competições, após detalhada apresentação dos objetivos do estudo e concordância formal assinada (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; APÊNDICE A).

Aos treinadores das demais cidades e estados que concordaram em participar, foi enviado um formulário (via correio eletrônico), para preenchimento *online*. As coletas via formulário *online* foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos treinadores, após detalhada apresentação dos objetivos e concordância formal assinada. O tempo médio necessário para o preenchimento do instrumento foi de aproximadamente 15 minutos.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Todos os procedimentos estatísticos foram realizados com o auxílio do software SPSS versão 21.0 para *Windows*. Foram realizadas as análises descritivas para a amostra geral, contendo: medidas de tendência central (média, média-aparada 5%, mediana, moda), dispersão (desvio-padrão, mínimo-máximo) e distribuição (normalidade, assimetria e achatamento). Também foram realizadas as análises comparativas de acordo com as variáveis: “Categorias” (“Até 11 anos”; “12 a 16 anos”); “Formação” (“Graduados”; “Pós-Graduados”); “Idade” (“Até 30 anos”, “31 a 45 anos”; “Acima de 45 anos”); “Tempo de Experiência” (“Até 10 anos”; “11 a 20 anos”; “Acima de 20 anos”). Desse modo, pôde-se explorar os escores obtidos através da BTGB-CP de acordo com os princípios orientadores consensualmente aceitos na literatura (REIS, 2000; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012; PESTANA; GAGEIRO, 2014).

3.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Foram observadas todas as questões éticas referentes à pesquisa com seres humanos (princípio da autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, entre outros), conforme previsto na resolução 466/2012 do Ministério da Saúde. Também foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), no qual constavam tema, os objetivos da pesquisa e a forma com que o treinador poderia se inserir na pesquisa. Os participantes foram informados de que sua contribuição no estudo era voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo às partes. Por fim, foi acordado com os participantes o respeito aos critérios de privacidade e confidencialidade, mantendo o sigilo da identidade dos mesmos. Dessa forma, só foram utilizadas as informações que os participantes concordaram em expor.

Cabe salientar que esta pesquisa faz parte de um projeto maior (“projeto guarda-chuva”), intitulado: “*Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório*”, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o número de referência 271526.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

De acordo com os princípios consensualmente aceitos pela literatura especializada, foram realizadas as análises descritivas e comparativas dos escores obtidos pela BTGB-CP (BRYMAN; CRAMER, 1999; REIS, 2000; PESTANA; GAGEIRO, 2014). Os resultados para amostra geral serão apresentados na seguinte ordem: 1) Conhecimento e confiabilidade dos dados; 2) Estatísticas descritivas gerais; 3) Comparações de médias das dimensões. Na sequência, serão apresentados os resultados conforme as variáveis controladas: “Categorias” (“Até 11 anos”; “12 a 16 anos”); “Formação” (Graduados; Pós-graduados); “Idade”; “Tempo de Experiência” (Até 10 anos”; “11 a 20 anos”; Acima de 20 anos). Os mesmos serão dispostos na seguinte ordem: 1) Conhecimento e confiabilidade dos dados; 2) Estatísticas descritivas gerais; 3) Comparações de médias intragrupos; 4) Comparações de médias intergrupos.

Previamente à condução das estatísticas descritivas e das comparações de médias (intragrupos e intergrupos), buscou-se verificar se os *outliers* e casos valores extremos não afetariam a distribuição da amostra. Assim, foram realizadas comparações (One Sample *t* Test) entre as médias aritméticas das dimensões avaliadas e suas respectivas médias aparadas a 5%. Observou-se que os *outliers* - bem como os casos com valores extremos - não interferiram na distribuição da amostra geral de forma significativa ($p > 0,05$), nem na distribuição das amostras de acordo com as variáveis controladas. Desta forma, optou-se por manter estes casos.

Ainda, cabe destacar que na comparação das médias entre as dimensões avaliadas para amostra geral, bem como nas comparações de acordo com as variáveis controladas - “Categorias”; “Formação”; “Idade”; “Tempo de Experiência” -, foram utilizados testes paramétricos. Apesar da distribuição da amostra não ter aderido à normalidade, tal escolha justifica-se com base no Teorema do Limite Central (PESTANA; GAGEIRO, 2014) – que preconiza a utilização de testes paramétricos para amostras com mais de 30 sujeitos.

4.1 SOBRE A AMOSTRA GERAL

4.1.1 Conhecimento e confiabilidade dos dados

Inicialmente, os índices médios verificados para cada um dos 59 itens, analisados individualmente, variaram de 2,56 a 5,56 - com desvios-padrão associados variando entre 0,88 e 2,06. Cabe destacar que não foi identificada a presença de qualquer caso extremo ou *outlier* nas respostas da BTGB-CP, bem como nas dimensões DCo, Au, AS e De. Por fim, com relação ao último nível, também não foram encontrados valores extremos nas orientações pertencentes à De (OIn; OPa), bem como ao ET (OPe), Au (OLE) e AS (OSi). Como citado anteriormente, os *outliers* e os casos com valores extremos não alteraram de forma significativa a distribuição da amostra, e, portanto, foram mantidos no estudo.

Ainda, com intuito de se verificar a normalidade da distribuição dos dados para a posterior comparação destas médias, testaram-se os índices de normalidade para amostra geral através do cálculo Kolmogorov-Smirnov, com correção *Lilliefors*. Seus resultados indicaram que apenas a dimensão Au apresentou distribuição normal dos dados ($p > 0,05$).

Tabela 2 – Distribuição dos CPG e CPE para amostra geral

Medida	n	Distribuição					
		Normalidade		Assimetria		Achatamento	
		K-S*	Sig.	Skewness	EP _{s1}	Kurtosis	EP _{k2}
BTGB-CP	124	0,087	0,023	-0,708	0,217	-0,303	0,431
DTT	124	0,107	0,001	-1,198	0,217	1,374	0,431
DAEM	124	0,118	0,000	-1,076	0,217	0,860	0,431
DCo	124	0,099	0,005	-0,430	0,217	-0,850	0,431
HM	124	0,123	0,000	-1,151	0,217	1,264	0,431
ET	124	0,131	0,000	-1,141	0,217	0,880	0,431
SE	124	0,196	0,000	-1,432	0,217	1,697	0,431
Au	124	0,077	0,087	-0,415	0,217	-0,235	0,431
AS	124	0,177	0,000	-0,815	0,217	-0,241	0,431
De	124	0,099	0,005	-0,297	0,217	-0,993	0,431

* com correção *Lilliefors*. Leg: EP_{s1}: erro padrão de Skewness; EP_{k2}: erro padrão de Kurtosis.

Por fim, da mesma forma que nas dimensões anteriores, testaram-se os índices de normalidade para as respectivas orientações de cada CPE. Seus

resultados indicaram que a distribuição dos dados não aderiu à normalidade ($p < 0,05$) em nenhuma das orientações avaliadas (Tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição das orientações para amostra geral

Medida		n	Distribuição					
			Normalidade		Assimetria		Achatamento	
			K-S*	Sig.	Skewness	EP _s ¹	Kurtosis	EP _{k2}
HM	OPe	124	0,114	0,000	-0,618	0,217	-0,034	0,431
HM	OE _v	124	0,179	0,000	-1,748	0,217	3,705	0,431
HM	OC _f	124	0,194	0,000	-1,135	0,217	0,530	0,431
ET	OC _f	124	0,158	0,000	-1,310	0,217	1,382	0,431
ET	OPe	124	0,155	0,000	-0,865	0,217	-0,031	0,431
ET	OC _g	124	0,176	0,000	-1,146	0,217	0,788	0,431
SE	OC _c	124	0,174	0,000	-1,081	0,217	0,486	0,431
SE	OE _t	124	0,244	0,000	-1,652	0,217	2,397	0,431
Au	OLE	124	0,088	0,019	-0,101	0,217	-0,328	0,431
Au	OTD	124	0,124	0,000	-1,118	0,217	1,288	0,431
AS	OS _i	124	0,170	0,000	-0,613	0,217	-0,811	0,431
AS	OA _f	124	0,207	0,000	-1,401	0,217	1,261	0,431
De	Ol _n	124	0,104	0,002	-0,300	0,217	-0,935	0,431
De	OPa	124	0,112	0,001	-0,284	0,217	-0,987	0,431

* com correção *Lilliefors*. EP_{s1}: erro padrão de Skewness; EP_{k2}: erro padrão de Kurtosis.

4.1.2 Estatísticas descritivas gerais

Com intuito de descrever detalhadamente o perfil de favorecimento dos conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis, avaliou-se cada um dos três níveis do Modelo Teórico-Explicativo Multidimensional relativo ao Favorecimento ao Desenvolvimento de Conteúdos Pedagógicos no Esporte Infantojuvenil (GONÇALVES, 2018), respectivamente: CPG; CPE; Orientações.

Desta forma, avaliou-se o primeiro nível do modelo, que contempla os CPG. Os resultados das médias obtidas nas dimensões DTT, DAEM e DCo variaram de 4,48 a 4,73, com desvios-padrão associados variando entre 0,92 e 1,04 (Tabela 4). Apesar de próximos, os índices médios indicados podem representar uma ordem de predominância no favorecimento ao desenvolvimento destes CPG. O CPG mais favorecido segundo os treinadores é o DTT, seguido pelo DAEM e, por fim, DCo. As médias obtidas para os CPG – altas, considerando que o valor máximo do instrumento é de 6,00 – parecem ser um bom indicativo no que se refere aos níveis de favorecimento.

Na sequência, a partir da avaliação dos CPE – segundo nível do modelo apresentado – foi possível aprofundar ainda mais o perfil de favorecimento nas

competições de tenistas infantojuvenis. Desta forma, foram explorados os valores médios obtidos para cada uma das escalas referentes aos CPE. Esses valores variaram de 3,95 a 5,01, com desvios-padrão associados entre 0,88 e 1,30 (Tabela 4). A partir dos resultados das médias obtidas, também pôde-se estabelecer uma ordem dos CPE mais (e menos) favorecidos nas competições de tenistas infantojuvenis. O conteúdo mais favorecido é o AS, seguido por SE, ET, HM, Au, e, por fim, De.

Tabela 4 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE para amostra geral

Medida	n	Tendência central e Dispersão						
		\bar{X}	DP	$\bar{X}_{5\%}$	M _{mediana}	M _{oda}	Amplitude	
							M _{mínimo}	M _{máximo}
BTGB-CP	124	4,63	0,86	4,68	4,81	4,55	2,33	5,91
DTT	124	4,73	0,94	4,81	4,86	5,50	1,32	5,90
DAEM	124	4,68	0,92	4,75	4,78	4,56	1,55	5,95
DCo	124	4,48	1,04	4,52	4,57	5,15	2,05	6,00
HM	124	4,65	0,95	4,72	4,88	4,69	1,33	6,00
ET	124	4,81	1,05	4,90	5,08	6,00	1,31	6,00
SE	124	4,89	1,11	5,01	5,37	5,63	1,00	6,00
Au	124	4,46	0,88	4,50	4,50	4,30	2,00	5,90
AS	124	5,01	1,00	5,09	5,40	6,00	2,00	6,00
De	124	3,95	1,30	3,99	4,15	5,10	1,20	6,00

Ainda, foram realizadas as análises descritivas das orientações de cada um dos CPE, podendo-se criar, da mesma forma, um perfil de favorecimento detalhado dentro de cada uma dessas dimensões. Na dimensão HM, pode-se verificar que itens relacionados à evolução (OEv) são os mais favorecidos segundo os treinadores, seguidos dos aspectos referentes à conformação (OCf), e por fim, à pertinência (OPe) (Tabela 5). Na dimensão ET, a orientação mais favorecida se relaciona à cognição (OCg), seguida das orientações correspondentes à conformação (OCf) e à pertinência (OPe). Na dimensão SE, os aspectos relacionados à ética (OEt) elevaram a média do CPE, enquanto os itens relacionados à concorrência (OCc) apresentaram valores mais baixos. Na sequência, a dimensão Au possui sua média elevada pelos itens relacionadas à tomada de decisão (OTD), em contraponto às médias mais baixas observadas nos itens referentes à liberdade de expressão (OLE). Em relação à dimensão AS, a mais favorecida entre todas as estudadas, as altas médias dos itens relacionados à afeição (OAF) são responsáveis por elevar os valores da dimensão, enquanto as

médias obtidas para os aspectos relacionados à sinergia (OSi) são mais baixas. Por fim, na dimensão De, os itens correspondentes à inclusão (OIn) possuem média mais alta do que os itens relacionados à participação (OPa), indicando de forma preliminar os aspectos que poderiam ser melhorados nas competições infantojuvenis de tênis – uma vez que a dimensão De apresentou os índices médios mais baixos na opinião dos treinadores.

Tabela 5 – Estatísticas descritivas das orientações para amostra geral

Medida	n	Tendência central e Dispersão							
		\bar{X}	DP	$\bar{X}_{5\%}$	M _{mediana}	M _{oda}	Amplitude		
							M _{ínimo}	M _{áximo}	
HM	OPe	124	4,20	1,18	4,25	4,33	4,00	1,00	6,00
	OE _v	124	5,06	1,00	5,17	5,25	6,00	1,00	6,00
	OC _f	124	4,69	1,26	4,80	5,17	5,67	1,00	6,00
ET	OC _f	124	4,78	1,17	4,89	5,00	6,00	1,00	6,00
	OPe	124	4,72	1,12	4,80	5,00	5,67	1,67	6,00
	OC _g	124	4,94	1,07	5,03	5,25	6,00	1,25	6,00
SE	OC _c	124	4,65	1,15	4,73	5,00	5,50	1,00	6,00
	OE _t	124	5,15	1,21	5,30	5,75	6,00	1,00	6,00
Au	OLE	124	4,00	1,01	4,01	4,00	4,00	1,40	6,00
	OTD	124	4,94	0,92	5,01	5,00	5,80	1,60	6,00
AS	OSi	124	4,75	1,22	4,83	5,20	6,00	1,60	6,00
	OAF	124	5,28	0,87	5,37	5,60	6,00	2,40	6,00
De	OIn	124	4,06	1,30	4,09	4,20	5,20	1,40	6,00
	OPa	124	3,86	1,40	3,90	4,00	2,80	1,00	6,00

A fim de se verificar de forma mais detalhada os níveis de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis para amostra geral, faz-se necessário realizar as comparações das médias entre as dimensões.

4.1.3 Comparações de médias das dimensões

Com intuito de se verificar a existência de uma prevalência no favorecimento de algum dos conteúdos, foram realizadas, através de testes *t* para amostras pareadas, as comparações dos CPG para cada um dos grupos. Cabe destacar que não foram identificadas diferenças significativas ($p > 0,05$) entre as dimensões DTT e DAEM (Tabela 6), ou seja, apesar de apresentarem diferenças numéricas, as médias são estatisticamente indissociáveis. No entanto, foram encontradas

diferenças significativas ($p < 0,05$) entre a dimensão mais favorecida (DTT) e a menos favorecida (DCo), bem como entre as dimensões DAEM e DCo.

Da mesma forma, a fim de se desvendar o padrão de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis, foram verificadas as diferenças entre cada um dos CPE. Assim, segundo a opinião dos treinadores, as competições de tênis favorecem primeiramente as dimensões AS, SE e ET (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$), seguidas por HM, Au, e por fim, De (apresentando, os três últimos, diferenças significativas - $p < 0,05$ - entre si e em relação aos demais CPE) (Tabela 6).

Tabela 6 - Comparações de médias dos CPG e CPE para amostra geral

Dimensões Pareadas	t	gl	Sig.
DTT – DAEM	0,775	123	0,440
DTT – DCo	3,229	123	0,002
DAEM – DCo	2,879	123	0,005
HM – ET	-2,545	123	0,012
HM – SE	-3,109	123	0,002
HM – Au	2,425	123	0,017
HM – AS	-4,607	123	0,000
HM – De	7,028	123	0,000
ET – SE	-1,016	123	0,312
ET – Au	4,604	123	0,000
ET – AS	-2,286	123	0,024
ET – De	8,075	123	0,000
SE – Au	6,160	123	0,000
SE – AS	-1,421	123	0,158
SE – De	9,636	123	0,000
Au – AS	-7,072	123	0,000
Au – De	5,360	123	0,000
AS – De	11,685	123	0,000

Legenda: t = Teste t Pareado; gl = Graus de liberdade.

A fim de se explorar de forma ainda mais completa o perfil de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos estudados, foram realizadas as comparações entre as respectivas orientações de cada um dos CPE. A descrição dos resultados obtidos será realizada respeitando o ranking estabelecido, segundo as análises anteriores.

Inicialmente, cabe destacar que na dimensão AS, a mais favorecida segundo os treinadores, foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre as respectivas orientações, OAf e OSi, em favor da primeira (Tabela 7). Esta, inclusive, foi a orientação com médias mais altas entre todas as estudadas. Na sequência, as

orientações relativas à dimensão SE – OEt e OCc – também apresentaram diferenças significativas entre si ($p < 0,05$), em favor da primeira. A terceira dimensão mais favorecida, ET, apresentou diferença significativa ($p < 0,05$) entre a orientação com média mais alta – OCg – e as demais – OCf e OPe, sendo as duas últimas indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$). A quarta dimensão mais favorecida, HM, apresentou diferenças significativas ($p < 0,05$) entre suas três orientações correspondentes, na seguinte ordem: OEv, OCf, OPe. Com relação à dimensão Au, os resultados indicaram haver diferença significativa ($p < 0,05$) para a OTD, quando comparada à OLE. Por fim, na dimensão menos favorecida, De, também foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OIn e OPa, em favor da primeira.

Tabela 7 - Comparações de médias das orientações para amostra geral

CPE	Orientações Pareadas	t	gl	Sig.
HM	OPe – OEv	-8,322	123	0,000
	OPe – OCf	-4,447	123	0,000
	OEv – OCf	4,287	123	0,000
ET	OCf – OPe	1,019	123	0,310
	OCf – OCg	-2,824	123	0,006
	OPe – OCg	-3,920	123	0,000
SE	OCc – OEt	-7,136	123	0,000
Au	OLE – OTD	-13,442	123	0,000
AS	OSi – OAf	-8,212	123	0,000
De	OIn – OPa	3,188	123	0,002

Legenda: t = Teste t Pareado; gl = Graus de liberdade

4.2 SOBRE AS CATEGORIAS COMPETITIVAS

4.2.1 Conhecimento e confiabilidade dos dados

Inicialmente, os índices médios verificados para cada um dos 59 itens, analisados individualmente, variaram de 2,56 a 5,56 - com desvios-padrão associados variando de 0,88 a 2,06. Cabe destacar que não foi identificada a presença de qualquer caso extremo ou *outlier* nas respostas da BTGB-CP para os

dois grupos. Também não foram verificados casos com valores extremos nas dimensões DTT, DAEM, DCo, HM, SE e Au – para o grupo “Até 11 anos” -, AS – para o grupo “12 a 16 anos” – e De, para ambos os grupos. As orientações relacionadas ao ET (OCf e OPe) e SE (OCc) – para o grupo “Até 11 anos” -, HM (OPe) – para o grupo “12 a 16 anos” -, e à De e AS (Osi), para ambos grupos, não apresentaram casos extremos ou *outliers*. Como citado anteriormente, os *outliers* e os casos com valores extremos encontrados não alteraram de forma significativa a distribuição da amostra, e, portanto, optou-se por manter estes casos.

Ainda, a fim de se verificar a normalidade da distribuição dos dados para posterior comparação destas médias, testaram-se os índices de normalidade através dos cálculos Shapiro-Wilk (“Até 11 anos”) e Kolmogorov-Smirnov (com correção *Lilliefors*; “12 a 16 anos”). Seus resultados indicaram haver distribuição normal ($p > 0,05$) para as dimensões DTT, HM, e Au – para o grupo “Até 11 anos”. Já, os resultados para o grupo “12 a 16 anos” indicaram que a distribuição da maior parte das dimensões não aderiu à normalidade ($p < 0,05$), excetuando-se Au e De – as quais apresentaram distribuição normal dos dados ($p > 0,05$) (Tabela 8).

Tabela 8 - Distribuição dos CPG e CPE por “Categorias”

Medida	Distribuição								
	Categ.	n	Normalidade			Assimetria		Achatamento	
			K-S*	S-W	Sig.	Skewness	EP _s ¹	Kurtosis	EP _{k2}
BTGB-CP	Até 11	49		0,951	0,041	-0,505	0,340	-0,420	0,668
	12-16	75	0,115		0,015	-0,661	0,277	-0,606	0,548
DTT	Até 11	49		0,907	0,102	-0,415	0,340	0,574	0,668
	12-16	75	0,138		0,001	-0,937	0,277	0,239	0,548
DAEM	Até 11	49		0,933	0,008	-0,681	0,340	-0,101	0,668
	12-16	75	0,145		0,000	-1,203	0,277	1,001	0,548
DCo	Até 11	49		0,938	0,013	-0,609	0,340	-0,177	0,668
	12-16	75	0,114		0,018	-0,322	0,277	-1,134	0,548
HM	Até 11	49		0,956	0,068	-0,204	0,340	-1,067	0,668
	12-16	75	0,141		0,001	-0,848	0,277	0,116	0,548
ET	Até 11	49		0,919	0,002	-0,860	0,340	-0,056	0,668
	12-16	75	0,143		0,001	-1,029	0,277	0,303	0,548
SE	Até 11	49		0,878	0,000	-0,999	0,340	0,095	0,668
	12-16	75	0,208		0,000	-1,498	0,277	1,684	0,548
Au	Até 11	49		0,969	0,230	-0,277	0,340	-0,425	0,668
	12-16	75	0,097		0,077	-0,513	0,277	-0,081	0,548
AS	Até 11	49		0,844	0,000	-1,142	0,340	-0,908	0,668
	12-16	75	0,174		0,000	-0,643	0,277	-0,694	0,548
De	Até 11	49		0,956	0,011	-0,444	0,340	-0,800	0,688
	12-16	75	0,100		0,059	-0,210	0,277	-1,058	0,548

* com correção *Lilliefors*. Legenda: Categ. = Categorias; Até 11 = “Até 11 anos”; 12-16 = “12 a 16 anos”.

Por fim, da mesma forma que nas dimensões anteriores, testaram-se os índices de normalidade para as respectivas orientações de cada CPE. Seus resultados indicaram haver distribuição normal dos dados ($p > 0,05$) para as orientações de De (Oln; para o grupo “12 a 16 anos”), e Au (OLE; para ambos os grupos) (Tabela 9).

Tabela 9 – Distribuição das orientações por “Categorias”

Medida	Categ.	n	Distribuição							
			Normalidade			Assimetria		Achatamento		
			K-S*	S-W	Sig.	Skewness	EP _s ¹	Kurtosis	EP _{k₂}	
HM	OPe	Até 11	49		0,935	0,009	-0,886	0,340	0,776	0,668
		12-16	75	0,103		0,047	-0,471	0,277	-0,263	0,548
HM	OEv	Até 11	49		0,896	0,000	-1,125	0,340	1,193	0,668
		12-16	75	0,176		0,000	-1,424	0,277	1,965	0,548
HM	OCf	Até 11	49		0,891	0,000	-1,179	0,340	1,980	0,668
		12-16	75	0,172		0,000	-0,651	0,277	-0,630	0,548
ET	OCf	Até 11	49		0,912	0,001	-0,815	0,340	-0,060	0,668
		12-16	75	0,160		0,000	-1,148	0,277	0,511	0,548
ET	OPe	Até 11	49		0,899	0,001	-0,891	0,340	0,016	0,668
		12-16	75	0,137		0,001	-0,783	0,277	-0,310	0,548
ET	OCg	Até 11	49		0,896	0,000	-0,945	0,340	0,509	0,668
		12-16	75	0,175		0,000	-1,038	0,277	0,220	0,548
SE	OCc	Até 11	49		0,880	0,000	-1,052	0,340	0,383	0,668
		12-16	75	0,178		0,000	-1,054	0,277	0,372	0,548
SE	OEt	Até 11	49		0,779	0,000	-1,076	0,340	-0,114	0,668
		12-16	75	0,250		0,000	-1,777	0,277	2,633	0,548
Au	OLE	Até 11	49		0,977	0,444	0,037	0,340	-0,431	0,668
		12-16	75	0,072		0,200 ^a	-0,228	0,277	-0,226	0,548
Au	OTD	Até 11	49		0,924	0,004	-0,925	0,340	0,612	0,668
		12-16	75	0,144		0,001	-1,159	0,277	1,331	0,548
AS	OSi	Até 11	49		0,862	0,000	-0,825	0,340	-0,299	0,668
		12-16	75	0,185		0,000	-0,494	0,277	-1,055	0,548
AS	OAf	Até 11	49		0,746	0,000	-1,943	0,340	4,116	0,668
		12-16	75	0,191		0,000	-1,158	0,277	0,372	0,548
De	Oln	Até 11	49		0,940	0,015	-0,486	0,340	-0,759	0,668
		12-16	75	0,086		0,200 ^a	-0,200	0,277	-0,960	0,548
De	OPa	Até 11	49		0,947	0,027	-0,421	0,340	-0,906	0,668
		12-16	75	0,105		0,039	-0,203	0,277	-0,995	0,548

* com correção *Lilliefors*.

4.2.2 Estatísticas descritivas gerais

Com intuito de descrever detalhadamente o perfil de favorecimento dos conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis, faz-se necessário avaliar cada um dos níveis do Modelo Multidimensional Teórico-Explicativo dos Conteúdos Pedagógicos do Esporte (GONÇALVES, 2018), respectivamente: CPG; CPE; Orientações.

Desta forma, avaliou-se o primeiro nível do modelo, que contempla os CPG. Pode-se notar que os resultados das médias obtidas nas dimensões DTT, DAEM e DCo variaram de 4,40 a 4,96, independente do grupo (Tabela 10). Essa variação entre as médias foi ainda menor, quando analisada controlando a variável “Categorias”. Apesar das médias bastante próximas, foi possível estabelecer uma ordem dos CPG mais favorecidos segundo os treinadores, respectivamente: DTT, seguido por DAEM, e DCo (para as categorias “Até 11 anos”); e DAEM, seguido por DTT, e DCo (para as categorias “12 a 16 anos”). Cabe salientar que todas as médias obtidas para as categorias “Até 11 anos” foram superiores às respectivas médias obtidas para as categorias “12 a 16 anos”.

Na sequência, a partir da avaliação dos CPE – segundo nível do modelo apresentado – foi possível aprofundar ainda mais o perfil de favorecimento nas competições de tenistas infantojuvenis. Desta forma, foram explorados os valores médios obtidos para cada uma das escalas, referentes aos CPE. Esses valores variaram de 3,86 a 5,12, independentemente das categorias competitivas analisadas (Tabela 10). A partir dos resultados das médias obtidas, também pôde-se estabelecer uma ordem dos CPE mais (e menos) favorecidos nas competições de tenistas infantojuvenis de acordo com as categorias analisadas. O conteúdo mais favorecido para as categorias “Até 11 anos” é o AS, seguido do SE, HM, ET, Au e, por fim, De. No caso das categorias “12 a 16 anos”, as dimensões AS e o SE também aparecem nas primeiras colocações, porém seguidas por ET, Au, HM e, ao final, De. Diante desses resultados, é possível identificar um padrão entre as duas categorias competitivas analisadas: a competição em ambas as categorias apresenta maior favorecimento ao AS e SE, ao passo que De é a dimensão menos favorecida.

Tabela 10 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Categorias”

Medida	Tendência central e Dispersão								
	Categ.	n	\bar{X}	DP	\bar{X} 5%	M _{ediana}	M _{oda}	Amplitude	
			M _{ínimo}	M _{áximo}					
BTGB-CP	Até 11	49	4,78	0,72	4,81	4,85	3,07	3,07	5,91
	12-16	75	4,54	0,93	4,58	4,75	2,33	2,33	5,80
DTT	Até 11	49	4,97	0,57	4,98	5,01	5,36	3,69	5,90
	12-16	75	4,58	1,09	4,66	4,78	2,06	1,32	5,89
DAEM	Até 11	49	4,75	0,83	4,80	4,76	3,18	2,69	5,90
	12-16	75	4,64	0,98	4,72	4,97	3,74	1,55	5,95
DCo	Até 11	49	4,62	1,00	4,68	4,70	4,45	2,20	6,00
	12-16	75	4,40	1,07	4,43	4,55	3,00	2,05	6,00
HM	Até 11	49	4,98	0,56	4,99	5,02	4,28	3,94	5,92
	12-16	75	4,43	1,08	4,50	4,78	4,89	1,33	6,00
ET	Até 11	49	4,95	0,78	4,95	5,08	5,08	3,08	6,00
	12-16	75	4,72	1,19	4,81	5,00	6,00	1,31	6,00
SE	Até 11	49	5,00	0,94	5,07	5,25	5,75	2,63	6,00
	12-16	75	4,83	1,21	4,96	5,37	5,63	1,00	6,00
Au	Até 11	49	4,50	0,88	4,54	4,50	3,90	2,50	5,90
	12-16	75	4,44	0,88	4,48	4,50	4,10	2,00	5,90
AS	Até 11	49	5,12	0,97	5,22	5,50	6,00	2,00	6,00
	12-16	75	4,94	1,01	5,00	5,20	6,00	2,40	6,00
De	Até 11	49	4,11	1,28	4,16	4,30	3,00	1,20	6,00
	12-16	75	3,86	1,32	3,88	3,90	2,00	1,20	6,00

Por fim, foram realizadas as análises descritivas das orientações de cada um dos CPE, podendo-se criar, da mesma forma, um perfil detalhado do favorecimento dentro de cada uma dessas dimensões, controlando a variável “Categorias”. Cabe destacar que o comportamento das médias (ranking dentro de cada CPE), em um primeiro momento, se mostrou idêntico em ambos os grupos (Tabela 11). Na dimensão HM, pode-se verificar que itens relacionados à evolução (OEv) são os mais favorecidos segundo os treinadores, seguidos dos aspectos referentes à conformação (OCf) e à pertinência (OPe) (Tabela 11). No que diz respeito ao ET, a orientação mais favorecida se relaciona à cognição (OCg), seguida das orientações relacionadas à conformação (OCf) e à pertinência (OPe). No que se refere ao SE, os aspectos relacionados à ética (OEt) elevam a média do CPE, enquanto os itens relacionados à concorrência (OCc) apresentaram os índices médios mais baixos. Na sequência, a dimensão Au possui sua média elevada pelos itens relacionados à tomada de decisão (OTD), ao passo que os itens referentes à liberdade de expressão (OLE) apresentam médias menos expressivas. Em relação ao AS, o conteúdo mais favorecido entre todos os estudados, as altas médias dos itens

relacionados à afeição (Oaf) são responsáveis por elevar os valores da dimensão, enquanto as médias obtidas para os aspectos relacionados à sinergia (OSi) são mais baixos. Por fim, com relação à dimensão De, os itens correspondentes à inclusão (OIn) possuem média mais alta que os itens relacionados à participação (OPa).

Tabela 11 – Estatísticas descritivas das orientações por “Categorias”

Medida		Categ.	n	Tendência central e Dispersão						
				\bar{X}	DP	$\bar{X}_{5\%}$	M _{ediana}	M _{oda}	Amplitude	
									M _{ínimo}	M _{áximo}
HM	OPe	Até 11	49	4,39	1,12	4,47	4,67	5,00	1,00	6,00
		12-16	75	4,07	1,21	4,10	4,33	4,67	1,00	6,00
HM	OEv	Até 11	49	5,30	0,58	5,35	5,50	5,25	3,50	6,00
		12-16	75	4,91	1,17	5,03	5,25	6,00	1,00	6,00
HM	OCf	Até 11	49	5,24	0,65	5,24	5,33	5,33	3,00	6,00
		12-16	75	4,33	1,43	4,42	4,67	5,67	1,00	6,00
ET	OCf	Até 11	49	4,98	0,80	5,02	5,00	5,75	3,00	6,00
		12-16	75	4,66	1,35	4,77	5,00	6,00	1,00	6,00
ET	OPe	Até 11	49	4,82	0,93	4,87	5,00	5,67	2,33	6,00
		12-16	75	4,66	1,23	4,73	5,00	6,00	1,67	6,00
ET	OCg	Até 11	49	5,07	0,81	5,13	5,25	6,00	3,00	6,00
		12-16	75	4,85	1,20	4,95	5,25	6,00	1,25	6,00
SE	OCc	Até 11	49	4,79	1,04	4,87	5,00	5,50	2,25	6,00
		12-16	75	4,55	1,22	4,64	5,00	5,25	1,00	6,00
SE	OEt	Até 11	49	5,20	1,02	5,29	5,75	6,00	2,75	6,00
		12-16	75	5,11	1,32	5,28	5,75	6,00	1,00	6,00
Au	OLE	Até 11	49	4,03	1,06	4,05	4,00	4,00	1,60	6,00
		12-16	75	3,97	0,98	3,99	4,00	3,60	1,40	6,00
Au	OTD	Até 11	49	4,98	0,81	5,04	5,00	5,80	2,60	6,00
		12-16	75	4,91	0,98	5,00	5,00	5,80	1,60	6,00
AS	OSi	Até 11	49	4,84	1,23	4,93	5,20	6,00	1,60	6,00
		12-16	75	4,69	1,22	4,76	5,00	6,00	2,00	6,00
AS	Oaf	Até 11	49	5,42	0,79	5,52	5,80	6,00	2,40	6,00
		12-16	75	5,20	0,92	5,27	4,60	6,00	1,60	6,00
De	OIn	Até 11	49	4,24	1,30	4,30	4,40	5,20	1,40	6,00
		12-16	75	3,94	1,29	3,92	4,00	3,00	1,40	6,00
De	OPa	Até 11	49	3,98	1,38	4,02	4,40	4,80	1,00	6,00
		12-16	75	3,78	1,42	3,81	3,80	2,80	1,00	6,00

4.2.3 Comparações de médias intragrupos

Com intuito de se verificar a existência de uma prevalência no favorecimento de algum dos conteúdos, foram realizadas, através de testes *t* para amostras pareadas, as comparações dos CPG para cada um dos grupos. No Grupo “Até 11

anos”, foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,05$) entre a dimensão mais favorecida – DTT – e as demais dimensões – DAEM e DCo (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$). Já para o Grupo “12 a 16 anos”, o comportamento das médias foi diferente. Foram identificadas diferenças significativas ($p < 0,05$) apenas entre a dimensão mais favorecida (DAEM) e a menos favorecida (DCo).

Da mesma forma, a fim de se desvendar o padrão de favorecimento nos grupos “Até 11 anos” e “12 a 16 anos”, foram verificadas as diferenças entre cada um dos CPE. Assim, segundo a opinião dos treinadores, as competições de tênis nas categorias “Até 11 anos”, favorecem, em primeiro lugar, AS, SE, HM e ET (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$), seguidos por Au, e por fim, De (Tabela 12). Já nas categorias “12 a 16 anos”, os CPE mais favorecidos são AS, SE e ET (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$), seguidos por Au e HM (também indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$), e ao final, De.

Tabela 12 – Comparações das médias dos CPG e CPE intragrupos por “Categorias”

Dimensões Pareadas	Categorias					
	Até 11 anos			12-16 anos		
	<i>t</i>	gl	Sig.	<i>t</i>	gl	Sig.
DTT – DAEM	2,605	48	0,012	-0,678	74	0,500
DTT – DCo	3,116	48	0,003	1,748	74	0,085
DAEM – DCo	1,408	48	0,166	2,514	74	0,014
HM – ET	0,247	48	0,806	-3,681	74	0,000
HM – SE	-0,175	48	0,862	-3,733	74	0,000
HM – Au	4,322	48	0,000	-0,074	74	0,941
HM – AS	-1,287	48	0,204	-4,838	74	0,000
HM – De	5,697	48	0,000	4,514	74	0,000
ET – SE	-0,406	48	0,686	-0,941	74	0,350
ET – Au	4,090	48	0,000	2,759	74	0,007
ET – AS	-1,179	48	0,244	-1,990	74	0,050
ET – De	5,223	48	0,000	6,139	74	0,000
SE – Au	4,578	48	0,000	4,242	74	0,000
SE – AS	-1,147	48	0,257	-0,953	74	0,344
SE – De	6,135	48	0,000	7,422	74	0,000
Au – AS	-4,884	48	0,000	-5,115	74	0,000
Au – De	2,699	48	0,010	4,683	74	0,000
AS - De	6,574	48	0,000	9,751	74	0,000

Legenda: *t* = Teste *t* Pareado; gl = Graus de liberdade

A fim de se explorar de forma ainda mais completa o perfil de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos estudados, foram realizadas as comparações entre as orientações de cada um dos CPE, controlando a variável “Categorias”

(Tabela 13). Na dimensão HM, para o Grupo “Até 11 anos”, as orientações OEv e OCf (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$) apresentaram diferença significativa ($p < 0,05$) em relação à OPe. Já no Grupo “12 a 16 anos”, OEv apresentou diferença significativa ($p < 0,05$) em relação às demais orientações – OCf e OPe -, indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$). Também pode-se notar que na dimensão ET, para o grupo “Até 11 anos”, foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre as orientações mais favorecidas – OCg e OCf, indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$) – e a orientação menos favorecida – OPe. Esse comportamento se difere do apresentado no grupo “12 a 16 anos”, no qual foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre a orientação mais favorecida – OCg – e as orientações menos favorecidas – OCf e OPe -, indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$).

Nas demais análises, o comportamento das orientações apresentados para ambos os grupos foi idêntico. Em SE foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OEt e OCc, em favor da primeira. Na dimensão Au, os resultados indicaram diferença significativa ($p < 0,05$) para a OTD em relação à OLE. Na dimensão AS, também foi identificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OAf e OSi, em favor da primeira. Por fim, na dimensão De, foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OIn e OPa, em favor da primeira.

Tabela 13 – Comparações de médias das orientações intragrupos por “Categorias”

CP	Dimensões Pareadas Orientações	Categorias					
		Até 11 anos			12-16 anos		
		t	gl	Sig.	t	gl	Sig.
HM	OPe – OEv	-5,264	48	0,000	-6,408	74	0,000
	OPe – OCf	-5,246	48	0,000	-1,822	74	0,072
	OEv – OCf	0,565	48	0,575	4,722	74	0,000
ET	OCf – OPe	2,041	48	0,047	-0,013	74	0,990
	OCf – OCg	-1,331	48	0,189	-2,493	74	0,015
	OPe – OCg	-2,928	48	0,005	-2,674	74	0,009
SE	OCc – OEt	-3,488	48	0,001	-6,439	74	0,000
Au	OLE – OTD	-10,124	48	0,000	-9,495	74	0,000
AS	OSi – OAf	-5,770	48	0,000	-5,984	74	0,000
De	OIn – OPa	-2,390	48	0,021	2,117	74	0,038

Legenda: t = Teste t Pareado; gl = Graus de liberdade

4.2.4 Comparações de médias intergrupos

Inicialmente, foram comparadas as médias encontradas para o instrumento completo (BTGB-CP) em função das categorias ($X_{Até11} = 4,78$; $X_{12-16} = 4,54$) (Tabela 14). O teste t para amostras independentes e seus resultados indicaram não haver diferenças significativas ($p > 0,05$) entre os índices médios de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nestas categorias, apesar dos valores médios obtidos nas categorias “Até 11 anos” serem mais elevados.

Após esta constatação, foram realizadas as análises comparativas, entre os grupos, referentes aos CPG. Apesar das médias obtidas serem maiores para o grupo “Até 11 anos”, não foram verificadas diferenças significativas ($p > 0,05$) nas dimensões DAEM e Dco. No entanto, foi constatada diferença significativa ($p < 0,05$) na dimensão DTT. Esse resultado indica, portanto, haver maior favorecimento ao desenvolvimento dos aspectos técnico-táticos nas categorias “Até 11 anos”, quando comparadas às categorias “12 a 16 anos”. Para melhor compreender as possíveis causas desse fenômeno, faz-se necessário investigar minuciosamente os CPE.

Assim, foram realizadas as análises comparativas intergrupos para cada CPE. Cabe destacar que não foram encontradas diferenças significativas ($p > 0,05$) para ET, SE, Au, AS, e De (Tabela 14). Estes resultados (exceto o de ET) corroboram com as análises dos CPG, anteriormente realizadas. Entretanto, foi encontrada diferença significativa ($p < 0,05$) na dimensão HM, em favor do grupo “Até 11 anos”, indicando que essa dimensão é mais favorecida nas categorias menores. Este resultado poderia explicar as diferenças anteriormente encontradas em DTT, podendo ser estudado de forma ainda mais aprofundada a partir da análise das orientações.

Tabela 14 – Comparações de médias dos CPG e CPE intergrupos (“Categorias”)

Medida	Levene		Teste t para amostras independentes		
	F	Sig.	t	gl	Sig.
BTGB-CP	5,35	0,022	1,606	118	0,111
DTT	15,57	0,000	2,572	118	0,011
DAEM	1,00	0,319	0,681	122	0,497
DCo	1,092	0,298	1,143	122	0,255
HM	21,00	0,000	3,642	118	0,000
ET	7,39	0,008	1,299	122	0,196
SE	1,823	0,180	0,814	122	0,417
Au	0,002	0,963	0,402	122	0,688
AS	0,644	0,424	0,997	122	0,321
De	0,249	0,619	1,070	122	0,287

Cabe destacar, com relação às orientações, que não foram encontradas diferenças significativas ($p > 0,05$) em nenhuma das orientações correspondentes ao ET, SE, AS, Au e De (Tabela 15). No entanto, a partir de testes t para amostras independentes realizados, foram constatadas diferenças significativas ($p < 0,05$) em duas orientações pertencentes à dimensão HM: OEv e OCf. Ou seja, segundo os treinadores, as competições de tênis nas categorias “Até 11 anos” se diferem (positivamente) das competições de tênis nas categorias “12 a 16 anos” no favorecimento ao DTT, caracterizado pelo HM, e, mais especificamente, localizado nos itens relacionados à OEv e OCf.

Tabela 15 – Comparações de médias das orientações intergrupos (“Categorias”)

Medida	Levene		Teste t para amostras independentes			
	F	Sig.	t	gl	Sig.	
HM	OPE	0,314	0,575	1,514	122	0,132
	OE _v	16,406	0,000	2,468	115	0,012
	OC _f	35,342	0,000	4,817	111	0,000
ET	OC _f	9,983	0,002	1,643	121	0,103
	OP _e	4,630	0,033	0,816	119	0,416
	OC _g	9,577	0,002	1,204	121	0,231
SE	OC _c	1,446	0,232	1,149	122	0,253
	OE _t	1,082	0,300	0,408	122	0,684
Au	OLE	0,252	0,616	0,340	122	0,734
	OTD	2,011	0,159	0,400	122	0,690
AS	OA _f	0,149	0,700	0,636	122	0,526
	OS _i	2,221	0,139	1,394	122	0,166
De	OIn	0,018	0,895	1,297	122	0,197
	OP _a	0,079	0,780	0,793	122	0,429

4.3 SOBRE A FORMAÇÃO DOS TREINADORES

4.3.1 Conhecimento e confiabilidade dos dados

Inicialmente, os índices médios verificados para cada um dos 59 itens, analisados individualmente, variaram de 2,27 a 5,55 - com desvios-padrão associados variando entre 0,75 e 1,83. Não foi identificada a presença de qualquer caso extremo ou *outlier* nas respostas da BTGB-CP, bem como nas dimensões DAEM, DCo, HM, SE, Au – para o grupo dos “Pós-graduados” – e AS e De - para ambos os grupos (Figura). Por fim, com relação às orientações, nota-se que três orientações (ET – OP_e; De – OIn e OP_a) do grupo “Graduados” não possuem

outliers, ao passo que apenas duas orientações (SE – OEt; De – OIn) do grupo “Pós-graduados” apresentaram casos com valores extremos. Como citado anteriormente, os *outliers* e os casos com valores extremos encontrados não alteraram de forma significativa a distribuição da amostra, e, portanto, optou-se por mantê-los.

Ainda, a fim de se verificar a normalidade da distribuição dos dados para posterior comparação destas médias, testaram-se os índices de normalidade através dos cálculos de Kolmogorov-Smirnov para os “Graduados”) e Shapiro-Wilk (Pós-graduados). Seus resultados indicaram haver distribuição normal ($p > 0,05$) para as respostas da BTGB-CP, bem como para as dimensões DTT, DCo, HM, Au e De – para o grupo dos “Pós-graduados” (Tabela 16). Já no grupo “Graduados”, os resultados indicaram não haver distribuição normal ($p < 0,05$) para a maior parte das dimensões, exceto DCo e Au – as quais apresentaram distribuição normal ($p > 0,05$).

Tabela 16 - Distribuição dos CPG e CPE por “Formação”

Medida	Form.	n	Distribuição						
			Normalidade			Assimetria		Achatamento	
			K-S*	S-W	Sig.	Skewness	EP _s ¹	Kurtosis	EP _{k2}
BTGB-CP	Grad.	73	0,139		0,001	-1,027	0,281	0,514	0,555
	Pós	31		0,966	0,426	-0,253	0,427	-0,802	0,833
DTT	Grad.	73	0,116		0,017	-1,144	0,281	1,263	0,555
	Pós	31		0,932	0,057	-0,827	0,427	0,119	0,833
DAEM	Grad.	73	0,133		0,003	-1,267	0,281	1,389	0,555
	Pós	31		0,926	0,039	-0,293	0,427	-1,268	0,833
DCo	Grad.	73	0,093		0,191	-0,591	0,281	-0,660	0,555
	Pós	31		0,967	0,470	-0,163	0,427	-0,606	0,833
HM	Grad.	73	0,154		0,000	-1,221	0,281	1,652	0,555
	Pós	31		0,947	0,144	-0,561	0,427	-0,322	0,833
ET	Grad.	73	0,129		0,004	-1,092	0,281	0,792	0,555
	Pós	31		0,896	0,007	-1,082	0,427	0,725	0,833
SE	Grad.	73	0,203		0,000	-1,628	0,281	2,316	0,555
	Pós	31		0,886	0,004	-0,559	0,427	-1,081	0,833
Au	Grad.	73	0,075		0,200*	-0,516	0,281	-0,246	0,555
	Pós	31		0,963	0,369	-0,193	0,427	-1,015	0,833
AS	Grad.	73	0,185		0,000	-0,891	0,281	-0,077	0,555
	Pós	31		0,892	0,005	-0,743	0,427	-0,392	0,833
De	Grad.	73	0,125		0,006	-0,564	0,281	-0,756	0,555
	Pós	31		0,942	0,103	-0,519	0,427	-0,530	0,833

* com correção *Lilliefors*. Legenda: Form. = Formação; Grad. = Graduados; Pós = Pós-graduados.

Por fim, da mesma forma que nas dimensões anteriores, testaram-se os índices de normalidade para as respectivas orientações de cada CPE. Seus

resultados indicaram haver distribuição normal dos dados ($p > 0,05$) para as orientações de HM (OPe), Au (OLE) e De (OIn e OPa), todos para o grupo dos “Pós-graduados” (Tabela 17).

Tabela 17 – Distribuição das orientações por “Formação”

Medida	Form.	n	Distribuição							
			Normalidade			Assimetria		Achatamento		
			K-S	S-W	Sig.	Skewness	EP _s ¹	Kurtosis	EP _{k2}	
HM	OPe	Grad.	73	0,125		0,006	-0,722	0,281	0,147	0,555
		Pós	31		0,968	0,481	0,160	0,427	-0,314	0,833
HM	OEv	Grad.	73	0,176		0,000	-1,184	0,281	2,345	0,555
		Pós	31		0,886	0,004	-1,016	0,427	0,180	0,833
HM	OCf	Grad.	73	0,188		0,000	-1,047	0,281	0,626	0,555
		Pós	31		0,841	0,000	-0,974	0,427	-0,341	0,833
ET	OCf	Grad.	73	0,146		0,001	-1,203	0,281	1,166	0,555
		Pós	31		0,867	0,001	-1,123	0,427	0,591	0,833
ET	OPe	Grad.	73	0,170		0,000	-0,864	0,281	0,033	0,555
		Pós	31		0,908	0,013	-0,906	0,427	0,397	0,833
ET	OCg	Grad.	73	0,183		0,000	-1,105	0,281	0,509	0,555
		Pós	31		0,892	0,005	-1,883	0,427	0,114	0,833
SE	OCc	Grad.	73	0,184		0,000	-1,122	0,281	0,383	0,555
		Pós	31		0,907	0,013	-0,514	0,427	-1,073	0,833
SE	OEt	Grad.	73	0,277		0,000	-1,842	0,281	-0,114	0,555
		Pós	31		0,827	0,000	-1,073	0,427	0,375	0,833
Au	OLE	Grad.	73	0,138		0,002	-0,181	0,281	-0,486	0,555
		Pós	31		0,969	0,519	-0,152	0,427	-0,759	0,833
Au	OTD	Grad.	73	0,128		0,005	-1,212	0,281	-0,865	0,555
		Pós	31		0,929	0,045	-0,489	0,427	-0,486	0,833
AS	OSi	Grad.	73	0,165		0,000	-0,716	0,281	0,288	0,555
		Pós	31		0,902	0,010	-0,487	0,427	-0,868	0,833
AS	OAf	Grad.	73	0,214		0,000	-1,572	0,281	4,116	0,555
		Pós	31		0,846	0,001	-1,093	0,427	0,288	0,833
De	OIn	Grad.	73	0,122		0,009	-0,534	0,281	-0,759	0,555
		Pós	31		0,942	0,100	0,356	0,427	-0,602	0,833
De	OPa	Grad.	73	0,151		0,000	-0,540	0,281	-0,906	0,555
		Pós	31		0,949	0,163	0,397	0,427	-0,766	0,833

4.3.2 Estatísticas descritivas gerais

Com intuito de descrever detalhadamente o perfil de favorecimento dos conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis, faz-se necessário avaliar cada um dos níveis do Modelo Teórico-Explicativo Multidimensional relativo ao Favorecimento ao Desenvolvimento de Conteúdos Pedagógicos no Esporte Infantojuvenil (GONÇALVES, 2018), respectivamente: CPG; CPE; Orientações.

Desta forma, avaliou-se o primeiro nível do modelo, que contempla os CPG. Pode-se notar que os resultados das médias obtidas nas dimensões DTT, DAEM e DCo variaram de 4,14 a 4,82, independente do grupo (Tabela 18). Essa variação entre as médias foi ainda menor, quando analisada controlando a variável “Formação”. Apesar das médias bastante próximas, foi possível estabelecer uma ordem dos CPG mais contemplados segundo os treinadores, respectivamente: DTT, seguido por DAEM, e DCo (para os “Graduados”); DAEM e DTT (com a mesma média), seguidos por DCo (para os “Pós-graduados”). Ainda, vale ressaltar que as médias indicadas pelo grupo dos “Graduados” foram superiores às respectivas médias indicadas pelo grupo dos “Pós-graduados”.

Na sequência, a partir da avaliação dos CPE – segundo nível do modelo apresentado – foi possível aprofundar ainda mais o perfil de favorecimento nas competições de tenistas infantojuvenis de acordo com a “Formação” dos treinadores. Desta forma, foram explorados os valores médios obtidos para cada uma das escalas, referentes aos CPE. Esses valores variaram de 3,51 a 5,11, independente da “Formação” dos treinadores (Tabela 18).

A partir dos resultados das médias obtidas, também pôde-se estabelecer uma ordem dos CPE mais (e menos) favorecidos pelas competições infantojuvenis de tênis de acordo com a “Formação” dos treinadores. O conteúdo mais favorecido para os “Graduados” é o AS, seguido do SE, ET, HM, Au e, por fim, De. No caso “Pós-graduados”, as dimensões mais favorecidas são SE, AS, ET, HM, Au e, por fim, De. Diante desses resultados, é possível identificar um leve padrão entre as duas categorias analisadas: o CPE menos favorecido é De, ao passo que AS e Se são bastante favorecidos para ambos os grupos.

Tabela 18 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Formação”

‘continua’

Medida	Tendência central e Dispersão								
	Formação	n	\bar{X}	DP	\bar{X} 5%	M _{ediana}	M _{oda}	Amplitude	
								M _{ínimo}	M _{áximo}
BTGB-CP	Grad.	73	4,74	0,80	4,80	4,92	4,55	2,51	5,80
	Pós	31	4,45	0,88	4,46	4,58	2,67	2,67	5,91
DTT	Grad.	73	4,82	0,83	4,89	4,86	5,89	2,06	5,89
	Pós	31	4,60	0,96	4,65	4,79	2,22	2,22	5,90
DAEM	Grad.	73	4,75	0,90	4,82	4,89	4,56	1,98	5,95
	Pós	31	4,60	0,88	4,62	4,67	3,18	3,00	5,83
DCo	Grad.	73	4,63	0,98	4,67	4,75	5,15	2,30	6,00
	Pós	31	4,14	1,01	4,16	4,05	3,00	2,05	6,00

Tabela 18 - Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Formação”

									‘conclusão’
HM	Grad.	73	4,73	0,87	4,80	4,92	4,69	1,61	6,00
	Pós	31	4,50	0,93	4,54	4,51	2,42	2,42	5,92
ET	Grad.	73	4,91	0,96	5,00	5,13	6,00	2,08	6,00
	Pós	31	4,70	1,08	4,78	4,83	2,03	2,03	6,00
SE	Grad.	73	4,97	1,11	5,09	5,37	5,63	1,25	6,00
	Pós	31	4,81	0,99	4,85	5,06	5,75	2,75	6,00
Au	Grad.	73	4,53	0,84	4,57	4,50	4,30	2,00	5,90
	Pós	31	4,40	0,94	4,41	4,40	4,10	2,50	5,90
AS	Grad.	73	5,11	0,90	5,18	5,50	6,00	2,40	6,00
	Pós	31	4,77	1,17	4,85	5,00	5,80	2,00	6,00
De	Grad.	73	4,15	1,27	4,20	4,40	4,60	1,20	6,00
	Pós	31	3,51	1,24	3,49	3,25	3,20 ^a	1,60	6,00

Por fim, foram realizadas as análises descritivas das orientações de cada um dos CPE, podendo-se criar, da mesma forma, um perfil detalhado do favorecimento dentro de cada uma dessas dimensões controlando a variável “Formação”. Cabe destacar que o comportamento das médias (ranking dentro de cada CPE), em um primeiro momento, se mostrou bastante parecido em ambos os grupos. Na dimensão HM, pôde-se verificar que itens relacionados à evolução (OEv) são os mais favorecidos segundo os treinadores, seguidos dos aspectos referentes à conformação (OCf), e à pertinência (OPe) (Tabela 19). Na dimensão SE, os aspectos relacionados à ética (OEt) elevaram a média do CPE, enquanto os itens relacionados à concorrência (OCc) apresentaram índices médios mais baixos. Na sequência, a dimensão Au possui sua média elevada pelos itens relacionados à tomada de decisão (OTD), em contraponto às médias mais baixas apresentadas nos itens referentes à liberdade de expressão (OLE). Em relação ao AS, as altas médias dos itens relacionados à afeição (Oaf) são responsáveis por elevar os valores da dimensão, enquanto as médias obtidas para os aspectos relacionados à sinergia (OSi) são mais baixas. Por fim, com relação à De, os itens correspondentes à inclusão (OIn) possuem média mais alta que os itens relacionados à participação (OPa). A única diferença no comportamento das orientações (de acordo com a opinião dos treinadores) diz respeito à dimensão ET, na qual, para os treinadores “Graduados”, são mais favorecidas OCg, OCf e OPe, ao passo que para o grupo dos “Pós-graduados”, a ordem indicada foi OCg, seguido por OPe e OCf.

Tabela 19 – Estatísticas descritivas das orientações por “Formação”

Medida			Tendência central e Dispersão							
			n	\bar{X}	DP	$\bar{X}_{5\%}$	M _{mediana}	M _{moda}	Amplitude	
Form.								M _{mínimo}	M _{máximo}	
HM	OPe	Grad.	73	4,34	1,09	4,40	4,67	5,00	1,33	6,00
		Pós	31	3,98	1,08	3,98	4,00	3,00	1,67	6,00
HM	OEv	Grad.	73	5,15	0,87	5,24	5,25	5,75	2,00	6,00
		Pós	31	5,01	0,88	5,07	5,25	5,75	2,75	6,00
HM	OCf	Grad.	73	4,71	1,14	4,79	5,00	5,33	1,00	6,00
		Pós	31	4,52	1,50	4,62	5,00	5,00	1,00	6,00
ET	OCf	Grad.	73	4,88	1,05	4,98	5,25	6,00	1,75	6,00
		Pós	31	4,55	1,35	4,65	4,75	4,75	1,25	6,00
ET	OPe	Grad.	73	4,80	1,07	4,88	5,00	5,67	2,00	6,00
		Pós	31	4,67	1,00	4,72	5,00	5,00	2,33	6,00
ET	OCg	Grad.	73	5,07	0,93	5,14	5,25	6,00	2,25	6,00
		Pós	31	4,89	1,02	4,96	5,25	6,00	2,50	6,00
SE	OCc	Grad.	73	4,73	1,09	4,82	5,00	4,50	1,50	6,00
		Pós	31	4,39	1,25	4,43	4,75	5,50	2,00	6,00
SE	OEt	Grad.	73	5,20	1,22	5,37	6,00	6,00	1,00	6,00
		Pós	31	5,23	0,90	5,31	5,62	6,00	2,75	6,00
Au	OLE	Grad.	73	4,11	0,94	4,13	4,00	4,00	1,40	6,00
		Pós	31	3,83	1,16	3,84	4,00	4,00	1,60	6,00
Au	OTD	Grad.	73	4,95	0,89	5,03	5,00	5,80	2,00	6,00
		Pós	31	4,96	0,83	5,01	4,90	5,80	3,00	6,00
AS	OSi	Grad.	73	4,86	1,14	4,94	5,20	6,00	2,00	6,00
		Pós	31	4,51	1,34	4,58	4,70	6,00	1,60	6,00
AS	OAF	Grad.	73	5,37	0,80	5,45	5,60	6,00	2,60	6,00
		Pós	31	5,03	1,06	5,11	5,30	6,00	2,40	6,00
De	OIn	Grad.	73	4,27	1,24	4,32	4,40	5,60	1,40	6,00
		Pós	31	3,61	1,27	3,58	3,60	3,00	1,60	3,00
De	OPa	Grad.	73	4,04	1,39	4,09	4,40	4,60	1,00	6,00
		Pós	31	3,43	1,29	3,38	3,30	3,60	1,60	6,00

4.3.3 Comparações de médias intragrupos

Com intuito de se verificar a existência de uma prevalência no favorecimento de algum dos conteúdos, foram realizadas, através de testes *t* para amostras pareadas, as comparações dos CPG para cada um dos grupos. No Grupo “Graduados”, foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,05$) entre a dimensão mais favorecida – DTT – e a menos favorecida – DCo (Tabela 20). Já no grupo “Pós-Graduados”, o comportamento das médias foi diferente. Foram identificadas diferenças significativas ($p < 0,05$) entre as dimensões mais favorecidas (DAEM e DTT) e a menos favorecida (DCo).

Da mesma forma, a fim de se desvendar o padrão de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos nos dois grupos, foram verificadas as diferenças entre cada um dos CPE (Tabela 20). Assim, segundo a opinião dos treinadores “Graduados”, as competições de tênis favorecem, em primeiro lugar, AS, SE, ET e HM (sem apresentar diferenças significativas entre as dimensões adjacentes; $p > 0,05$), seguidos por Au, e por fim, De (apresentando, os dois últimos, diferenças significativas – $p < 0,05$ – entre si e em relação aos demais CPE) (Tabela 20). Já para os “Pós-graduados”, os CPE mais favorecidos são SE, AS, ET, HM e Au (sem diferenças significativas entre as dimensões adjacentes; $p > 0,05$), e após, De.

Tabela 20 – Comparações das médias dos CPG e CPE intragrupos por “Formação”

Dimensões Pareadas	Formação					
	Graduados			Pós-graduados		
	t	gl	Sig.	t	gl	Sig.
DTT – DAEM	1,015	72	0,314	-0,011	30	0,991
DTT – DCo	2,038	72	0,045	3,103	30	0,004
DAEM – DCo	1,393	72	0,168	4,496	30	0,000
HM – ET	-1,997	72	0,050	-1,788	30	0,084
HM – SE	-2,322	72	0,023	-1,732	30	0,094
HM – Au	2,053	72	0,044	0,621	30	0,540
HM – AS	-4,204	72	0,000	-1,381	30	0,178
HM – De	4,544	72	0,000	5,849	30	0,000
ET – SE	-0,507	72	0,613	-0,610	30	0,546
ET – Au	4,467	72	0,000	1,502	30	0,144
ET – AS	-1,745	72	0,085	-0,384	30	0,704
ET – De	5,430	72	0,000	6,194	30	0,000
SE – Au	4,700	72	0,000	2,957	30	0,006
SE – AS	-1,450	72	0,151	0,327	30	0,746
SE – De	6,673	72	0,000	8,113	30	0,000
Au – AS	-5,908	72	0,000	-2,368	30	0,025
Au – De	3,012	72	0,004	5,293	30	0,000
AS – De	8,021	72	0,000	6,896	30	0,000

Legenda: t = Teste t Pareado; gl = Graus de liberdade.

A fim de se explorar de forma ainda mais completa o perfil de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos estudados, foram realizadas as comparações entre as orientações de cada um dos CPE, controlando a variável “Formação” (Tabela 21). Na dimensão HM, para ambos os grupos, todas as orientações apresentaram diferenças significativas ($p < 0,05$) em relação às outras, na seguinte ordem: OEv, OCf, Ope. Também pode-se notar que na dimensão ET, foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre a orientação mais favorecida (OCg) e as demais, sendo OCf e OPe indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$). Na dimensão SE foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OEt e OCc, em favor da

primeira. Na dimensão Au, os resultados indicaram haver diferença significativa ($p < 0,05$) para a OTD em relação à OLE. Na dimensão AS, também foi identificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OAf e OSi, em favor da primeira. A única diferença no comportamento dos dados entre os grupos se deu na dimensão De, a qual apresentou diferença significativa ($p < 0,05$) entre OIn e OPa para os “Graduados”, ao passo que para “Pós-graduados” tais orientações são indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$).

Tabela 21 – Comparações de médias das orientações intragrupos por “Formação”

CP	Dimensões Pareadas Orientações	Formação					
		Graduados			Pós-graduados		
		t	gl	Sig.	t	gl	Sig.
HM	OPe – OEv	-7,216	72	0,000	-4,813	30	0,000
	OPe – OCf	-3,004	72	0,004	-2,123	30	0,042
	OEv – OCf	4,275	72	0,000	2,205	30	0,036
ET	OCf – OPe	1,135	72	0,260	-0,980	30	0,335
	OCf – OCg	-3,029	72	0,003	-3,139	30	0,004
	OPe – OCg	-3,558	72	0,001	-2,684	30	0,012
SE	OCc – OEt	-6,172	72	0,000	-5,115	30	0,000
Au	OLE – OTD	-9,643	72	0,000	-8,445	30	0,000
AS	OSi – OAf	-5,871	72	0,000	-5,159	30	0,000
De	OIn – OPa	2,814	72	0,006	1,526	30	0,138

Legenda: t = Teste t Pareado; gl = Graus de liberdade.

4.3.4 Comparações de médias intergrupos

Inicialmente, foram comparadas as médias encontradas para o instrumento completo (BTGB-CP) em função da formação dos treinadores ($X_{\text{Grad}} = 4,74$; $X_{\text{Pós}} = 4,45$) (Tabela 22). O teste t para amostras independentes e seus resultados indicaram não haver diferenças significativas ($p > 0,05$) entre os índices médios de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos de acordo com a “Formação”, apesar das médias obtidas para o grupo “Graduados” serem numericamente maiores.

Após esta constatação, foram realizadas as análises comparativas, entre os grupos, referentes aos CPG. Apesar das médias obtidas serem maiores para o grupo “Graduados”, não foram verificadas diferenças significativas ($p > 0,05$) nas dimensões DTT e DAEM. No entanto, foi constatada diferença significativa ($p < 0,05$) na dimensão DCo. Esse resultado indica, portanto, haver maior favorecimento ao

desenvolvimento dos aspectos relacionados à coesão nas competições de tenistas infantojuvenis segundo a opinião dos treinadores “Graduados”. A fim de melhor compreender a causa deste fenômeno, faz-se necessário investigar minuciosamente os CPE.

Assim, foram realizadas as análises comparativas intergrupos para cada CPE. Cabe destacar que não foram encontradas diferenças significativas ($p > 0,05$) para as dimensões HM, ET, SE, Au e AS (Tabela 22). No entanto, foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,05$) na dimensão De, em favor do grupo “Graduados”. Nesse caso, os treinadores “Graduados” compreendem que as competições de tenistas infantojuvenis favorecem em maior nível os aspectos relacionados à democratização do esporte. Este resultado poderia explicar as diferenças anteriormente encontradas em DCo, podendo ser estudado de forma ainda mais aprofundada a partir da análise das orientações.

Tabela 22 – Comparações de médias dos CPG e CPE intergrupos (“Formação”)

Medida	Levene		Teste <i>t</i> para amostras independentes		
	F	Sig.	<i>t</i>	gl	Sig.
BTGB-CP	0,838	0,362	1,588	102	0,115
DTT	1,273	0,262	1,167	102	0,246
DAEM	0,707	0,402	0,749	102	0,455
DCo	0,252	0,617	2,228	102	0,028
HM	0,775	0,381	1,187	102	0,238
ET	0,184	0,669	0,979	102	0,330
SE	0,012	0,911	0,663	102	0,509
Au	1,734	0,191	0,724	102	0,471
AS	4,017	0,048	1,440	102	0,157
De	0,234	0,629	2,323	102	0,022

Cabe destacar, com relação às orientações, que não foram encontradas diferenças significativas ($p > 0,05$) em nenhuma das orientações correspondentes às dimensões HM, ET, SE, AS e Au (Tabela 23). No entanto, a partir dos testes *t* para amostras independentes realizados, foram constatadas diferenças significativas ($p < 0,05$) nas duas orientações pertencentes à dimensão De: OIn e OPa. Ou seja, para os treinadores “Graduados”, as competições de tênis se diferem (positivamente) no favorecimento ao DCo, caracterizado pela De, e, mais especificamente, nos itens relacionados à participação e inclusão.

Tabela 23 – Comparações de médias das orientações intergrupos ("Formação")

Medida		Levene		Teste <i>t</i> para amostras independentes		
		F	Sig.	<i>t</i>	gl	Sig.
HM	OPE	0,001	0,977	1,526	102	0,130
	OE _v	0,164	0,686	0,753	102	0,453
	OC _f	4,667	0,033	0,611	102	0,545
ET	OC _f	1,985	0,162	1,320	102	0,190
	OPE	0,781	0,379	0,579	102	0,564
	OC _g	0,842	0,361	0,850	102	0,397
SE	OC _c	2,463	0,120	1,365	102	0,175
	OE _t	1,546	0,217	-0,113	102	0,910
Au	OLE	3,457	0,066	1,321	102	0,189
	OTD	0,001	0,973	-0,084	102	0,933
AS	OAF	1,865	0,175	1,334	102	0,185
	OSi	4,391	0,039	1,602	102	0,116
De	OIn	0,015	0,903	2,443	102	0,016
	OPa	0,686	0,409	2,059	102	0,042

4.4 SOBRE A IDADE DOS TREINADORES

4.4.1 Conhecimento e confiabilidade dos dados

Inicialmente, os índices médios verificados para cada um dos 59 itens, analisados individualmente, variaram de 2,44 a 5,54 - com desvios-padrão associados variando de 0,73 a 2,06. Cabe destacar que não foi identificada a presença de qualquer caso extremo ou *outlier* nas respostas da BTGB-CP para os Grupos 1 e 2. Também não foram verificados casos com valores extremos nas dimensões DCo, SE, Au, AS e De – para o Grupo 1 -, AS e De – para o Grupo 2 – e DTT e De, para o Grupo 3. Por fim, com relação às orientações, não foram encontrados *outliers* ou casos valores extremos nas orientações relacionadas às dimensões HM (OPE e OE_v), ET (OPE e OC_g) e SE (OC_c e OE_t), Au (OLE), AS (OSi) e De (OIn e OPa) – para o Grupo 1 -, HM (OPE) e De (OIn e OPa) – para o Grupo 2 -, e Au (OLE), AS (OSi) e De (OIn e OPa) para o Grupo 3. Como citado anteriormente, os *outliers* e casos com valores extremos encontrados nas demais dimensões não alteraram de forma significativa a distribuição da amostra, e, portanto, optou-se por mantê-los.

Ainda, a fim de se verificar a normalidade da distribuição dos dados para posterior comparação destas médias, testaram-se os índices de normalidade através do cálculo Kolmogorov-Smirnov (com correção *Lilliefors*; para o Grupo 2) e Shapiro-Wilk (para os Grupos 1 e 3). Seus resultados indicaram haver distribuição normal dos dados ($p > 0,05$) para as respostas da BTGB-CP, bem como para as dimensões DTT, DAEM, ET, Au – para o Grupo 1 (Tabela 24). As dimensões De – para o Grupo 2 – e Au – para os Grupos 2 e 3 - também apresentaram distribuição normal dos dados ($p > 0,05$). Os resultados indicaram que a distribuição das demais dimensões não aderiu à normalidade ($p < 0,05$).

Tabela 24 – Distribuição dos CPG e CPE por “Idade”

Medida	Idade	n	Distribuição						
			Normalidade			Assimetria		Achatamento	
			K-S*	S-W	Sig.	Skewness	EP _{s1}	Kurtosis	EP _{k2}
BTGB-CP	Até 30	34		0,956	0,188	-0,451	0,403	-0,045	0,788
	31-45	51	0,132		0,027	0,746	0,333	-0,609	0,656
	45+	39		0,938	0,032	-0,667	0,378	-0,415	0,741
DTT	Até 30	34		0,943	0,074	-0,783	0,403	0,816	0,788
	31-45	51	0,140		0,014	-1,130	0,333	0,770	0,656
	45+	39		0,868	0,000	-1,617	0,378	3,709	0,741
DAEM	Até 30	34		0,949	0,111	-0,737	0,403	0,220	0,788
	31-45	51	0,153		0,004	-1,015	0,333	0,010	0,656
	45+	39		0,895	0,002	-1,447	0,378	3,494	0,741
DCo	Até 30	34		0,929	0,029	-0,555	0,403	-0,404	0,788
	31-45	51	0,127		0,039	-0,339	0,333	-1,146	0,656
	45+	39		0,939	0,035	-0,515	0,378	-0,658	0,741
HM	Até 30	34		0,926	0,024	-0,920	0,403	0,803	0,788
	31-45	51	0,172		0,001	-1,010	0,333	0,697	0,656
	45+	39		0,878	0,001	-1,539	0,378	3,035	0,741
ET	Até 30	34		0,948	0,108	-0,577	0,403	-0,271	0,788
	31-45	51	0,146		0,008	-1,217	0,333	0,852	0,656
	45+	39		0,863	0,000	-1,507	0,378	2,813	0,741
SE	Até 30	34		0,858	0,000	-0,962	0,403	-0,210	0,788
	31-45	51	0,187		0,000	-1,357	0,333	0,970	0,656
	45+	39		0,822	0,000	-1,878	0,378	4,718	0,741
Au	Até 30	34		0,969	0,429	-0,051	0,403	0,084	0,788
	31-45	51	0,111		0,160	-0,537	0,333	-0,360	0,656
	45+	39		0,963	0,227	-0,517	0,378	-0,050	0,741
AS	Até 30	34		0,851	0,000	-0,838	0,403	-0,418	0,788
	31-45	51	0,170		0,001	-0,640	0,333	-0,702	0,656
	45+	39		0,856	0,000	-1,114	0,378	1,098	0,741
De	Até 30	34		0,921	0,017	-0,314	0,403	-1,269	0,788
	31-45	51	0,115		0,090	-0,305	0,333	-0,893	0,656
	45+	39		0,938	0,033	-0,344	0,378	-0,937	0,741

* com correção *Lilliefors*.

Por fim, da mesma forma que nas dimensões anteriores, testaram-se os índices de normalidade para as respectivas orientações de cada CPE. Seus resultados indicaram haver distribuição normal dos dados ($p > 0,05$) nas orientações de HM (OPe), ET (OPe), Au (OLE e OTD), De (OIn) - para o Grupo 1 -, Au (OLE), De (OIn e OPa) - para o Grupo 2 -, e Au (OLE) para o grupo 3 (Tabela 25).

Tabela 25 – Distribuição das orientações por “Idade”

Medida	Idade	n	Distribuição							
			Normalidade			Assimetria		Achatamento		
			K-S*	S-W	Sig.	Skewness	EP _s ¹	Kurtosis	EP _{k2}	
HM	OPe	Até 30	34		0,971	0,479	-0,304	0,403	-0,306	0,788
		31-45	51	0,155		0,004	-0,465	0,333	-0,521	0,656
		45+	39		0,895	0,002	-1,119	0,378	1,284	0,741
HM	OEv	Até 30	34		0,860	0,000	-1,004	0,403	-0,020	0,788
		31-45	51	0,164		0,002	-1,590	0,333	3,121	0,656
		45+	39		0,725	0,000	-2,352	0,378	6,428	0,741
HM	OCf	Até 30	34		0,901	0,005	-1,247	0,403	1,916	0,788
		31-45	51	0,244		0,000	-1,059	0,333	-0,093	0,656
		45+	39		0,864	0,000	-0,995	0,378	-0,047	0,741
ET	OCf	Até 30	34		0,931	0,034	-0,902	0,403	0,806	0,788
		31-45	51	0,179		0,000	-1,169	0,333	0,473	0,656
		45+	39		0,837	0,000	-1,731	0,378	5,408	0,741
ET	OPe	Até 30	34		0,947	0,097	-0,241	0,403	-0,930	0,788
		31-45	51	0,174		0,001	-1,054	0,333	0,333	0,656
		45+	39		0,851	0,000	-1,224	0,378	0,972	0,741
ET	OCg	Até 30	34		0,892	0,003	-0,691	0,403	-0,689	0,788
		31-45	51	0,180		0,000	-1,302	0,333	1,476	0,656
		45+	39		0,819	0,000	-1,462	0,378	2,137	0,741
SE	OCc	Até 30	34		0,857	0,000	-1,045	0,403	0,038	0,788
		31-45	51	0,165		0,001	-0,932	0,333	0,010	0,656
		45+	39		0,860	0,000	-1,506	0,378	2,646	0,741
SE	OEt	Até 30	34		0,729	0,000	-1,149	0,403	-0,033	0,788
		31-45	51	0,266		0,000	-1,558	0,333	1,574	0,656
		45+	39		0,765	0,000	-1,895	0,378	4,420	0,741
Au	OLE	Até 30	34		0,954	0,160	0,641	0,403	0,063	0,788
		31-45	51	0,102		0,200*	-0,344	0,333	-0,229	0,656
		45+	39		0,971	0,398	-0,211	0,378	-0,600	0,741
Au	OTD	Até 30	34		0,942	0,069	-0,756	0,403	0,396	0,788
		31-45	51	0,168		0,001	-1,125	0,333	0,885	0,656
		45+	39		0,877	0,001	-1,420	0,378	2,807	0,741
AS	OSi	Até 30	34		0,853	0,000	-0,707	0,403	-0,865	0,788
		31-45	51	0,151		0,005	-0,497	0,333	-0,970	0,656
		45+	39		0,864	0,000	-0,721	0,378	-0,394	0,741
AS	OAf	Até 30	34		0,805	0,000	-1,415	0,403	1,455	0,788
		31-45	51	0,195		0,000	-1,139	0,333	0,305	0,656
		45+	39		0,750	0,000	-1,938	0,378	3,868	0,741
De	OIn	Até 30	34		0,940	0,060	-0,333	0,403	-0,947	0,788
		31-45	51	0,094		0,200*	-0,330	0,333	-0,856	0,656
		45+	39		0,931	0,019	-0,337	0,378	-1,014	0,741
De	OPa	Até 30	34		0,930	0,031	-0,254	0,403	-1,287	0,788
		31-45	51	0,111		0,165	-0,331	0,333	-0,875	0,656
		45+	39		0,942	0,043	-0,305	0,378	-0,871	0,741

* com correção *Lilliefors*.

4.4.2 Estatísticas descritivas gerais

Com intuito de descrever detalhadamente o perfil de favorecimento dos conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis, faz-se necessário avaliar cada um dos níveis do Modelo Teórico-Explicativo Multidimensional relativo ao Favorecimento ao Desenvolvimento de Conteúdos Pedagógicos no Esporte Infantojuvenil (GONÇALVES, 2018), respectivamente: CPG; CPE; Orientações.

Desta forma, avaliou-se o primeiro nível do modelo, que contempla os CPG. Pode-se notar que os resultados das médias obtidas nas dimensões DTT, DAEM e DCo variaram de 4,41 a 4,96, independente do grupo (Tabela 26). Essa variação entre as médias foi ainda menor quando analisada controlando a variável “Idade”. Apesar das médias bastante próximas, foi possível estabelecer uma ordem dos CPG mais favorecidos segundo os treinadores, respectivamente: DAEM, seguido por DTT, e DCo (para os Grupos 1 e 2); e DTT, seguido por DAEM, e DCo (para o Grupo 3). Cabe destacar que o Grupo 1 apresentou a maior média para DAEM, e as menores médias para DTT e DCo. O Grupo 2, por sua vez, apresentou valores intermediários, ao passo que o Grupo 3 indicou as médias mais altas para DTT e DCo – e a mais baixa para DAEM.

Tabela 26 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Idade”

‘continua’

Medida	Idade	n	Tendência central e Dispersão						
			\bar{X}	DP	$\bar{X}_{5\%}$	M _{ediana}	M _{oda}	Amplitude	
								M _{ínimo}	M _{áximo}
BTGB-CP	Até 30	34	4,58	0,75	4,61	4,51	2,67	2,67	5,66
	31-45	51	4,60	1,00	4,65	4,86	4,55	2,33	5,91
	45+	39	4,73	0,77	4,76	4,87	2,92	2,92	5,80
DTT	Até 30	34	4,59	0,82	4,63	4,63	4,53	2,22	5,76
	31-45	51	4,65	1,10	4,74	4,93	4,68	1,32	5,90
	45+	39	4,96	0,79	5,03	5,22	3,88	2,06	5,89
DAEM	Até 30	34	4,73	0,82	4,77	4,76	4,76	2,69	5,95
	31-45	51	4,67	1,06	4,74	5,02	4,05	1,98	5,83
	45+	39	4,66	0,85	4,74	4,75	4,56	1,55	5,74
DCo	Até 30	34	4,41	1,02	4,47	4,30	3,60	2,69	5,95
	31-45	51	4,47	1,08	4,50	4,70	3,00	2,30	6,00
	45+	39	4,57	1,06	4,61	4,60	2,65	2,20	6,00
HM	Até 30	34	4,60	0,84	4,65	4,69	4,69	2,42	5,81
	31-45	51	4,55	1,10	4,63	4,94	5,56	1,33	6,00
	45+	39	4,83	0,84	4,91	4,97	3,89	2,00	6,00
ET	Até 30	34	4,58	1,01	4,62	4,65	5,08	2,03	6,00
	31-45	51	4,75	1,19	4,84	5,08	6,00	1,31	6,00
	45+	39	5,10	0,86	5,18	5,41	5,42	2,11	6,00

Tabela 26 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Idade”

									‘conclusão’
SE	Até 30	34	5,01	1,00	5,09	5,44	6,00	2,63	6,00
	31-45	51	4,81	1,26	4,92	5,25	5,75	1,25	6,00
	45+	39	4,92	1,01	5,02	5,25	4,50	1,00	6,00
Au	Até 30	34	4,45	0,78	4,45	4,35	3,90	2,50	5,90
	31-45	51	4,53	0,95	4,57	4,50	4,30	2,00	5,90
	45+	39	4,41	0,89	4,46	4,50	4,50	2,10	5,80
AS	Até 30	34	5,01	1,04	5,09	5,50	6,00	2,40	6,00
	31-45	51	4,96	1,01	5,02	5,20	6,00	2,40	6,00
	45+	39	5,10	0,97	5,19	5,50	6,00	2,00	6,00
De	Até 30	34	3,82	1,25	3,85	4,05	2,00	1,60	5,60
	31-45	51	3,99	1,28	4,02	4,00	4,90	1,20	6,00
	45+	39	4,04	1,41	4,10	4,20	5,70	1,20	6,00

Na sequência, a partir da avaliação dos CPE – segundo nível do modelo apresentado – foi possível aprofundar ainda mais o perfil de favorecimento nas competições de tenistas infantojuvenis, de acordo com a “Idade” dos treinadores. Desta forma, foram explorados os valores médios obtidos para cada uma das escalas referentes aos CPE. Esses valores variaram de 3,82 a 5,10, independente da faixa de idade dos treinadores (Tabela 26). A partir dos resultados das médias obtidas, também pôde-se estabelecer uma ordem dos CPE mais (e menos) favorecidos pelas competições infantojuvenis de tênis, de acordo com os três grupos de treinadores. Segundo a opinião dos treinadores “Até 30 anos” (Grupo 1), os conteúdos mais favorecidos são, respectivamente, SE, AS, HM, ET, Au e De. Para os treinadores do Grupo 2, o desenvolvimento dos conteúdos é favorecido na seguinte ordem: AS, SE, ET, HM, Au e De. Por fim, para os treinadores do Grupo 3, as dimensões mais favorecidas são ET, seguido por AS, SE, HM, Au e De. Diante desses resultados, é possível identificar que as dimensões Au e De são as menos favorecidas na opinião dos três grupos de treinadores.

Por fim, foram realizadas as análises descritivas das orientações de cada um dos CPE, podendo-se criar, da mesma forma, um perfil detalhado do favorecimento dentro de cada uma dessas dimensões controlando a variável “Idade”. Cabe destacar que o comportamento das médias (ranking dentro de cada CPE), em um primeiro momento, se mostrou idêntico para os três grupos nas dimensões HM, SE, Au, AS e De. Na dimensão HM, pode-se verificar que itens relacionados à evolução (OEv) são os mais favorecidos segundo os treinadores, seguidos dos aspectos referentes à conformação (OCf) e à pertinência (OPe) (Tabela 27).

Tabela 27 – Estatísticas descritivas das orientações por “Idade”

Medida	Idade	n	Tendência central e Dispersão							
			\bar{X}	DP	\bar{X} 5%	M _{ediana}	M _{oda}	Amplitude		
								M _{ínimo}	M _{áximo}	
HM	OPe	Até 30	34	4,11	1,14	4,14	4,00	4,00	1,67	6,00
		31-45	51	4,11	1,16	4,15	4,33	4,67	1,33	6,00
		45+	39	4,38	1,27	4,48	4,67	4,00	1,00	6,00
HM	OEv	Até 30	34	5,07	0,83	5,12	5,25	5,75	3,25	6,00
		31-45	51	4,96	1,05	4,96	5,25	6,00	1,00	6,00
		45+	39	5,19	1,08	5,19	5,50	6,00	1,00	6,00
HM	OCf	Até 30	34	4,61	1,14	4,70	4,67	4,67	1,00	6,00
		31-45	51	4,59	1,46	4,70	5,33	5,67	1,00	6,00
		45+	39	4,91	1,08	4,98	5,33	6,00	2,33	6,00
ET	OCf	Até 30	34	4,53	1,12	4,61	4,75	3,75	1,25	6,00
		31-45	51	4,65	1,37	4,77	5,25	5,75	1,00	6,00
		45+	39	5,17	0,79	5,17	5,50	6,00	2,00	6,00
ET	OPe	Até 30	34	4,45	1,03	4,47	4,67	5,00	2,33	6,00
		31-45	51	4,72	1,21	4,73	5,00	5,67	1,67	6,00
		45+	39	4,95	1,05	5,04	5,33	6,00	2,33	6,00
ET	OCg	Até 30	34	4,76	1,10	4,81	5,00	5,00	2,50	6,00
		31-45	51	4,88	1,11	4,98	5,25	6,00	1,25	6,00
		45+	39	5,18	0,96	5,28	5,25	6,00	2,00	6,00
SE	OCc	Até 30	34	4,73	1,21	4,80	5,12	5,25	2,00	6,00
		31-45	51	4,59	1,19	4,67	5,50	5,50	1,50	6,00
		45+	39	4,66	1,07	4,76	4,75	4,50	1,00	6,00
SE	OEt	Até 30	34	5,30	1,00	5,39	6,00	6,00	2,75	6,00
		31-45	51	5,03	1,40	5,18	5,75	6,00	1,00	6,00
		45+	39	5,18	1,10	5,31	5,50	6,00	1,00	6,00
Au	OLE	Até 30	34	3,99	0,90	3,96	3,80	3,80	2,40	6,00
		31-45	51	4,07	1,09	4,10	4,00	4,00	1,40	6,00
		45+	39	3,91	1,01	3,94	4,00	3,60	1,60	5,60
Au	OTD	Até 30	34	4,91	0,82	4,95	5,00	5,00	2,60	6,00
		31-45	51	4,98	0,97	5,07	5,20	5,80	2,00	6,00
		45+	39	4,91	0,94	4,99	5,00	5,80	1,60	6,00
AS	OSi	Até 30	34	4,74	1,29	4,81	5,20	6,00	2,20	6,00
		31-45	51	4,98	1,22	4,76	5,00	6,00	2,00	6,00
		45+	39	4,83	1,20	4,92	5,40	6,00	1,60	6,00
AS	OAF	Até 30	34	5,28	0,89	5,37	5,60	6,00	2,60	6,00
		31-45	51	5,22	0,90	5,30	5,60	6,00	2,60	6,00
		45+	39	5,36	0,83	5,47	5,60	6,00	2,40	6,00
De	OIn	Até 30	34	3,98	1,23	4,01	4,00	3,40	1,60	5,80
		31-45	51	4,03	1,26	4,05	4,20	5,20	1,40	6,00
		45+	39	4,17	1,43	4,22	4,20	6,00	1,40	6,00
	OPa	Até 30	34	3,66	1,37	3,69	3,90	2,20	1,20	5,60
		31-45	51	3,95	1,41	3,99	4,20	3,00	1,00	6,00
		45+	39	3,92	1,45	3,97	4,00	5,80	1,00	6,00

Na dimensão SE, os aspectos relacionados à ética (OEt) elevam a média do CPE, enquanto os itens relacionados à concorrência (OCc) trazem a média para baixo. Na sequência, a dimensão Au possui sua média elevada pelos itens relacionadas à tomada de decisão (OTD), ao passo que os itens referentes à liberdade de expressão (OLE) apresentam médias menos expressivas. Na dimensão AS, foi possível observar que as médias obtidas nos itens relacionados à afeição

(Oaf) foram mais elevadas do que nos itens relacionados à sinergia (OSi). Já com relação à dimensão De, os itens correspondentes à inclusão (OIn) apresentaram médias mais altas do que os itens relacionados à participação (OPa). Sobre ET, único CPE que não apresentou o mesmo comportamento nos três grupos, a ordem verificada para o Grupo 1 e o Grupo 3 foi OCg, seguida por OCf e OPE. Já para o Grupo 2, a ordem apresentada foi OCg, seguida por OPe e Ocf.

4.4.3 Comparações de médias intragrupos

Com intuito de verificar a existência de uma prevalência no favorecimento de algum dos conteúdos, foram realizadas, através de testes *t* para amostras pareadas, as comparações dos CPG para cada um dos grupos. Nos Grupos 1 e 2, foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,05$) apenas entre a dimensão mais favorecida – DAEM – e a menos favorecida – DCo (Tabela 28). Já nas respostas do Grupo 3, foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,05$) entre a dimensão mais favorecida – DTT – e as demais dimensões – DAEM e DCo (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$).

Tabela 28 – Comparações de médias dos CPG e CPE intragrupos ("Idade")

Dimensões Pareadas	Grupo								
	Até 30 anos (1)			31-45 anos (2)			Acima de 45 anos (3)		
	<i>t</i>	gl	Sig.	<i>t</i>	gl	Sig.	<i>t</i>	gl	Sig.
DTT – DAEM	-1,078	33	0,289	-0,150	50	0,882	3,679	38	0,001
DTT – DCo	1,116	33	0,272	1,851	50	0,070	2,541	38	0,015
DAEM – DCo	2,219	33	0,034	2,550	50	0,014	0,635	38	0,530
HM – ET	0,114	33	0,910	-2,252	50	0,029	-2,652	38	0,012
HM – SE	-2,395	33	0,022	-2,035	50	0,047	-0,769	38	0,446
HM – Au	0,891	33	0,379	0,230	50	0,819	3,367	38	0,002
HM – AS	-2,751	33	0,010	-3,655	50	0,001	-1,677	38	0,102
HM – De	3,764	33	0,001	4,654	50	0,000	3,860	38	0,000
ET – SE	-2,486	33	0,018	-0,398	50	0,692	1,662	38	0,105
ET – Au	0,918	33	0,365	1,942	50	0,058	5,696	38	0,000
ET – AS	-2,355	33	0,025	-1,845	50	0,071	0,002	38	0,998
ET – De	3,241	33	0,003	5,707	50	0,000	5,191	38	0,000
SE – Au	4,369	33	0,000	2,814	50	0,007	3,676	38	0,001
SE – AS	0,034	33	0,973	2,814	50	0,168	-1,079	38	0,287
SE – De	6,412	33	0,000	-1,399	50	0,000	4,109	38	0,000
Au – AS	-3,143	33	0,004	6,916	50	0,000	-4,466	38	0,000
Au – De	3,293	33	0,002	-4,979	50	0,000	1,753	38	0,088
AS – De	6,428	33	0,000	4,899	50	0,000	5,622	38	0,000

Legenda: *t* = Teste *t* Pareado; gl = Graus de liberdade.

Da mesma forma, a fim de se desvendar o padrão de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos, controlando a variável “Idade”, foram verificadas as diferenças entre cada um dos CPE. Assim, segundo a opinião dos treinadores do Grupo 1, as competições infantojuvenis de tênis, favorecem, em primeiro lugar, SE e AS (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$), seguidos por HM, ET e Au (também indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$) e, por fim, De (Tabela 28). Segundo os treinadores do Grupo 2, os CPE mais favorecidos são AS, SE e ET (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$), seguidos por HM e Au (também indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$), e, por último, De. Por fim, de acordo com os participantes do Grupo 3, os conteúdos mais favorecidos são ET, AS, SE e HM (sem apresentar diferenças significativas entre as dimensões adjacentes; $p > 0,05$), seguidos por Au e De (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$).

Tabela 29 – Comparações de médias das orientações intragrupos ("Idade")

Dimensões Pareadas		Grupo								
		Até 30 anos (1)			31-45 anos (2)			Acima de 45 anos (3)		
CPE	Orientações	t	gl	Sig.	t	gl	Sig.	t	gl	Sig.
HM	OPE – OEv	-4,945	33	0,000	-6,550	50	0,000	-3,486	38	0,001
	OPE – OCf	-2,676	33	0,012	-3,092	50	0,003	-2,106	38	0,042
	OPE – OCf	2,719	33	0,010	2,862	50	0,003	1,802	38	0,079
ET	OCf – OPe	0,694	33	0,492	-0,842	50	0,404	1,911	38	0,064
	OCf – OCg	-2,156	33	0,039	-2,729	50	0,009	-0,062	38	0,951
	OPe – OCg	-2,534	33	0,016	-1,918	50	0,061	-2,314	38	0,026
SE	OCc – OEt	-3,511	33	0,001	-4,753	50	0,000	-4,164	38	0,000
Au	OLE – OTD	-7,588	33	0,000	-7,953	50	0,000	-7,735	38	0,000
AS	OSi – OAf	-4,136	33	0,000	-5,165	50	0,000	-4,779	38	0,000
De	OIn – OPa	2,578	33	0,015	0,804	50	0,425	2,523	38	0,016

Legenda: t = Teste t Pareado; gl = Graus de liberdade.

A fim de se explorar de forma ainda mais completa o perfil de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos estudados, foram realizadas as comparações entre as orientações de cada um dos CPE, controlando a variável “Idade” (Tabela 29). Na dimensão HM para os Grupos 1 e 2, foram indicadas diferenças significativas ($p < 0,05$) entre todas as orientações, na respectiva ordem: OEv, seguida por OCf, e por fim, OPe. Já para o Grupo 3, as dimensões OEv e OCf (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$) apresentaram diferenças significativas ($p < 0,05$) em relação à OPe. Na dimensão ET, cada grupo apresentou um

comportamento diferente. No Grupo 1, foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre a orientação mais favorecida – OCg – e as demais – OCf e OPe (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$). No Grupo 2, houve diferença significativa ($p < 0,05$) apenas entre a dimensão mais favorecida – OCg – e a menos favorecida – OCf. Já para o Grupo 3, também foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) apenas entre a orientação mais favorecida – OCg – e a menos favorecida – OPe.

Nas dimensões SE, Au e AS, o comportamento das orientações foi o mesmo de acordo com os três grupos. Na dimensão SE foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OEt e OCc, em favor da primeira. Na dimensão Au, os resultados indicaram haver diferença significativa ($p < 0,05$) para a OTD, quando comparada à OLE. Na dimensão AS, também foi identificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OAf e OSi, em favor da primeira. Por fim, na dimensão De, nos Grupos 1 e 3, foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) em favor de OIn sobre OPa, ao passo que para o Grupo 2 essas orientações são indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$).

4.4.4 Comparações de médias intergrupos

Inicialmente, foram comparadas as médias encontradas para o instrumento completo (BTGB-CP) em função dos grupos por idade ($X_{BTGB-CP1} = 4,58$; $X_{BTGB-CP2} = 4,60$; $X_{BTGB-CP3} = 4,73$). Apesar das médias obtidas para o Grupo 3 serem numericamente maiores, os resultados do teste One-Way ANOVA indicaram que os índices médios de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos são estatisticamente indissociáveis ($p > 0,05$) (Tabela 30).

Tabela 30 – Comparações de médias dos CPG e CPE intergrupos ("Idade")

Medida	Levene		One-Way ANOVA	
	F	Sig.	F	Sig.
BTGB-CP	3,451	0,035	0,370	0,691
DTT	3,304	0,040	1,792	0,171
DAEM	2,266	0,108	0,059	0,942
DCo	0,198	0,821	0,209	0,811
HM	3,920	0,022	1,001	0,371
ET	1,807	0,169	2,413	0,094
SE	1,339	0,266	0,363	0,696
Au	0,938	0,394	0,206	0,814
AS	0,467	0,628	0,213	0,808
De	0,406	0,667	0,280	0,757

Após esta constatação, foram realizadas as análises comparativas, entre os grupos, referentes aos CPG. A partir dos resultados do teste One-Way ANOVA, não foram verificadas diferenças significativas ($p > 0,05$) entre os grupos. Estes resultados, porém, não excluem o fato de que os treinadores mais jovens (Grupo 1), de modo geral, foram mais críticos ao avaliar as competições de tênis infantojuvenis - quando comparados aos treinadores do Grupo 3. Já os treinadores do Grupo 2 apresentaram valores intermediários para as respostas da BTGB-CP e para os três CPG.

Assim, foram realizadas as análises comparativas intergrupos para cada CPE. Cabe destacar que não foram encontradas diferenças significativas ($p > 0,05$) em nenhum dos CPE (Tabela 30). Contudo, nota-se que os treinadores do Grupo 3 obtiveram as médias mais altas para HM, ET, AS e De, ao passo que os treinadores do Grupo 2 foram os mais críticos em relação aos CPE - indicando as médias mais baixas para HM, SE e AS. Os treinadores do Grupo 1, por sua vez, foram mais críticos em relação às dimensões ET e De. Ainda, faz-se necessário verificar se há diferenças significativas ($p < 0,05$) entre as respectivas orientações de cada CPE.

Tabela 31 – Comparações de médias das orientações intergrupos ("Idade")

Medida	Levene		One-Way ANOVA		Tukey HSD		
	F	Sig.	F	Sig.	Sig.	Grupos	
HM	O _{Pe}	0,102	0,903	0,716	0,491		
	O _{Ev}	0,267	0,766	0,613	0,543		
	O _{Cf}	3,456	0,035	0,807	0,449		
ET	O _{Cf}	5,226	0,007	3,415	0,036	0,04	1 e 3
	O _{Pe}	0,882	0,417	1,824	0,166		
	O _{Cg}	0,735	0,481	1,578	0,211		
SE	O _{Cc}	0,921	0,401	0,151	0,860		
	O _{Et}	1,832	0,165	0,552	0,577		
Au	O _{LE}	0,618	0,540	0,268	0,765		
	O _{TD}	0,578	0,562	0,106	0,900		
AS	O _{Af}	0,171	0,843	0,131	0,877		
	O _{Si}	0,660	0,519	0,304	0,739		
De	O _{In}	0,746	0,477	0,221	0,802		
	O _{Pa}	0,025	0,975	0,451	0,638		

Cabe destacar que não foram encontradas diferenças significativas ($p > 0,05$) entre os três grupos em nenhuma das orientações correspondentes às dimensões HM, SE, AS, Au e De (Tabela 31). No entanto, a partir da One-Way ANOVA

realizada (com Post-Hoc Tukey HSD), foram verificadas diferenças significativas ($p < 0,05$) em ET (OCf), entre as respostas do Grupo 1 e do Grupo 3 – em favor do Grupo 3. Ou seja, na opinião dos treinadores “Acima de 45 anos”, a conformação da competição infantojuvenil favorece em maior grau o desenvolvimento estratégico-tático quando comparado às opiniões dos treinadores do grupo “Até 30 anos”.

4.5 SOBRE O TEMPO DE EXPERIÊNCIA DOS TREINADORES

4.5.1 Conhecimento e Confiabilidade dos dados

Inicialmente, os índices médios verificados para cada um dos 59 itens, analisados individualmente, variaram de 2,52 a 5,54 - com desvios-padrão associados variando de 0,78 a 2,08. Cabe destacar que não foi identificada a presença de qualquer caso extremo ou *outlier* nas respostas da BTGB-CP (para os Grupos 1 e 2), bem como nas dimensões DCo, HM, AS, De – para o Grupo 1 -, DTT, DCo, ET, Au, AS, De – para o Grupo 2 -, Au e De – para o Grupo 3. Por fim, com relação às orientações, não foram encontrados valores extremos nas orientações relacionadas às dimensões HM (OPe e OEv), ET (OPe), Au (OLE e OTD), AS (OSi), De (OIn e OPa) – para o Grupo 1 -, HM (OPe), ET (OPe), SE (OCc), Au (OLE), AS (OAF e OSi), De (OIn) – para o Grupo 2 -, Au (OLE), AS (OSi) e De (OIn e OPa) para o Grupo 3. Como citado anteriormente, os *outliers* e casos extremos encontrados não alteraram de forma significativa a distribuição da amostra, e, portanto, optou-se por mantê-los.

Ainda, a fim de se verificar a normalidade da distribuição dos dados para posterior comparação destas médias, testaram-se os índices de normalidade através do cálculo Shapiro-Wilk de acordo com a variável “Tempo de Experiência”. Seus resultados indicaram haver distribuição normal dos dados ($p > 0,05$) para as respostas da BTGB-CP, bem como para as dimensões DTT, DCo, ET, Au, De – para o Grupo 2 -, e Au – para os Grupos 1 e 3 (Tabela 32). Os resultados das demais dimensões, para os três grupos, indicaram que a distribuição dos dados não aderiu à normalidade ($p < 0,05$).

Tabela 32 – Distribuição dos CPG e CPE por “Tempo de Experiência”

Medida	Grupo	n	Distribuição					
			Normalidade		Assimetria		Achatamento	
			S-W	Sig.	Skewness	EP _s ¹	Kurtosis	EP _{k2}
BTGB-CP	Até 10	46	0,931	0,009	-0,693	0,350	0,026	0,688
	11-20	33	0,947	0,107	-0,444	0,409	-0,818	0,798
	20+	45	0,911	0,002	-0,919	0,354	0,057	0,695
DTT	Até 10	46	0,913	0,002	-0,986	0,350	0,566	0,688
	11-20	33	0,955	0,182	-0,656	0,409	0,304	0,798
	20+	45	0,803	0,000	-1,902	0,354	3,997	0,695
DAEM	Até 10	46	0,909	0,002	-1,093	0,350	0,982	0,688
	11-20	33	0,907	0,008	-0,849	0,409	-0,128	0,798
	20+	45	0,910	0,002	-1,214	0,354	1,883	0,695
DCo	Até 10	46	0,927	0,007	-0,572	0,350	-0,584	0,688
	11-20	33	0,944	0,089	-0,204	0,409	-1,071	0,798
	20+	45	0,934	0,013	-0,505	0,354	-0,795	0,695
HM	Até 10	46	0,943	0,025	-0,715	0,350	-0,176	0,688
	11-20	33	0,934	0,044	-0,966	0,409	1,103	0,798
	20+	45	0,834	0,000	-1,769	0,354	3,479	0,695
ET	Até 10	46	0,881	0,000	-1,171	0,350	0,893	0,688
	11-20	33	0,951	0,140	-0,616	0,409	-0,100	0,798
	20+	45	0,815	0,000	-1,688	0,354	2,870	0,695
SE	Até 10	46	0,820	0,000	-1,454	0,350	1,483	0,688
	11-20	33	0,862	0,001	-1,190	0,409	0,740	0,798
	20+	45	0,840	0,000	-1,652	0,354	3,301	0,695
Au	Até 10	46	0,965	0,177	-0,163	0,350	0,031	0,688
	11-20	33	0,966	0,375	-0,396	0,409	-0,324	0,798
	20+	45	0,959	0,116	-0,459	0,354	-0,532	0,695
AS	Até 10	46	0,867	0,000	-0,891	0,350	-0,220	0,688
	11-20	33	0,853	0,000	-0,590	0,409	-0,914	0,798
	20+	45	0,881	0,000	-0,983	0,354	0,701	0,695
De	Até 10	46	0,923	0,005	-0,433	0,350	-1,065	0,688
	11-20	33	0,957	0,213	-0,075	0,409	-1,052	0,798
	20+	45	0,940	0,022	-0,388	0,354	-0,955	0,695

Por fim, da mesma forma que nas dimensões anteriores, testaram-se os índices de normalidade para as respectivas orientações de cada CPE. Os resultados do teste Shapiro-Wilk indicaram haver distribuição normal dos dados ($p > 0,05$) para as orientações de HM (OPe) - para o Grupo 1 -, HM (OPe), ET (OPe), De (OIn e OPa) – para o Grupo 2 -, e Au (OLE) para os três grupos (Tabela 33). Os resultados obtidos para as demais dimensões indicaram que a distribuição das mesmas não aderiu à normalidade dos dados ($p < 0,05$).

Tabela 33 – Distribuição das orientações por “Tempo de Experiência”

Medida	Grupo	n	Distribuição						
			Normalidade		Assimetria		Achatamento		
			S-W	Sig.	Skewness	EP _s ¹	Kurtosis	EP _{k2}	
HM	OPe	Até 10	46	0,962	0,142	-0,240	0,350	-0,616	0,688
		11-20	33	0,951	0,138	-0,616	0,409	-0,049	0,798
		20+	45	0,913	0,002	-0,996	0,354	0,751	0,695
HM	OEv	Até 10	46	0,835	0,000	-1,102	0,350	0,094	0,688
		11-20	33	0,883	0,002	-1,344	0,409	2,058	0,798
		20+	45	0,735	0,000	-2,217	0,354	5,446	0,695
HM	OCf	Até 10	46	0,882	0,000	-1,004	0,350	0,172	0,688
		11-20	33	0,875	0,001	-1,070	0,409	0,438	0,798
		20+	45	0,828	0,000	-1,451	0,354	1,719	0,695
ET	OCf	Até 10	46	0,856	0,000	-1,371	0,350	1,569	0,688
		11-20	33	0,934	0,046	-0,662	0,409	-0,128	0,798
		20+	45	0,776	0,000	-1,965	0,354	4,193	0,695
ET	OPe	Até 10	46	0,912	0,002	-0,811	0,350	-0,017	0,688
		11-20	33	0,936	0,051	-0,606	0,409	-0,227	0,798
		20+	45	0,826	0,000	-1,288	0,354	0,868	0,695
ET	OCg	Até 10	46	0,840	0,000	-1,150	0,350	0,328	0,688
		11-20	33	0,931	0,037	-0,685	0,409	0,036	0,798
		20+	45	0,791	0,000	-1,560	0,354	2,287	0,695
SE	OCc	Até 10	46	0,851	0,000	-1,207	0,350	0,592	0,688
		11-20	33	0,920	0,019	-0,742	0,409	-0,345	0,798
		20+	45	0,874	0,000	-1,363	0,354	1,988	0,695
SE	OEt	Até 10	46	0,690	0,000	-1,653	0,350	1,820	0,688
		11-20	33	0,778	0,000	-1,467	0,409	1,652	0,798
		20+	45	0,766	0,000	-1,735	0,354	3,233	0,695
Au	OLE	Até 10	46	0,955	0,075	0,505	0,350	-0,200	0,688
		11-20	33	0,972	0,547	-0,362	0,409	-0,099	0,798
		20+	45	0,964	0,179	-0,145	0,354	-0,858	0,695
Au	OTD	Até 10	46	0,901	0,001	-1,128	0,350	1,463	0,688
		11-20	33	0,922	0,021	-0,859	0,409	0,599	0,798
		20+	45	0,875	0,000	-1,263	0,354	1,788	0,695
AS	OSi	Até 10	46	0,882	0,000	-0,658	0,350	-0,805	0,688
		11-20	33	0,847	0,000	-0,584	0,409	-1,015	0,798
		20+	45	0,885	0,000	-0,610	0,354	-0,610	0,695
AS	OAf	Até 10	46	0,782	0,000	-1,551	0,350	1,818	0,688
		11-20	33	0,821	0,000	-0,998	0,409	-0,096	0,798
		20+	45	0,785	0,000	-1,734	0,354	3,069	0,695
De	OIn	Até 10	46	0,934	0,012	-0,438	0,350	-0,900	0,688
		11-20	33	0,953	0,165	-0,131	0,409	-0,930	0,798
		20+	45	0,936	0,015	-0,332	0,354	3,069	0,695
De	OPa	Até 10	46	0,928	0,007	-0,380	0,350	-1,125	0,688
		11-20	33	0,950	0,130	-0,117	0,409	-1,019	0,798
		20+	45	0,939	0,020	-0,332	0,354	-0,899	0,695

4.5.2 Estatísticas descritivas gerais

Com intuito de descrever detalhadamente o perfil de favorecimento dos conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis, faz-se necessário avaliar cada um dos níveis do Modelo Teórico-Explicativo Multidimensional relativo ao Favorecimento ao Desenvolvimento de Conteúdos

Pedagógicos no Esporte Infantojuvenil (GONÇALVES, 2018), respectivamente: CPG; CPE; Orientações.

Desta forma, avaliou-se o primeiro nível do modelo, que contempla os CPG. Pode-se notar que os resultados das médias obtidas nas dimensões DTT, DAEM e DCo variaram de 4,38 a 4,89, independente do grupo (Tabela 34). Essa variação entre as médias foi ainda menor, quando analisada controlando a variável “Tempo de Experiência”. Apesar das médias bastante próximas, foi possível estabelecer uma ordem dos CPG mais desenvolvidos segundo os treinadores, respectivamente: DAEM, seguido por DTT, e DCo (para o Grupo 1); DTT, seguido por DAEM, e DCo (para os Grupos 2 e 3). Cabe destacar que o Grupo 1 apresentou a maior média para DAEM, enquanto as maiores médias para DTT e DCo foram obtidas no Grupo 3. O Grupo 2, por sua vez, apresentou as médias mais baixas para os três CPG.

Tabela 34 – Estatísticas descritivas dos CPG e CPE por “Tempo de Experiência”

Medida	Grupo	N	Tendência central e Dispersão						
			\bar{X}	DP	$\bar{X}_{5\%}$	M _{ediana}	M _{oda}	Amplitude	
								M _{ínimo}	M _{áximo}
BTGB-CP	Até 10	46	4,68	0,78	4,73	4,79	4,55	2,67	5,70
	11-20	33	4,49	0,97	4,52	4,68	2,51	2,51	5,91
	20+	45	4,70	0,87	4,75	4,92	2,33	2,33	5,80
DTT	Até 10	46	4,70	0,91	4,76	4,73	4,53	2,22	5,89
	11-20	33	4,57	0,91	4,62	4,51	2,06	2,06	5,90
	20+	45	4,89	0,99	5,01	5,22	3,88	1,32	5,89
DAEM	Até 10	46	4,82	0,83	4,88	4,92	4,76	2,54	5,95
	11-20	33	4,23	1,07	4,59	4,69	4,05	1,98	5,83
	20+	45	4,66	0,91	4,73	4,79	4,56	1,55	5,79
DCo	Até 10	46	4,51	0,98	4,56	4,70	5,15	2,05	5,70
	11-20	33	4,38	1,14	4,38	4,30	3,20	2,25	6,00
	20+	45	4,55	1,07	4,58	4,65	3,00	2,20	6,00
HM	Até 10	46	4,62	0,91	4,66	4,78	3,97	2,42	6,00
	11-20	33	4,54	0,98	4,61	4,72	5,19	1,61	5,92
	20+	45	4,76	0,98	4,87	5,03	4,22	1,33	6,00
ET	Até 10	46	4,77	1,05	4,85	5,08	5,08	2,03	6,00
	11-20	33	4,59	1,02	4,64	4,64	4,42	2,08	6,00
	20+	45	5,02	1,07	5,14	5,42	6,00	1,31	6,00
SE	Até 10	46	5,05	1,03	5,15	5,44	6,00	1,88	6,00
	11-20	33	4,67	1,29	4,77	4,88	5,63	1,25	6,00
	20+	45	4,92	1,05	5,02	5,25	5,88	1,00	6,00
Au	Até 10	46	4,60	0,77	4,62	4,45	4,10	2,50	5,90
	11-20	33	4,39	0,96	4,43	4,40	5,40	2,00	5,90
	20+	45	4,40	0,94	4,44	4,50	4,50	2,10	5,80
AS	Até 10	46	5,05	0,97	5,12	5,50	6,00	2,40	6,00
	11-20	33	4,93	1,11	5,00	5,30	6,00	2,40	6,00
	20+	45	5,04	0,96	5,12	5,20	6,00	2,00	6,00
De	Até 10	46	3,96	1,16	4,00	4,15	4,90	1,70	5,60
	11-20	33	3,83	1,41	3,85	3,80	2,90	1,20	6,00
	20+	45	4,05	1,40	4,10	4,30	5,90	1,20	6,00

Na sequência, a partir da avaliação dos CPE – segundo nível do modelo apresentado – foi possível aprofundar ainda mais o perfil de favorecimento nas competições de tenistas infantojuvenis de acordo com a experiência profissional dos treinadores. Desta forma, foram explorados os valores médios obtidos para cada uma das escalas referentes aos CPE. Esses valores variaram de 3,96 a 5,05, independentemente do “Tempo de Experiência” dos treinadores (Tabela 34). A partir dos resultados das médias obtidas, também pôde-se estabelecer uma ordem dos CPE mais (e menos) favorecidos pelas competições infantojuvenis de tênis, de acordo com os 3 grupos de treinadores. Segundo os treinadores do Grupo 1, bem como os do Grupo 2, o CPE mais favorecido é o AS, seguido por SE, ET, HM, AU e De. Já, de acordo com os treinadores do Grupo 3, o conteúdo mais favorecido também é AS, porém seguido por ET, SE, HM, Au e De. Diante desses resultados, é possível identificar um leve padrão de acordo com os três grupos analisados: AS é o CPE mais favorecido, ao passo que HM, Au e De são os que apresentam menores índices médios.

Por fim, foram realizadas as análises descritivas das orientações de cada um dos CPE, podendo-se criar, da mesma forma, um perfil detalhado do favorecimento dentro de cada uma dessas dimensões controlando a variável “Tempo de Experiência”. Cabe salientar que o comportamento das médias (ranking dentro de cada CPE), em um primeiro momento, se mostrou idêntico para os três grupos nas seis dimensões dos CPE. Na dimensão HM, pode-se verificar que itens relacionados à evolução (OEv) são os mais favorecidos segundo os treinadores, seguidos dos aspectos referentes à conformação (OCf) e à pertinência (OPe) (Tabela 35). No que diz respeito ao ET, a orientação mais favorecida se relaciona à cognição (OCg), seguida das orientações correspondentes à conformação (OCf) e à pertinência (OPe). No que se refere ao SE, os aspectos relacionados à ética (OEt) elevam a média do CPE, enquanto os itens relacionados à concorrência (OCc) trazem a média para baixo. Na sequência, a dimensão Au possui sua média elevada pelos itens relacionadas à tomada de decisão (OTD), em contraponto às médias menos expressivas dos itens relacionados à liberdade de expressão (OLE). Na dimensão AS, os itens relacionados à afeição (OAf) apresentaram índices médios mais elevados do que os dos itens relacionados à sinergia (OSi). Por fim, no que se refere à De, os itens correspondentes à inclusão (OIn) indicaram média mais alta que a dos itens referentes à participação (OPa).

Tabela 35 – Estatísticas descritivas das orientações por “Tempo de Experiência”

Medida	Grupo	n	Tendência central e Dispersão							Amplitude	
			\bar{X}	DP	$\bar{X}_{5\%}$	M _{mediana}	M _{moda}	M _{mínimo}	M _{máximo}		
HM	OPe	Até 10	46	4,16	1,13	4,19	4,00	3,67	1,67	6,00	
		11-20	33	4,08	1,15	4,12	4,33	4,67	1,33	6,00	
		20+	45	4,32	1,27	4,41	4,67	4,00	1,00	6,00	
HM	OEv	Até 10	46	5,14	0,86	5,20	5,50	5,75	3,25	6,00	
		11-20	33	4,91	0,96	5,00	5,00	5,25	2,00	6,00	
		20+	45	5,09	1,16	5,26	5,50	6,00	1,00	6,00	
HM	OCf	Até 10	46	4,57	1,27	4,65	5,00	5,67	1,00	6,00	
		11-20	33	4,63	1,31	4,72	5,00	5,33	1,00	6,00	
		20+	45	4,87	1,22	5,00	5,33	6,67	1,00	6,00	
ET	OCf	Até 10	46	4,70	1,21	4,81	5,00	5,25	1,25	6,00	
		11-20	33	4,56	1,16	4,63	4,75	6,00	1,75	6,00	
		20+	45	5,03	1,10	5,17	5,50	6,00	1,00	6,00	
ET	OPe	Até 10	46	4,68	1,06	4,75	5,00	5,67	2,00	6,00	
		11-20	33	4,46	1,09	4,52	4,67	4,00	2,00	6,00	
		20+	45	4,95	1,18	5,05	5,33	6,00	1,67	6,00	
ET	OCg	Até 10	46	4,93	1,06	5,01	5,25	5,00	2,50	6,00	
		11-20	33	4,75	0,97	4,80	5,00	5,00	2,25	6,00	
		20+	45	5,08	1,15	5,22	5,25	6,00	1,25	6,00	
SE	OCc	Até 10	46	4,77	1,18	4,87	5,12	5,25	1,75	6,00	
		11-20	33	4,45	1,21	4,51	4,75	5,50	1,50	6,00	
		20+	45	4,68	1,08	4,77	5,00	4,50	1,00	6,00	
SE	OEt	Até 10	46	5,33	1,07	5,46	6,00	6,00	2,00	6,00	
		11-20	33	4,89	1,44	5,04	5,50	6,00	1,00	6,00	
		20+	45	5,16	1,15	5,30	5,75	6,00	1,00	6,00	
Au	OLE	Até 10	46	4,16	0,90	4,14	4,00	4,00	2,40	6,00	
		11-20	33	3,96	1,06	4,00	4,00	4,00	1,40	5,60	
		20+	45	3,86	1,08	3,88	3,80	4,80	1,60	5,60	
Au	OTD	Até 10	46	5,03	0,79	5,10	5,00	5,60	2,60	6,00	
		11-20	33	4,81	1,00	4,88	4,80	6,00	2,00	6,00	
		20+	45	4,94	0,97	5,02	5,20	6,00	1,60	6,00	
AS	OSi	Até 10	46	4,78	1,18	4,85	5,20	6,00	2,20	6,00	
		11-20	33	4,70	1,36	4,77	5,00	6,00	2,00	6,00	
		20+	45	4,76	1,20	4,83	5,20	6,00	1,60	6,00	
AS	Oaf	Até 10	46	5,33	0,86	5,42	5,60	6,00	2,60	6,00	
		11-20	33	5,17	0,98	5,25	5,60	6,00	2,60	6,00	
		20+	45	5,33	0,82	5,42	5,60	6,00	2,40	6,00	
De	OIn	Até 10	46	4,10	1,14	4,14	4,40	3,40	1,80	5,80	
		11-20	33	3,91	1,35	3,93	3,80	5,20	1,40	6,00	
		20+	45	4,12	1,42	4,16	4,20	6,00	1,40	6,00	
De	OPa	Até 10	46	3,83	1,28	3,86	4,20	2,80	1,20	5,60	
		11-20	33	3,74	1,54	3,77	3,60	3,00	1,00	6,00	
		20+	45	3,98	1,45	4,04	4,00	5,80	1,00	6,00	

4.5.3 Comparações de médias intragrupos

Com intuito de se verificar a existência de uma prevalência no favorecimento de algum dos conteúdos, foram realizadas, através de testes *t* para amostras pareadas, as comparações entre os CPG para cada um dos grupos. No Grupo 1, foi

encontrada diferença significativa ($p < 0,05$) apenas entre a dimensão mais favorecida – DAEM – e a menos favorecida – DCo -, sendo as duas indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$) da dimensão DTT (Tabela 36). Para o Grupo 2, os três CPG são estatisticamente indissociáveis ($p > 0,05$). Já no Grupo 3, foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,05$) entre a dimensão mais favorecida – DTT – e as demais – DAEM e DCo -, sendo as duas últimas indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$).

Da mesma forma, a fim de se desvendar o padrão de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos, controlando a variável “Tempo de Experiência”, foram verificadas as diferenças entre cada um dos CPE dentro de cada grupo. Assim, segundo a opinião dos treinadores do Grupos 1 e 2, as competições infantojuvenis de tênis favorecem primeiramente as dimensões AS, SE, ET, HM e Au (sem diferenças significativas entre as dimensões adjacentes; $p > 0,05$) e, por fim, De (Tabela 36). Já, de acordo com os treinadores do Grupo 3, os conteúdos mais favorecidos são AS, ET, SE e HM (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$), Au e De (também indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$).

Tabela 36 – Comparações das médias dos CPG e CPE intragrupos
("Tempo de Experiência")

Dimensões Pareadas	Grupo								
	Até 10 anos (1)			11-20 anos (2)			Acima de 20 anos (3)		
	t	gl	Sig.	t	gl	Sig.	t	gl	Sig.
DTT – DAEM	-1,058	45	0,296	0,336	32	0,739	2,795	44	0,008
DTT – DCo	1,569	45	0,124	1,420	32	0,165	2,462	44	0,018
DAEM – DCo	2,778	45	0,008	1,559	32	0,129	0,849	44	0,400
HM – ET	-1,350	45	0,184	-0,366	32	0,717	-3,010	44	0,004
HM – SE	-2,949	45	0,005	-0,819	32	0,419	-1,350	44	0,184
HM – Au	0,203	45	0,840	1,014	32	0,318	3,221	44	0,002
HM – AS	-3,820	45	0,000	-2,330	32	0,026	-1,993	44	0,053
HM – De	4,714	45	0,000	3,654	32	0,001	3,863	44	0,000
ET – SE	-1,766	45	0,084	-0,429	32	0,671	1,041	44	0,304
ET – Au	1,282	45	0,206	1,738	32	0,092	5,305	44	0,000
ET – AS	-2,045	45	0,047	-1,999	32	0,054	-0,146	44	0,885
ET – De	4,324	45	0,000	4,519	32	0,000	5,248	44	0,000
SE – Au	4,081	45	0,000	2,041	32	0,050	4,351	44	0,000
SE – AS	-0,023	45	0,981	-1,927	32	0,063	-0,852	44	0,399
SE – De	7,503	45	0,000	4,920	32	0,000	4,621	44	0,000
Au – AS	-3,380	45	0,002	-4,508	32	0,000	-4,673	44	0,000
Au – De	4,319	45	0,000	3,421	32	0,002	1,948	44	0,058
AS – De	8,472	45	0,000	5,866	32	0,000	6,066	44	0,000

Legenda: t = Teste t Pareado; gl = Graus de liberdade.

A fim de se explorar de forma ainda mais completa o perfil de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos estudados, foram realizadas as comparações entre as orientações de cada um dos CPE, controlando a variável “Tempo de Experiência” (Tabela 37).

Tabela 37 – Comparações de médias das orientações intragrupos ("Tempo de Experiência")

Orientações Pareadas	Grupo									
	Até 10 anos (1)			11-20 anos (2)			Acima de 20 anos (3)			
	t	gl	Sig.	t	gl	Sig.	t	gl	Sig.	
HM	OPE – OEv	-6,373	45	0,000	-4,539	32	0,000	-0,862	44	0,000
	OPE – OCf	-2,477	45	0,017	-2,789	32	0,009	-2,547	44	0,014
	OEv – OCf	3,775	45	0,000	1,715	32	0,096	1,712	44	0,094
ET	OCf – OPe	0,153	45	0,879	0,947	32	0,351	0,735	44	0,467
	OCf – OCg	-2,679	45	0,010	-1,795	32	0,082	-0,522	44	0,605
	OPe – OCg	-2,546	45	0,014	-2,906	32	0,007	-1,485	44	0,145
SE	OCc – OEt	-4,261	45	0,000	-3,941	32	0,000	-4,254	44	0,000
Au	OLE – OTD	-8,356	45	0,000	-6,386	32	0,000	-8,470	44	0,000
AS	OSi – OAf	-5,461	45	0,000	-3,218	32	0,003	-5,519	44	0,000
De	OIn – OPa	2,582	45	0,013	1,315	32	0,198	1,483	44	0,145

Legenda: t = Teste t Pareado; gl = Graus de liberdade.

Na dimensão HM, para o Grupo 1, foram indicadas diferenças significativas ($p < 0,05$) entre todas as orientações, na respectiva ordem: OEv, OCf, OPe. Já para os Grupos 2 e 3, as dimensões OEv e OCf (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$) apresentaram diferenças significativas ($p < 0,05$) em relação à OPe. Na dimensão ET, cada grupo apresentou um comportamento diferente. No Grupo 1, foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre a orientação mais favorecida – OCg – e as demais – OCf e OPe (indissociáveis estatisticamente; $p > 0,05$). No Grupo 2, houve diferença significativa ($p < 0,05$) apenas entre a dimensão mais favorecida – OCg – e a menos favorecida – OPe. Já para o Grupo 3, as três orientações se mostraram indissociáveis estatisticamente ($p > 0,05$).

Nas dimensões SE, Au e AS, o comportamento das orientações foi o mesmo de acordo com os três grupos. Na dimensão SE foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OEt e OCc, em favor da primeira. Na dimensão Au foram verificadas diferenças significativas ($p < 0,05$) para a OTD, quando comparada à OLE. Na dimensão AS, também foi identificada diferença significativa ($p < 0,05$) entre OAf e

OSi, em favor da primeira. Por fim, na dimensão De, foi verificada diferença significativa ($p < 0,05$) em favor de OIn sobre OPa – para o Grupo 1 -, ao passo que para os Grupos 2 e 3 essas orientações são estatisticamente indissociáveis ($p > 0,05$).

4.5.4 Comparações de médias intergrupos

Inicialmente, foram comparadas as médias encontradas para o instrumento completo (BTGB-CP) em função dos grupos por tempo de experiência ($X_{BTGB-CP1} = 4,67$; $X_{BTGB-CP2} = 4,49$; $X_{BTGB-CP3} = 4,70$) (Tabela 38). Apesar das médias obtidas para o Grupo 3 serem numericamente maiores, os resultados do teste One-Way ANOVA indicaram que os índices médios de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos são estatisticamente indissociáveis ($p > 0,05$).

Após esta constatação, foram realizadas as análises comparativas, entre os grupos, dos CPG. A partir dos resultados do teste One-Way ANOVA, não foram verificadas diferenças significativas ($p > 0,05$) entre os grupos (Tabela 38). Estes resultados, porém, não excluem o fato de que os treinadores que possuem de “11 a 20 anos” de experiência na profissão (Grupo 2) foram mais críticos ao avaliar os CPG das competições de tênis infantojuvenis quando comparados aos treinadores menos experientes (Grupo 1) e mais experientes (Grupo 3).

Tabela 38 – Comparações de médias dos CPG e CPE intergrupos ("Tempo de Experiência")

Medida	Levene		One-Way ANOVA	
	F	Sig.	F	Sig.
BTGB-CP	1,217	0,300	0,623	0,538
DTT	0,043	0,958	1,205	0,303
DAEM	1,636	0,199	1,004	0,369
DCo	0,426	0,654	0,250	0,779
HM	0,174	0,840	0,552	0,577
ET	0,014	0,986	1,654	0,196
SE	1,164	0,316	1,145	0,322
Au	1,331	0,268	0,756	0,472
AS	1,435	0,242	0,158	0,854
De	1,131	0,326	0,271	0,763

Após, foram realizadas as análises comparativas intergrupos para cada CPE. Cabe salientar que não foram encontradas diferenças significativas ($p > 0,05$) em nenhum dos CPE avaliados (Tabela 38). Contudo, os treinadores do Grupo 3

obtiveram as médias mais altas para HM, ET e De, enquanto os treinadores do Grupo 1 obtiveram as médias mais altas nas dimensões SE, AS e Au. Os treinadores do Grupo 2, por sua vez, foram os mais críticos em relação aos CPE, apresentando as médias mais baixas para HM, ET, SE, Au e AS. Ainda, faz-se necessário verificar se há diferenças significativas ($p < 0,05$) entre as respectivas orientações de cada CPE.

Tabela 39 – Comparações de médias das orientações intergrupos ("Tempo de Experiência")

Medida	Levene		One-Way ANOVA		
	F	Sig.	F	Sig.	
HM	OPe	0,038	0,965	0,414	0,662
	OE _v	0,349	0,706	0,547	0,580
	OC _f	0,247	0,781	0,743	0,478
ET	OC _f	0,511	0,601	1,777	0,174
	OPe	0,097	0,908	1,849	0,162
	OC _g	0,362	0,697	0,926	0,399
SE	OC _c	0,612	0,544	0,758	0,471
	OE _t	1,626	0,201	1,316	0,272
Au	OLE	1,273	0,284	1,050	0,353
	OTD	1,220	0,299	0,540	0,584
AS	OAF	1,112	0,332	0,044	0,957
	OSi	1,732	0,181	0,391	0,678
De	OIn	0,895	0,411	0,294	0,746
	OPa	0,545	0,581	0,278	0,758

Por fim, cabe salientar que a partir dos resultados do teste One-Way ANOVA realizado, não foram encontradas diferenças significativas ($p > 0,05$) em nenhuma das orientações correspondentes às dimensões HM, ET, SE, Au, AS e De (Tabela 39), indicando que há apenas diferenças numéricas entre as mesmas.

5 DISCUSSÃO

A discussão dos resultados se dará na mesma ordem da seção anterior. Inicialmente, serão discutidos os resultados obtidos para a amostra geral, seguidos pela discussão dos resultados verificados de acordo com as variáveis controladas, respectivamente: “Categorias”; “Formação”, “Idade”; “Tempo de Experiência”.

5.1 SOBRE A AMOSTRA GERAL

De modo geral, verificou-se que os índices de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis foram bastante elevados – considerando as possibilidades do instrumento (1 a 6). No que se refere aos CPG, verificou-se que as competições apresentam certo equilíbrio entre o DTT e o DAEM. Além dos aspectos técnico-táticos, fundamentais para o desenvolvimento e a melhora da performance dos tenistas, serem avaliados principalmente em situações competitivas (KANETA; LEE, 2011; TEIXEIRA, 2011; JIMÉNEZ-ALMENDROS; SANZ, 2017), predominam no cenário do tênis infantojuvenil brasileiro as competições federadas – que possuem objetivos mais associados à performance (ARENA; BOHME, 2004). Não obstante, o tênis é um esporte tradicionalmente reconhecido pela valorização dos aspectos éticos e morais (GONÇALVES *et al.*, 2016a; CORREAS; RIVAS; MARCO, 2017) – o que corrobora para que DAEM seja bastante contemplado. Por fim, acredita-se que o fato de DCo ser o CPG menos favorecido também pode ser um reflexo dos objetivos da competição, no caso, federadas, as quais configuram um ambiente mais exclusivo (GAYA, TORRES; 2004).

A seguir, são abordados individualmente cada um dos CPE analisados, na ordem de favorecimento obtida a partir da opinião dos treinadores, respectivamente: AS, SE, ET, HM, AU, e, por fim, De.

O fato de o AS ser o conteúdo pedagógico mais favorecido constitui-se um importante resultado, uma vez que as questões sociais, como os relacionamentos interpessoais e a sensação de pertencimento são fundamentais para o desenvolvimento e para a motivação dos jovens (DECI; RYAN, 2000; SIEDENTOP, 2002). Apesar dos regulamentos das competições de tênis não preverem atividades que fomentem a integração entre os participantes, o ambiente social esportivo por si

só pode ter impactos positivos sobre seus participantes (ALLEN, 2003). Vale ressaltar que o desenvolvimento de tais aspectos é facilitado em ambientes agradáveis e divertidos (TENNANT, 2010), os quais oportunizam aos jogadores representar seu clube, obter sucesso, estar entre amigos e familiares (SIEDENTOP, 2002; ALLEN, 2003). E são justamente os aspectos relacionados à afeição (OAF) que obtiveram as médias mais altas, com diferenças estatisticamente significativas em relação aos itens associados à sinergia (OSi). Este resultado era esperado, tendo em vista que os regulamentos das competições (com exceção da categoria “8 anos”) não estabelecem disputas por equipes, e os jogos de duplas e duplas mistas não são obrigatórios em nenhuma das categorias subsequentes. Estes fatores, inclusive, tendem a restringir as possibilidades de interação, cooperação e divisão de responsabilidades com as outras crianças (GONÇALVES *et al.*, 2016a).

Na sequência, e ainda em um primeiro bloco dos CPE mais favorecidos, está a dimensão SE. Este resultado reforça uma das características marcantes do tênis, modalidade reconhecida por culturalmente valorizar os aspectos éticos e morais (CORREAS; RIVAS; MARCO, 2017). Trata-se também de um importante resultado tendo em vista o caráter educativo e formativo do esporte infantojuvenil, no qual se busca formar, antes de tudo, cidadãos com princípios e valores que serão levados para além do campo esportivo (SIEDENTOP, 1998; 2002; BENTO, 2004; GAYA; TORRES, 2004; MARQUES, 2004; PAES; BALBINO, 2005; PAES, 2006; SANTOS; MARTINEK, 2018).

Acredita-se que alguns aspectos da competição de tênis possam ter contribuído para o SE ser bastante favorecido. Primeiramente, vale destacar que não há árbitro em quadra durante as partidas – sendo esta função desempenhada pelos próprios jogadores desde as categorias iniciais (CBT, 2018a, 2018b). Sobre este aspecto, Correias, Rivas e Marco (2017) verificaram, em competições de tênis infantojuvenis na Espanha, que a incidência de condutas desportivas superou altamente as condutas antidesportivas. Ainda, os autores (CORREAS; RIVAS; MARCO, 2017) concluíram que, no caso do tênis, a ausência de árbitro é considerada uma excelente oportunidade para que os jogadores possam expressar seus comportamentos de forma exemplar, evidenciando os valores formativos da modalidade.

Acredita-se, também, que um segundo aspecto que poderia contribuir para o favorecimento ao SE é o fato de existir um código de conduta do tenista, inclusive

disponibilizado pela Confederação Brasileira de Tênis - o qual indica os comportamentos adequados e aceitáveis antes, durante e após as partidas, e prevê advertências e punições aos jogadores que apresentarem condutas antidesportivas (CBT, 2009). Para além disto, as questões ético-morais, o respeito às regras, aos oponentes, árbitros e espectadores já podem ser considerados aspectos intrínsecos à cultura da modalidade (GONÇALVES, 2016a). Além do mais, os itens orientados à ética (OEt) – associados ao desenvolvimento de valores – foram aqueles que elevaram a média da dimensão SE, enquanto os itens orientados à concorrência – associados ao carácter educativo das vitórias e derrotas (OCc) – diminuíram as médias.

Apesar desta constatação, é possível observar alguns mecanismos existentes nos regulamentos das competições que poderiam auxiliar nos aspectos orientados a concorrência, como: 1) Divisão por idade e nível de jogo (sistema de classes), tornando, em princípio, as disputas mais equilibradas; 2) Utilização de formatos não-eliminatórios, oferecendo mais oportunidades para se obter sucesso (BARRELL, 2007; TENNANT; 2010); 3) Regra do esforço máximo, presente no código de conduta, o qual indica que o jogador deve usar seu melhor esforço para vencer uma partida enquanto estiver competindo (CBT, 2009).

Ainda entre os conteúdos mais favorecidos, encontra-se a dimensão ET. Este também pode ser considerado um importante resultado, pois em esportes abertos, como o tênis, os fatores cognitivos constituem um elemento fundamental no rendimento dos jogadores – uma vez que a todo momento os atletas se deparam com situações complexas, desafiadoras e diferentes das anteriores (TAVARES; GRECO; GARGANTA, 2006; GARCÍA-GONZÁLEZ *et al.*, 2011). Cabe salientar que, na opinião dos treinadores, os aspectos relacionados à cognição são mais favorecidos em relação aos aspectos referentes à conformação e à pertinência. Esta constatação é corroborada por autores (GRECO, 2006; GARCÍA-GONZÁLEZ *et al.*, 2011; SANZ; FUENTES; CRESPO, 2017), os quais compreendem que a participação competitiva nos períodos formativos contribui principalmente para a melhora das capacidades cognitivas e decisórias – aspectos fundamentais para ampliar o conhecimento tático dos jogadores.

Em contraponto, e apesar das médias consideráveis, as competições de tênis não estariam tão adequadas aos participantes no que se refere à conformação (estrutura e funcionalidade) e ao nível de conhecimento estratégico-tático dos

participantes (e condições de implementá-lo). Nesse sentido, Gonçalves *et al.* (2016b) constataram, em estudo com treinadores de tênis sobre as competições infantis, que quando as dimensões de quadra não são adequadas aos participantes, alguns aspectos táticos podem ser prejudicados ou menos desenvolvidos, como o jogo de rede. Ainda, Klering *et al.* (2016) verificaram que a competição infantojuvenil muitas vezes estimula precocemente o desenvolvimento de um único padrão de jogo, mais defensivo, por apresentar melhores resultados à curto prazo. Deve-se atentar ao fato que esta prática pode criar lacunas no desenvolvimento do tenista, prejudicando seu rendimento à longo prazo. Uma alternativa defendida por autores (BUNKER; THORPE, 1982; WERNER; THORPE; BUNKER, 1996; ROTH, 2017) para um melhor desenvolvimento estratégico-tático baseia-se na implementação de jogos contextualizados (não “apenas” o jogo formal), com objetivos táticos diferenciados - e que busquem contemplar cada uma das situações do jogo de tênis: saque, devolução, jogo de base, aproximação e jogo de rede (CRESPO; REID, 2002).

Já, o fato da dimensão HM estar posicionada em um segundo bloco com relação aos níveis de favorecimento pode gerar novas discussões. O tênis é tradicionalmente reconhecido pelo seu desenvolvimento e aprimoramento técnico, e, portanto, era de se esperar que a competição contribuisse de forma expressiva para o desenvolvimento das habilidades motoras. No entanto, apesar de autores (KROGER; ROTH, 2002; BARBANTI, 2005; ROTH, 2017) defenderem que no processo de desenvolvimento dos jovens esportistas seja preconizado o aprendizado diversificado e rico em experiências motoras, Klering *et al.* (2016) apontam que a competição de tênis infantojuvenil não contempla todas as necessidades de desenvolvimento das habilidades da modalidade – estimulando, de certa forma, a precoce especialização de determinados padrões de movimentos.

Neste caso, é importante destacar que na opinião dos treinadores a competição contempla em maior grau os aspectos orientados à evolução, seguido pelos aspectos referentes à conformação, e por fim, à pertinência. O fato de serem utilizados predominantemente formatos não-eliminatórios nas competições de tenistas infantojuvenis contribui para que os participantes disputem mais partidas, e assim tenham mais oportunidades para o desenvolvimento das habilidades. Em relação à conformação, também deve-se salientar a utilização de modificações estruturais (quadras menores, redes mais baixas e bolas mais lentas), porém

apenas nas categorias menores (ITF, 2012). Já os aspectos relacionados à pertinência são os menos contemplados, indicando que o jogo – da maneira em que é realizado – nem sempre está adequado ao estágio motor e às habilidades dos jogadores, como apontado por De Rose Júnior e Korsakas (2006). Uma possível alternativa, neste caso, seria a implementação de jogos situacionais diversificados, que contribuam para desenvolver diferentes habilidades e golpes necessários para a formação completa e adequada do tenista.

Por sua vez, a dimensão Au está localizada em um terceiro bloco de favorecimento desenvolvimento dos CPE. Tendo em vista que a autonomia é considerada uma necessidade psicológica fundamental (DECI; RYAN, 2000), compreende-se que seu desenvolvimento poderia ser contemplado de forma mais efetiva nas competições de tênis. Apesar da importância de seu desenvolvimento através da competição ser apontado em estudos anteriores (MILISTETD *et al.*, 2008), Burton Gillham e Hammermeister (2011) afirmam que as competições infantojuvenis, da forma com que são estruturadas, tendem a prejudicar o apoio à autonomia. Nas competições de tênis, modalidade predominantemente individual, os jogadores são os responsáveis pela condução de sua prática, inclusive sendo os próprios árbitros de suas partidas - sem haver a possibilidade de comunicação com treinadores ou torcedores. Nesse contexto, os mesmos necessariamente precisam tomar todas as decisões, e realizar escolhas importantes sozinhos. E são justamente estes aspectos, relativos à tomada de decisão (OTD), que elevam a média de Au. Já as maiores limitações das competições com relação à dimensão Au se fazem presentes nos aspectos orientados à liberdade de expressão (OLE). Estes se relacionam com a possibilidade de os jogadores poderem opinar e colaborar para alteração ou criação de novas regras, bem como diferentes tipos de atividades, premiações, entre outros - o que efetivamente não está previsto nos regulamentos destas competições.

Por fim, situa-se a dimensão De, indicando as maiores limitações pedagógicas das competições de tenistas infantojuvenis analisadas - na opinião dos treinadores. O fato de esta ser a dimensão menos favorecida era esperado, tendo em vista que a competição (principalmente ao se tratar da federada) tende a priorizar o desempenho, constituindo-se um ambiente mais seletivo (GAYA; TORRES, 2004). Assim, compreende-se que os mecanismos que poderiam contribuir para maior participação e inclusão das crianças e jovens, como a divisão

por faixa etária e por nível técnico, a utilização de formatos não-eliminatórios e as adequações estruturais nas categorias menores (ITF, 2012), não são de todo suficientes. De Rose Júnior e Korsakas (2006) afirmam que na maioria dos casos as competições esportivas infantojuvenis ainda são baseadas em práticas reducionistas, que valorizam de forma excessiva os resultados em detrimento dos demais aspectos. Nesse ponto, Milistetd *et al.* (2014) e Gonçalves *et al.* (2016b) defendem que ainda são necessárias adequações estruturais e funcionais para tornar as competições de tênis mais inclusivas.

Outro fator importante, que pode ser discutido a fim de contribuir para maior participação e inclusão dos tenistas, é a implementação de mais níveis no sistema competitivo do tênis infantojuvenil. Em países referência no desenvolvimento de tenistas, como Austrália, Canadá, Estados Unidos e França, os programas competitivos federados possuem diversos níveis, os quais contêm diferentes objetivos, configurações competitivas, regras, estruturas e formatos. Estes visam atender aos mais variados perfis de jogadores e aumentar o engajamento dos tenistas, pois possuem níveis de competitividade, comprometimento e exigência (técnico-tática, física, psicológica) dispostos de forma progressiva. Ao passo que no Brasil, mesmo havendo a divisão pelo sistema de classes, a configuração da competição é idêntica.

5.2 SOBRE AS CATEGORIAS COMPETITIVAS

Inicialmente, ao se observar os resultados obtidos, verificou-se que de forma geral as médias relativas às competições nas categorias “Até 11 anos” foram superiores às médias das competições nas categorias “12 a 16 anos”. Em relação ao padrão de favorecimento dos CPG em cada um dos grupos analisados, cabe destacar que o DTT foi o CPG mais favorecido nas categorias “Até 11 anos” (com diferença estatisticamente significativa em relação ao DAEM e ao DCo). Por outro lado, no caso das categorias “12 a 16 anos”, o CPG mais favorecido foi DAEM, seguido por DTT, e por fim DCo (havendo diferença estatisticamente significativa entre o primeiro e o último). Levando-se em consideração as características das competições federadas, poderia se esperar que, independentemente das categorias analisadas, os aspectos técnico-táticos fossem mais favorecidos (SOBRAL, 1991;

GAYA; TORRES, 2004). Assim, este resultado pode contribuir para que novas discussões sejam abertas no âmbito da modalidade.

Da mesma forma, a ordem de favorecimento ao desenvolvimento relacionada aos CPE foi diferente de acordo com as categorias analisadas. Nas categorias menores (“Até 11 anos”) destacaram-se inicialmente AS, SE, HM e ET, seguidos por Au, e por fim, De. Já nas categorias maiores (“12 a 16 anos”), os conteúdos mais favorecidos também foram AS e SE (juntamente com ET), Au e HM, e por fim, De. Destaca-se o fato da dimensão HM ocupar uma posição de menor destaque nas categorias maiores, no caso, apenas à frente da dimensão De – a menos favorecida para ambos os grupos.

Com relação às comparações intergrupos, cabe destacar que foram verificadas diferenças estatisticamente significativas na dimensão DTT, em favor das categorias “Até 11 anos” - demonstrando que para os treinadores, o desenvolvimento destes aspectos é mais favorecido nas competições menores. Inicialmente, acredita-se que as modificações estruturais implementadas nas categorias “Até 11 anos” possam contribuir para este panorama. Este resultado vai ao encontro do que é defendido por autores especializados (MARTENS; DE VYLDER, 2007; ELDERTON, 2010; NEWMAN, 2010; BUSZARD *et al.*, 2014a; SCHMIDHOFER; LEDER; EBERT, 2014; SANZ, 2017), os quais afirmam que a utilização de bolas mais lentas e quadras com dimensões reduzidas – como as adequações observadas nas competições brasileiras até a categoria “11 anos” – tendem a facilitar o desenvolvimento técnico-tático dos jogadores. Nesse sentido Gonçalves *et al.* (2016b) constataram, em estudo com treinadores de tênis brasileiros, uma importante melhora no desenvolvimento dos aspectos técnico-táticos básicos nas categorias competitivas infantis após as alterações propostas pela ITF no ano de 2012. Ainda, Klering *et al.* (2016) verificaram que as competições federadas de 11-14 anos não supriam as necessidades de desenvolvimento quanto às habilidades do tênis, estimulando, de certa forma, a precoce especialização em padrões de movimentos e de jogadas relacionados ao jogo de base defensivo – em detrimento do desenvolvimento de golpes de aproximação e do jogo de rede. Assim, constatada a diferença de favorecimento ao DTT entre as categorias, cabe analisar detalhadamente as comparações entre as dimensões que compõem este CPG para melhor compreender este fenômeno: HM e ET.

Inicialmente é necessário destacar a relevância do resultado obtido na dimensão HM, o qual indicou que as competições nas categorias “Até 11 anos” favorecem em maior nível (diferença estatisticamente significativa) o desenvolvimento das habilidades motoras, quando comparadas às categorias “12 a 16 anos”. Mais especificamente, essa diferença encontrada foi indicada nos aspectos orientados à conformação e à evolução. Este resultado se mostra em consonância com estudos (FARROW; REID, 2010; BUSZARD *et al.*, 2014a; 2014b; KACHEL; BUSZARD; REID, 2014; TIMMERMAN *et al.*, 2014; FITZPATRICK; DAVIDS; STONE, 2016; LIMPENS *et al.*, 2018; DAVIES, 2019) que indicaram resultados favoráveis – do ponto de vista de desenvolvimento de habilidades – com a implementação de modificações na bola, raquete, altura da rede e/ou tamanho de quadra (individualmente ou combinados).

Kachel, Buszard e Reid (2014) verificaram que a utilização de bolas mais lentas (verdes) por crianças de 9 a 11 anos permite aos jogadores executar os golpes em uma altura mais confortável, facilitando o uso correto das técnicas e o desenvolvimento de técnicas mais avançadas (ELDERTON, 2010; NEWMAN, 2010). Na mesma direção, Buszard *et al.* (2014a) constataram em seu estudo que as crianças entre 6 e 8 anos que utilizaram bolas vermelhas (75% mais lentas) e raquetes adequadas à sua estatura acertaram mais *forehands* que as crianças que utilizaram bolas de maior pressão, promovendo também benefícios na técnica dos jogadores. Em outro estudo, Buszard *et al.* (2014b) verificaram que a utilização de equipamentos modificados (raquete menor e bola mais lenta) tende a facilitar o desempenho da técnica e o aprendizado motor implícito, principalmente para as crianças menos habilidosas.

Ainda, a maior evolução das habilidades indicada pelos treinadores nas competições que possuem adequações (“Até 11 anos”) é corroborada por estudos (FARROW; REID, 2010; FITZPATRICK; DAVIDS; STONE, 2016) que indicam que, em partidas disputadas com bolas mais lentas e em quadras reduzidas (principalmente no estágio vermelho), o número de trocas de bolas aumenta - proporcionando às crianças mais oportunidades para desenvolver suas habilidades. Essa maior oportunização também foi verificada por Timmerman *et al.* (2014) ao analisar partidas disputadas em quadras reduzidas e com redes mais baixas, as quais apresentaram maior número de acertos e, conseqüentemente, *rallies* mais longos.

No entanto, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão ET. Este resultado vai de encontro ao constatado por autores (KACHEL; BUSZARD, REID, 2014; TIMMERMAN *et al.*, 2014; LIMPENS *et al.*, 2018), os quais verificaram que a utilização de bolas mais lentas, quadras reduzidas e/ou redes mais baixas torna o jogo infantil mais dinâmico. Ainda de acordo com esses estudos, tais alterações – individualmente ou combinadas – contribuem para o desenvolvimento e implementação de um estilo de jogo mais agressivo, aproximando-se da dinâmica do jogo adulto – em contraponto ao jogo defensivo observado por Klering *et al.* (2016) nas categorias maiores. Outro aspecto, trazido por Buszard *et al.* (2014a), é de que a maior facilidade para a executar os movimentos em ambientes adaptados permite que as crianças se concentrem mais nos aspectos estratégico-táticos do jogo. Ainda, essas adequações proporcionariam aos jovens deslocamentos mais curtos para cobrir os espaços da quadra, facilitando o desenvolvimento de padrões de jogo mais complexos (ELDERTON, 2010; NEWMAN, 2010). Em estudo realizado por Schmidhofer, Leser e Ebert (2014), foram realizadas as comparações de 17 parâmetros de performance do jogo (duração dos pontos, porcentagem de acertos, etc.) entre jogos profissionais e das categorias “9 anos”, “10 anos” e “12 anos”, chegando-se à conclusão de que a categoria “9 anos” (estágio laranja) possui maior proximidade com a dinâmica do jogo adulto.

Apesar dos materiais e dimensões de quadra modificados nas categorias menores, acredita-se que o fato de não terem sido encontradas diferenças significativas no desenvolvimento dos aspectos estratégico-táticos possa ser justificado pela ausência de outros tipos de atividades, para além do jogo “formal”. A inclusão de jogos contextualizados, proposta por autores (WERNER; THORPE; BUNKER, 1996; ROTH, 2017), não se faz presente nas competições de tênis infantojuvenis em nenhuma das categorias.

Já, as dimensões AS, SE, Au e De não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Acredita-se que esta constatação possa ter relação com o fato de que os regulamentos destas competições são bastante similares, diferenciando-se “apenas” pelas modificações de quadra e bola, e pelos formatos de pontuação (ITF, 2012; CBT, 2018a; 2018b). A responsabilidade pela condução dos jogos pelos próprios competidores, o código de conduta, e o próprio jogo em si – formal – são idênticos. Ainda, as competições infantojuvenis nas diferentes categorias geralmente são realizadas simultaneamente, e em um mesmo

local, ou seja, constituindo o mesmo ambiente social. Apesar desta constatação, Farrow e Reid (2010) verificaram que os jovens gostavam mais de jogar tênis em ambientes escalonados (bolas de menor pressão e quadras reduzidas) do que em ambientes adultos, devido ao maior número de oportunidades de acertos (trocas de bolas) e ao maior sucesso na execução - o que poderia tornar as competições menores mais atraentes a seu público.

5.3 SOBRE A FORMAÇÃO DOS TREINADORES

Ao se observar os resultados obtidos, verificou-se inicialmente que as médias obtidas de acordo com a opinião dos treinadores “Graduados” foram superiores às dos “Pós-graduados”. Ainda nesse sentido, foram constatados padrões divergentes no que se refere ao favorecimento dos CPG, o que já era esperado – tendo em vista que o nível de escolaridade se mostrou um fator diferenciador na percepção dos treinadores em estudos anteriores (SANTOS; MESQUITA, 2011; CORTELA *et al.*, 2017). A ordem apontada pelos “Graduados” foi a seguinte: DTT, DAEM e DCo (com diferença estatisticamente significativa entre o primeiro e o terceiro). Já para os “Pós-graduados”, a ordem foi DAEM e DTT (indissociáveis estatisticamente), seguidos por DCo.

Da mesma forma, a ordem de favorecimento ao desenvolvimento relacionada aos CPE foi diferente de acordo com a “Formação”. Para os treinadores “Graduados”, os conteúdos são favorecidos na seguinte ordem: AS, SE, ET e HM, seguidos por Au, e por fim, De. Já para os “Pós-graduados” os conteúdos mais contemplados são SE, AS, ET, HM e Au, seguidos por De. Nota-se que para os “Pós-graduados”, os conteúdos são contemplados de forma mais uniforme, apesar das médias serem mais baixas em todas as dimensões avaliadas.

Corroborando com esse contexto, ao se comparar as médias das dimensões de acordo com a “Formação” dos treinadores, verificou-se que para os “Graduados” a dimensão DCo é significativamente mais favorecida do que para os “Pós-graduados”. Ainda, este maior favorecimento foi encontrado na dimensão De (contemplando as duas orientações correspondentes, OIn e OPa). O fato dos treinadores “Pós-graduados” serem mais críticos em relação às competições infantojuvenis se mostrou em consonância com estudo anterior (MOLINA *et al.*,

2012), que verificou que um maior nível acadêmico aplicado ao contexto esportivo favorece o processo crítico e reflexivo dos treinadores.

De acordo com estudo de Milistetd et al. (2017), apesar do ensino superior ser considerado a principal via de acesso à preparação formal dos treinadores no Brasil, os cursos de Educação Física apresentam importantes lacunas na formação inicial dos professores (PEREIRA; HUNGER, 2003; EGERLAND; NASCIMENTO; BOTH, 2009). Também pelo fato da disciplina de tênis ser pouco explorada neste campo (CORTELA *et al.*, 2017), a pós-graduação é considerada uma boa opção para a formação continuada dos treinadores (CORTELA *et al.*, 2013).

Nesse sentido, Egerland, Nascimento e Both (2009) constataram em seu estudo que treinadores com pós-graduação atribuíram maior importância às competências profissionais do que treinadores graduados, principalmente nos aspectos relativos ao papel do esporte na sociedade, compreensão e interpretação do comportamento do público e desenvolvimento de valores e atitudes esportivas. Ainda, Cunha *et al.* (2011) constataram em seu estudo que os treinadores com maior nível de escolaridade tendem a valorizar mais o conhecimento acadêmico, apoiando-se menos nas experiências práticas – em contraponto aos treinadores com menores níveis de formação.

Cabe destacar ainda que, apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas, e corroborando com o cenário apresentado, os treinadores “Pós-Graduados” foram mais críticos em comparação aos “Graduados” em todos os CPG e CPE avaliados – e em grande parte das orientações. Estes resultados reforçam a necessidade de que novos estudos sejam realizados, buscando melhor compreender tal cenário.

5.4 SOBRE A IDADE DOS TREINADORES

Inicialmente, ao observar os resultados obtidos, verificou-se que as médias obtidas a partir da opinião dos treinadores do Grupo 3 (“Acima de 45 anos”) foram, de modo geral, superiores às médias indicadas pelos treinadores dos Grupos 1 e 2 - “Até 30 anos” e “31 a 45 anos”, respectivamente. Com relação aos CPG, o padrão de comportamento para os Grupos 1 e 2 foi idêntico: DAEM, DTT e Dco, havendo diferença estatisticamente significativa entre a dimensão mais e a menos favorecida. Já para o Grupo 3, a dimensão DTT obteve maior destaque, com diferença

estatisticamente significativa em relação às dimensões DAEM e DCo. Nota-se que os treinadores mais jovens (“Até 30 anos”) destacaram principalmente os aspectos relativos ao DAEM – sendo os mais críticos em relação ao DTT e DCo –, ao passo que os treinadores mais velhos (“Acima de 45 anos”) destacaram fundamentalmente o DTT – sendo os mais críticos em relação ao DAEM.

Em relação aos CPE, cada grupo apresentou uma ordem de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos diferente. Segundo os treinadores mais jovens (“Até 30 anos”), as dimensões mais favorecidas são SE e AS, seguidas por HM, ET e Au, e por fim, De. Os treinadores do grupo intermediário (“31-45 anos”) destacaram as dimensões AS, SE e ET, seguidas por HM e Au, e por fim, De. Já para os treinadores mais velhos (“Acima de 45 anos”), são mais favorecidas as dimensões ET, AS, SE e HM, seguidos por Au e De – apresentando um padrão de favorecimento mais uniforme.

Com relação às análises comparativas, vale ressaltar que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em nenhum dos CPG e CPE avaliados. No entanto, além da ordem de favorecimento ser diferente, verificou-se um padrão divergente nas respostas dos treinadores mais velhos e mais jovens – como constatado em estudo com treinadores catarinenses acerca das habilidades profissionais de treinadores esportivos (EGERLAND; NASCIMENTO; BOTH, 2009). Enquanto os treinadores mais velhos (“Acima de 45 anos”) indicaram bastante protagonismo à dimensão DTT, representada por HM e principalmente, ET – os treinadores mais jovens (“Até 30 anos”) foram os mais críticos com relação a estas dimensões.

Tendo em vista que durante décadas o ensino do tênis e os sistemas competitivos se deram através da reprodução de modelos adultos de alto rendimento (BALBINOTTI; BALBINOTTI, 2008), que a formação do tenista e dos treinadores era “puramente” técnica, que estes aspectos ganharam maior importância até o final do século XX (CORTELA *et al.*, 2013), e que a idade inicial da carreira como treinador de tênis geralmente se dá por volta dos 20 anos de idade (CORTELA *et al.*, 2019), era esperado que os treinadores com idades mais elevadas atribuíssem grande importância a estes aspectos. Ainda, há de se ressaltar que os treinadores acima de 45 anos puderam acompanhar de perto as mudanças implementadas no início desta década (a partir do ano de 2012) nas competições

infantojuvenis – possivelmente constatando algumas melhorias em relação aos modelos competitivos anteriores.

Corroborando com o cenário de divergência nas opiniões dos treinadores até então constatado, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos itens orientados à conformação, da dimensão ET - entre os Grupos 1 e 3. Nesse caso, os treinadores mais velhos (“Acima de 45 anos”) compreendem que a competição, do ponto de vista estrutural e funcional, contribui de forma mais relevante para o desenvolvimento dos aspectos estratégico-táticos do tênis – quando comparados à opinião dos treinadores mais jovens (“Até 30 anos”). Cabe salientar que a implementação de modificações estruturais no treino e na competição e as metodologias de ensino voltadas à compreensão do jogo também são fenômenos recentes no cenário brasileiro (CORTELA *et al.*, 2013). Assim, acredita-se que os treinadores mais jovens, por lidarem com esta realidade desde o início de sua carreira, possam ser mais críticos com relação à conformação - percebendo a necessidade de ainda serem realizadas algumas alterações -, ao passo que os treinadores mais velhos possivelmente se atenham a uma melhora em relação ao modelo competitivo anterior – como verificado por Gonçalves *et al.* (2016a).

Da mesma forma, e apesar de ser a menos favorecida, os treinadores com mais de 45 anos apresentaram as maiores médias para a dimensão DCo. Acredita-se que este resultado possa também ter relação com as modificações estruturais (para as categorias menores) e com os formatos de competição (*Round Robin*) também recentemente implementados em todas as categorias infantojuvenis – os quais visam garantir maior participação competitiva a todos (TENNANT, 2002; 2010).

5.5 SOBRE O TEMPO DE EXPERIÊNCIA DOS TREINADORES

Inicialmente, ao observar os resultados obtidos, verificou-se que os índices médios relativos aos treinadores mais experientes (“Acima de 20 anos”) e menos experientes (“Até 10 anos”) foram, de forma geral, superiores aos índices médios dos treinadores do Grupo 2 (“11-20 anos”) – sendo estes últimos os mais críticos na maior parte das dimensões.

Com relação ao padrão de favorecimento dos CPG em cada um dos grupos, cabe destacar DAEM foi a dimensão mais favorecida segundo os treinadores menos experientes (“Até 10 anos”), seguida por DTT e DCo – havendo diferença estatisticamente significativa apenas entre a dimensão mais favorecida e a menos favorecida. Já os demais Grupos (2 e 3) indicaram que DTT é a dimensão mais favorecida, seguida por DAEM e DCo – sendo os conteúdos distribuídos de forma mais uniforme para o Grupo 2, enquanto que no Grupo 3 foi verificada diferença estatisticamente significativa de DTT em relação aos demais.

Cabe destacar, com relação às análises comparativas, que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em nenhuma das dimensões avaliadas. Este resultado, inicialmente, vai de encontro aos verificados em estudos anteriores, uma vez que a experiência prática na profissão constitui uma das principais fontes de aprendizagem dos treinadores (RODRIGUES *et al.*, 2017). No entanto, é preciso salientar que foi observado um padrão divergente nas respostas de cada um dos grupos, o que é corroborado por estudos (ABRAHAM; COLLINS, 1998; CUNHA *et al.*, 2010; SANTOS; MESQUITA, 2011) que apontam o tempo de experiência profissional como um fator diferenciador na percepção e no comportamento de treinadores esportivos.

Além de dar mais destaque para a dimensão ET, os treinadores mais experientes (“Acima de 20 anos”) foram os que indicaram índices médios mais altos para as dimensões DTT e HM. Ou seja, na opinião dos treinadores com maior tempo de experiência, os aspectos relacionados à performance esportiva são bastante valorizados na competição de tênis infantojuvenil. Segundo Molina *et al.* (2012), o acúmulo de anos como treinador favorece mais a utilização do conhecimento proveniente de suas experiências pessoais, sendo considerado uma das principais fontes de desenvolvimento do conhecimento – ao passo que diminui a importância atribuída pelos treinadores à formação (CUNHA *et al.*, 2010).

A partir da perspectiva de que os aspectos técnicos sempre constituíram um fator preponderante no contexto do tênis brasileiro e de que o recente processo de transformação das metodologias de ensino e dos modelos competitivos (CORTELA *et al.*, 2013) foi vivenciado de perto pelos treinadores mais experientes, é possível que os mesmos tenham baseado suas opiniões em possíveis melhoras no sistema competitivo. Nesse sentido, Gonçalves *et al.* (2016a) verificaram que os treinadores de tênis entrevistados em seu estudo indicaram que há um maior desenvolvimento

técnico-tático básico nas competições infantis atuais do que no modelo competitivo anterior.

Já os treinadores menos experientes (“Até 10 anos”) apresentaram as médias mais altas para DAEM, e para as dimensões SE, AS e Au. Ou seja, estes conteúdos (principalmente SE e AS) estariam sendo bastante favorecidos na competição. Cabe ressaltar que estes resultados podem ser relacionados aos verificados em estudo de Resende, Mesquita e Fernandez (2007) sobre a concepção de treinadores portugueses de voleibol, acerca dos conhecimentos e competências profissionais. Neste, os autores (RESENDE; MESQUITA; FERNANDEZ, 2007) constataram que treinadores mais experientes valorizavam significativamente mais os aspectos relacionados ao comportamento motor, ao passo que os treinadores menos experientes atribuíam maior importância aos aspectos sociais do desporto.

Por fim, os treinadores com tempo de experiência intermediário neste estudo (“11-20 anos”) foram os mais críticos em grande parte das dimensões analisadas: DTT; DAEM; DCo; HM; ET; SE; Au; AS. Com intuito de encontrar alguma possível explicação para este fenômeno, foram verificadas as informações referentes ao perfil dos treinadores de cada um dos grupos. Foi possível verificar que o nível de formação acadêmica dos treinadores do Grupo 2 é mais alto na comparação com os demais grupos. Ao todo, 93,9% dos treinadores com tempo de experiência entre 11 e 20 anos são formados em Educação Física (superior incompleto = 6,1%; superior completo = 60,6%; especialistas, mestres ou doutores = 33,3%), contra 80,4% dos treinadores menos experientes (superior incompleto = 19,6%; superior completo = 60,8%; especialistas, mestres ou doutores = 19,6%) e 82,1% dos treinadores mais experientes (superior incompleto = 17,9%; superior completo = 57,7%; especialistas, mestres ou doutores = 24,4%). Ainda, os treinadores do Grupo 2 apresentaram maior percentual de especialistas, mestres e doutores – fatores que podem ser associados a um olhar mais crítico acerca das práticas avaliadas (MOLINA *et al.*, 2012).

6 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos através da descrição e comparação dos níveis de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos permitiram concluir que, na opinião dos treinadores, as competições de tenistas infantojuvenis analisadas contemplam de forma satisfatória o desenvolvimento dos conteúdos pedagógicos - gerais e específicos - estudados. No entanto, é preciso salientar que alguns conteúdos são contemplados em maior nível do que outros.

A constatação de que as dimensões AS, SE e ET são as mais favorecidas nas competições de tenistas infantojuvenis é bastante relevante ao se pensar a formação integral das crianças e jovens. O fato da dimensão HM não ser tão contemplada é interessante, tendo em vista a tradição da modalidade no que se refere ao desenvolvimento e aprimoramento dos aspectos técnicos. Compreende-se, também, que o menor favorecimento constatado pelos treinadores em relação ao Au, e principalmente, à De, pode apontar novos caminhos para a organização e estruturação das competições infantojuvenis da modalidade.

O fato das dimensões DTT e HM serem mais favorecidas nas categorias “Até 11 anos”, em comparação às categorias “12 a 16 anos”, é bastante relevante para reforçar a importância da adequação das competições infantojuvenis. As adequações estruturais contribuem para que a conformação da competição esteja mais de acordo com os jovens do ponto de vista motor, o que reflete diretamente em uma maior possibilidade de evolução dos jogadores. No entanto, o fato de não terem sido encontradas diferenças significativas entre as categorias na dimensão ET não encontra suporte na literatura, inclusive, opõe-se ao que tem sido estabelecido. Assim, parece importante que novos estudos sejam realizados para que se verifique especificamente essas questões.

O fato das dimensões DCo e De serem significativamente menos favorecidas nas competições, de acordo com a opinião dos treinadores “Pós-graduados”, demonstra que a maior formação acadêmica pode influenciar na percepção em relação aos conteúdos pedagógicos. Nesse caso, os treinadores especialistas, mestres ou doutores, foram mais críticos ao avaliar os aspectos que poderiam contribuir para maior participação e inclusão nas competições de tenistas infantojuvenis, indicando que os mecanismos existentes podem ser insuficientes para suprir tais necessidades. Esse resultado traz à tona a importância da formação

acadêmica continuada para se avaliar, discutir e inclusive propor alterações pertinentes às competições de tênis.

Outro resultado relevante foi o de que a conformação das competições de tenistas infantojuvenis, segundo a opinião dos treinadores com mais de 45 anos, favorece em maior nível o ET dos jogadores - quando comparada à opinião dos treinadores mais jovens (“Até 30 anos”). Alguns fatores podem ter contribuído para que os treinadores mais jovens tenham sido mais críticos com relação a conformação das competições, como a maior familiaridade com métodos de ensino que preconizam o desenvolvimento dos aspectos táticos e com modelos competitivos mais adequados aos jovens desde o início de sua formação como treinador. A realização de novos estudos acerca deste tema também parece necessária.

Ainda, apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas de acordo com o “Tempo de Experiência”, compreende-se que o fato dos treinadores mais experientes (“Acima de 20 anos”) destacarem grande favorecimento aos aspectos ligados à performance - em contraponto aos menos experientes (Até 10 anos), que apontaram maior relevância aos aspectos sociais – pode indicar a influência deste fator na percepção acerca da competição. Sabe-se que os processos de treino e de competição do tênis para crianças e jovens, além da própria formação dos treinadores, passaram por importantes transformações nos últimos anos. A partir desse contexto, faz-se necessário investigar com maior aprofundamento as opiniões dos treinadores de acordo com o tempo de experiência profissional.

No entanto, é preciso tecer algumas considerações, principalmente no que se refere às limitações desse estudo e suas perspectivas futuras. A primeira está relacionada ao número de participantes, que apesar de robusto considerando os estudos anteriores, não permite a generalização dos resultados a todas as competições de tenistas infantojuvenis (e federadas) no Brasil. Ainda, devido ao número de participantes, não foi possível estabelecer comparações entre as competições dos diferentes estados, tendo em vista que os regulamentos das federações estaduais podem apresentar algumas alterações. Outra limitação refere-se ao instrumento utilizado, que não foi elaborado especificamente para esportes individuais, ou ainda, para o tênis.

Por fim, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir de forma relevante para o cenário das competições infantojuvenis, em especial, o do tênis. Ao traçar um panorama geral do perfil de favorecimento ao desenvolvimento dos conteúdos analisados, identificar as maiores limitações pedagógicas, as diferenças entre as categorias competitivas e entre as opiniões dos treinadores de acordo com a formação, idade e tempo de experiência, esta pesquisa pode servir como ponto de partida para novas investigações. Assim, sugere-se a elaboração estudos com amostras maiores, bem como estudos qualitativos, que busquem melhor compreender este fenômeno e trazer ao debate alterações que culminem na melhora das competições no campo prático.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A.; COLLINS, D. Examining and Extending Research in Coach Development. **Quest**, v. 50, n. 1, p.59-79, 1998.
- ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The coaching schematic: validation through expert coach consensus. **Journal of Sport Sciences**, London, v. 24, n. 6, p. 549-564, 2006.
- AIRES, H. *et al.* AS COMPETIÇÕES INFANTOJUVENIS À LUZ DA PEDAGOGIA DO ESPORTE. **Kinesis**, v. 34, p.122-139, 2016.
- ALLEN, J. B. Social Motivation in Youth Sport. **Journal Of Sport And Exercise Psychology**, v. 25, n. 4, p.551-567, dez. 2003.
- ARENA, S. S., BÖHME, M. T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 45-50, 2004.
- BALBINOTTI, M. A. A.; BALBINOTTI, C. A. A. Motivação e perspectiva futura no tênis infanto-juvenil. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 2, n. 2, p.1-20, 2008.
- BARBANTI, V. J. **Formação de Esportistas**. Barueri: Manole, 2005.
- BARBANTI, V. J.; TRICOLI, V. A formação do esportista. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para Crianças e Jovens: Razões e Finalidades**. Porto Alegre: Ufrgs, 2004. Cap. 9. p. 199-216.
- BARRELL, M. Competition – The key to Play and Stay. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 15, n. 42, p. 5-6, 2007.
- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física/uem**, v. 20, n. 2, p.281-289, 2009.
- BENTO, J. O. DESPORTO PARA CRIANÇAS E JOVENS: DAS CAUSAS E DOS FINS. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para Crianças e Jovens: Razões e Finalidades**. Porto Alegre: Ufrgs, 2004. Cap. 1. p. 21-56.
- BERGERON, M. F. *et al.* International Olympic Committee consensus statement on youth athletic development. **British Journal Of Sports Medicine**, v. 49, n. 13, p.843-851, 17 jun. 2015.
- BRYMAN, A.; CRAMER, D. **Quantitative Data Analysis: A guide for social scientists**. London: Routledge, 1999.
- BUNKER, D., THORPE, R. A model for the teaching of games in the secondary school. **Bulletin of Physical Education**, v. 18, n. 1 p. 5-8, 1982.

BURNS N.; GROVE S. K. **The practice of nursing research: conduct, critique, and utilization.** 5ª ed. St Louis: Elsevier; 2005.

BURTON, D.; GILLHAM, A. D.; HAMMERMEISTER, J. Competitive Engineering: Structural Climate Modifications to Enhance Youth Athletes' Competitive Experience. **International Journal Of Sports Science & Coaching**, v. 6, n. 2, p.201-217, 2011.

BUSZARD, T. *et al.* Modifying Equipment in Early Skill Development: A Tennis Perspective. **Research Quarterly For Exercise And Sport**, v. 85, n. 2, p.218-225, 2014a.

BUSZARD, T. *et al.* Scaling sporting equipment for children promotes implicit processes during performance. **Consciousness And Cognition**, v. 30, p.247-255, 2014b.

CAPRANICA, L.; MILLARD-STAFFORD, M. L. Youth Sport Specialization: How to Manage Competition and Training? **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 6, n. 4, p. 572-579, 2011.

CHALIP, L.; HUTCHINSON, R. Reinventing youth sport: formative findings from a state-level action research project. **Sport in Society**, v. 20, n. 1, p. 30–46, 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. (CBT). **CÓDIGO DE CONDUTA PARA TORNEIOS NACIONAIS INFANTO-JUVENIS.** 2009. Disponível em: <http://www.tenisintegrado.com.br/uploads/id6817/anexos/anexo_1467310384.pdf> Acesso em: 03 jan. 2019.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. (CBT). **REGULAMENTO DO CIRCUITO NACIONAL TENNIS KIDS: CATEGORIAS 8, 9, 10 E 11 ANOS.** 2018a. Disponível em: <http://cbt-tenis.com.br/arquivos/teniskids/teniskids_5a85b3b0b1098_15-02-2018_14-22-08.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2019.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. (CBT). **REGULAMENTO INFANTO-JUVENIL.** 2018b. Disponível em: <http://cbt-tenis.com.br/arquivos/juvenil/juvenil_5a67335758313_23-01-2018_11-06-31.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2019.

CORREAS, D. L.; RIVAS, D. S.; MARCO, F. G. Valores en el ténis: Evaluación de la deportividad en los campeonatos de España de categorías juveniles 2017. **E-COACH**, n. 29, p. 14-24, 2017.

CORTELA, C. C. Confederação Brasileira de Tênis. **Projeto Conhecendo a Base do Tênis Brasileiro:** Relatório de visitas. 2016. Disponível em: <http://www.cbt-tenis.com.br/arquivos/teniskids/teniskids_5b0d50947f3f5_29-05-2018_10-07-32.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2019.

CORTELA, C. C. **DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE TREINADORES DE TÊNIS: UM OLHAR SOBRE AS SITUAÇÕES E CONTEXTOS DE**

APRENDIZAGEM. 2018. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CORTELA, C. C. *et al.* A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOS TREINADORES PARANAENSES DE TÊNIS. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 11, n. 2, p. 60-84, 2013.

CORTELA, C. C. *et al.* Associação entre Formação Inicial e Autopercepção de Competência Profissional de Treinadores de Tênis. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, v. 3, n. 2, p. 32-42. 2017.

CORTELA, C. C. *et al.* Iniciação esportiva ao tênis de campo: um retrato do programa Play and Stay à luz da Pedagogia do Esporte. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. 2, p. 214-234, 2012.

CORTELA, C. C. *et al.* Perfil e desenvolvimento profissional de treinadores de tênis. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 17, n. 1, p. 1-12, 2019.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. **Handbook of sport psychology**, v. 3, p. 184-202, 2007.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal Of Sport Policy And Politics**, v. 8, n. 1, p.51-65, 2014.

CRESPO, M.; REID, M. Introducción a la táctica moderna. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 10, n. 27, p. 2, 2002.

CUNHA, G. B. *et al.* Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de Futebol em função da sua experiência e nível de formação. **Motriz**, v. 16, n. 4, p.931-941, 2010.

DAVIES, K. Perceptions of coaches of a scaled tennis equipment program. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 27, n. 77, p. 23-26, 2019.

DE ROSE JR, D; KORSAKAS, P. O Processo de Competição e o Ensino do Desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 251-261.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000.

EGERLAND, E. M.; NASCIMENTO, J. V.; BOTH, J. As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. **Motriz**, v. 15, n. 4, p. 890-899, 2009.

ELDERTON, W. Tactical and technical development considerations for 10 and under players. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 18, n. 51, p. 18-19, 2010.

ELFERINK-GEMSER, M. T. *et al.* Reading and writing the game: tactical skills in team sports. In: Manuel, J. C. et al (Ed.). **Youth sports: growth, maturation and talent**. 2. ed. Coimbra: Coimbra University Press, 2016. Cap. 11. p. 165-178.

FARROW, D.; REID, M. The effect of equipment scaling on the skill acquisition of beginning tennis players. **Journal Of Sports Sciences**, v. 28, n. 7, p.723-732, 2010.

FEDERAÇÃO PARANAENSE DE TÊNIS. (FPT). **TENNIS KIDS**: Tênis para crianças: bolas mais lentas, quadras menores, jogo fácil. 2018. Disponível em: <<https://fpt.com.br/Content/arquivos/portal/regulamento/tennis-kids.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

FÉDÉRATION FRANÇAISE DE TENNIS (FFT). **GALAXIE TENNIS: EVOLUTIONS EN COURS**. 2018a. Disponível em: <http://www.fft.fr/sites/default/files/pdf/evolutions_galaxie_tennis_2019.pdf>. Acesso em: 4 out. 2018.

FÉDÉRATION FRANÇAISE DE TENNIS (FFT). **GUIDE DE LA COMPETITION: GALAXIE TENNIS**. 2016. Disponível em: <http://www.fft.fr/sites/default/files/pdf/guide_competition_-_galaxie_tennis_janvier_2016.pdf>. Acesso em: 4 out. 2018.

FÉDÉRATION FRANÇAISE DE TENNIS (FFT). **REGLEMENTS INTERCLUBS 8, 9 et 10 ans F et G**: Saison sportive 2018. 2018b. Disponível em: <<http://www.tennis.usoam.fr/wpcontent/uploads/2018/05/20172018reglementinterclubs.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2018.

FITZPATRICK, A.; DAVIDS, K.; STONE, J. A. Effects of Lawn Tennis Association mini tennis as task constraints on children's match-play characteristics. **Journal Of Sports Sciences**, v. 35, n. 22, p.2204-2210, 2016.

FRASER-THOMAS, J. L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. **Physical Education & Sport Pedagogy**, v. 10, n. 1, p.19-40, fev. 2005.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

GALLAHUE, D. L.; DONNELLY, F. C. **Educação Física Desenvolvimentista para Todas as Crianças**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

GARCÍA-GONZÁLEZ, L *et al.* La competición como variable precursora del conocimiento en tenis. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte**, v. 11, n. 43, p. 592- 607, 2011.

GARGANTA, J. A formação Estratégico-tática nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.). **Desporto para crianças e jovens**: Razões e finalidades. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 217-234.

GAYA, A; TORRES, L. O Esporte na Infância e na Adolescência: Alguns pontos polêmicos. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para Crianças e Jovens: Razões e Finalidades**. Porto Alegre: Ufrgs, 2004. Cap. 2. p. 57-74.

GONÇALVES, G. H. T. **GESTÃO PEDAGÓGICA DE COMPETIÇÕES ESPORTIVAS INFANTOJUVENIS: PROPOSIÇÃO DE UMA BATERIA DE TESTES DE MEDIDA DE CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS**. 2018. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

GONÇALVES, G. H. T.; BALBINOTTI, M. A. A. **Bateria de Testes Gonçalves-Balbinotti de Favorecimento ao Desenvolvimento de Conteúdos Pedagógicos no Esporte Infantojuvenil (BTGB-CP)**. Porto Alegre: Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Pedagogia do Esporte (NP3 Esporte), 2016.

GONÇALVES, G. H. T. *et. al.* Contribuições da competição de tênis na educação e formação de crianças. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, 2016a.

GONÇALVES, G. H. T. *et al.* O papel da competição infantil de tênis no desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos básicos. **Conexões**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 31-52, 2016b.

GRECO, P. Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 210-212, 2006.

GRÉHAIGNE, J.; GODBOUT, P.; BOUTHIER, D. The Foundations of Tactics and Strategy in Team Sports. **Journal Of Teaching In Physical Education**, v. 18, n. 2, p.159-174, jan. 1999.

GUIMARÃES *et al.* Educação Física Escolar: Atitudes e Valores. **Motriz**, v. 7, n. 1, p. 17-22, 2001.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION (ITF). **ITF Junior Tennis Task Force: ITF GUIDELINES AND RECOMMENDATIONS AROUND 12 AND 10 UNDER COMPETITIONS/ACCELERATED PERFORMANCE PATHWAY**. 2014. Disponível em: <<http://www.tennisplayandstay.com/media/172206/172206.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION. (ITF). **Tennis 10's: The ITF Guide to Organising 10& Under Competition**. 2012. Disponível em: <<https://www.itftennis.com/media/114028/114028.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

JIMÉNEZ-ALMENDROS, L.; SANZ, J. L. G. Perfil de afrontamiento cognitivo-emocional em tenistas de competición. **E-COACH**, n. 29, p. 25-33, 2017.

KACHEL, K.; BUSZARD, T.; REID, M. The effect of ball compression on the match-play characteristics of elite junior tennis players. **Journal Of Sports Sciences**, v. 33, n. 3, p.320-326, 2014.

KANETA, C.; LEE, C. L. Aspectos psicossociais do desenvolvimento. In: BOHME, Maria Tereza Silveira (Org.). **Esporte infantojuvenil: Treinamento a Longo Prazo e Talento Esportivo**. São Paulo: Phorte, 2011. Cap. 3. p. 69-79.

KIRK, D. Physical education, youth sport and lifelong participation: the importance of early learning experiences. **European Physical Education Review**, v. 11, n. 3, p. 239-255, 2005.

KLERING, R. T. *et al.* As técnicas avançadas na formação multilateral de tenistas: um estudo sobre os conteúdos do treino de tenistas de 11 a 14 anos. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 4, n. 24, p. 100-109, 2016.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002.

LAWN TENNIS ASSOCIATION (LTA). **COMPETITION REGULATIONS**. 2016. Disponível em: <<https://www.lta.org.uk/globalassets/officiate--volunteer/documents/regulations/lta-competition-regulations-september-2016.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2018.

LAWN TENNIS ASSOCIATION (LTA). **Rules & scoring in junior tennis**. 2018. Disponível em: <<https://www.lta.org.uk/play-compete/getting-started/junior-tennis/rules-of-tennis---junior/>>. Acesso em: 2 out. 2018.

LAWN TENNIS ASSOCIATION (LTA). **MINI TENNIS: MINI TENNIS RATING FAQs**. 2018. Disponível em: <<https://www3.lta.org.uk/LTA-Mini-Tennis/Mini-Tennis-Competition/Mini-Tennis-Ratings-FAQs-/>>. Acesso em: 2 out. 2018

LEITE, R. B. M.; RIZZO, D. T. S. Esporte e Competição na Escola: Uma análise didática pedagógica do professor de Educação Física. **Revista MAGSUL de Educação Física na Fronteira**, v.1, n.1, p. 68-78, 2016.

LEONARDI *et al.* PEDAGOGIA DO ESPORTE: INDICATIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO INDIVÍDUO. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 41-58, 2014.

LEWIS, F. R.; KNIGHT, C. J.; MELLALIEU, S. D. Emotional experiences in youth tennis. **Psychology Of Sport And Exercise**, v. 29, p.69-83, 2017.

LIMA, M. B. N. **Formação do treinador de tênis de alto rendimento no Brasil: Validação do Questionário de Análise da Formação Inicial e Permanente dos Treinadores de Tênis de Alto Rendimento (QUAFIPETAR)**. 2011. 242 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LIMA, T. **Alcance educativo da competição**. Desporto e Sociedade. Lisboa: Antologia de Textos, 1987.

LIMPENS, V. *et al.* Scaling Constraints in Junior Tennis: The Influence of Net Height on Skilled Players' Match-Play Performance. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 89, n. 1, p.1-10, 2018.

MACHADO, G. *et al.* PEDAGOGIA DO ESPORTE E AUTONOMIA: UM ESTUDO EM PROJETO SOCIAL DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL. **Pensar a Prática**, v. 14, n. 3, p. 1-21, 2011.

MARQUES, A. T. Desporto: Ensino e Treino. In: TANI, G; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Cap. 12. p. 142-153.

MARQUES, A. T. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A. T.; TANI, G. (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 75-96.

MARQUES, A. T.; OLIVEIRA, J. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. In: BARBANTI, V. J.; AMADIO, A. C.; J. O. & MARQUES, A. T (Ed.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. Barueri: Manole, 2002. p. 51-73.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; de ALMEIDA, M. A. B. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Conexões**, v. 6, n. 2, p. 42-61, 2008.

MARTENS, S.; DE VYLDER, M. The Use of Low compression Balls in the Development of High Performance Players. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 15, n. 42, p. 3-4, 2007.

MILISTETD, M. *et al.* Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 3, p 671-678, 2014.

MILISTETD, M. *et al.* CONCEPÇÕES DOS TREINADORES ACERCA DO PAPEL DA COMPETIÇÃO NA FORMAÇÃO DESPORTIVA DE JOVENS JOGADORES DE VOLEIBOL. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 19, n. 2, p.151-158, 2008.

MILISTETD, M. *et al.* SPORTS COACH EDUCATION: GUIDELINES FOR THE SYSTEMATIZATION OF PEDAGOGICAL PRACTICES IN BACHELOR PROGRAM IN PHYSICAL EDUCATION. **Journal Of Physical Education**, v. 28, n. 1, p.1-14, 2017.

MILEY, D. Serve Rally and Score. The ITF tennis Play and Stay Campaign and Tennis 10's. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 18, n. 51, p. 3-4, 2010.

MOLINA, S. F. *et al.* El conocimiento profesional adquirido por el entrenador de balonmano: experiencias y formación. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 21. n. 1, p. 107-115, 2012.

MOUNTJOY, M. *et al.* IOC consensus statement. **British Journal Of Sports Medicine**, v. 42, n. 3, p.163-164, 1 mar. 2008.

NEWMAN, J. Why the slower balls and smaller courts for 10 and under players? **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 18, n. 51, p. 5-6, 2010.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE Jr, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Editora Ulbra, 2001.

PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: Especialização Esportiva Precoce. In: TANI, G; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Cap. 17. p. 219-226.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JR., D. *et al* (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 73-84.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PEREIRA, J. M.; HUNGER, D. Formação e atuação profissional no voleibol: opinião de técnicos da cidade de São José dos Campos, SP. **Motriz**, v. 9, n. 2, p. 89-96, 2003.

PESTANA, M.; GAGEIRO, J. **Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS**. 6. ed. Lisboa: Edições Silabo, 2014.

PLATONOV, V. N. **Teoria geral do treinamento desportivo olímpico**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIS, E. **Estatística descritiva**. Lisboa: Edição Silabo, 2000.

RESENDE, R.; MESQUITA, I.; FERNANDEZ, J. Concepções dos treinadores acerca dos conhecimentos e competências no exercício da função e de acordo com o gênero e a experiência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE JOGOS DESPORTIVOS. 1, 2007, Porto. **Anais...** Porto: Universidade do Porto, 2007.

REVERDITO, R. S. *et al.* COMPETIÇÕES ESCOLARES: REFLEXÃO E AÇÃO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE PARA FAZER A DIFERENÇA NA ESCOLA. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1; p. 37-45, 2008.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: Jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

RODRIGUES, H. A. *et al.* As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p.100-118, 2017.

ROST, K. As competições no Desporto Juvenil. **Treino Desportivo**, Lisboa, p. 3-10, jul. 1997.

ROTH, K. Do ABC para iniciantes nos jogos. In: KRÖGER, C.; ROTH, K; MEMMERT, D. **Escola da bola: Jogos de rede e raquete**. São Paulo: Phorte, 2017a. p. 5-42.

RUFINO, L. G. B. *et al.* Possíveis relações entre as competições esportivas e o esporte educacional: (re)significando perspectivas à luz da pedagogia do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 24, n. 2, p. 182-196, 2016.

RYAN, R. M. *et al.* **Self-Determination Theory and physical activity**: The dynamics of motivation in development and wellness. *Hellenic Journal of Psychology*, v. 6, p. 107-124, 2009.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-Regulation and the Problem of Human Autonomy: Does Psychology Need Choice, Self-Determination, and Will?. **Journal Of Personality**, v. 74, n. 6, p.1557-1586, 2006.

SANTANA, W. C. Pedagogia do Esporte na infância e Complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Cap. 1. p. 1-22.

SANTOS, F.; MARTINEK, T. J. Facilitating Positive Youth Development through Competitive Youth Sport: Opportunities and Strategies. **Strategies**, v. 31, n. 6, p.47-49, 2018.

SANTOS, A. S. F.; MESQUITA, I. S. Percepção dos treinadores sobre as competências profissionais em função da sua formação e experiência. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, [s.l.], v. 12, n. 4, p.275-281, 2011.

SANZ, D. The importance of modifying the equipment for beginner tennis players: Tennis Play and Stay development in Spain. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 25, n. 72, p. 8-9, 2017.

SANZ, D.; FUENTES, J. P.; CRESPO, M. La táctica en el tenis de individuales. In: **TÉNIS: ESTRATÉGIA, PERCEPÇÃO E AÇÃO**. COIMBRA UNIVERSITY PRESS: Coimbra, 2017. p. 251-284

SCAGLIA, A. J. **O futebol e o jogo/brincadeira de bola com os pés**: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2003.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R S. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. In: **Anais...** Semana

Científica da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2004.

SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. A pedagogia do esporte. In: COMISSÃO DE ESPECIALISTAS - ME. **Dimensões pedagógicas do esporte**. Brasília: UNB/cad, 2004.

SCHMIDHOFER, S.; LESER, R.; EBERT, M. A comparison between the structure in elite tennis and kids tennis on scaled courts (Tennis 10s). **International Journal Of Performance Analysis In Sport**, v. 14, n. 3, p.829-840, 2014.

SIEDENTOP, D. Sport Education: A Retrospective. **Journal Of Teaching In Physical Education**, v. 21, n. 4, p.409-418, jul. 2002.

SIEDENTOP, D. What is Sport Education and How Does it Work? **Journal Of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 69, n. 4, p.18-20, abr. 1998.

SILVA, M. V.; GRECO, P. J. A influência dos métodos de ensino-aprendizagemtreinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 3, p. 297-307, 2009.

SOBRAL, F. Desporto Escolar e Desporto Federado: os Traços de Diferença. **Sociedade Portuguesa de Educação Física: Boletim SPEF**, v. 3, n. 2, p.11-19, abr. 1991.

STRACHAN, L; CÔTÉ, J; DEAKIN, J. A new view: exploring positive youth development in elite sport contexts. **Qualitative Research In Sport, Exercise And Health**, v. 3, n. 1, p.9-32, mar. 2011.

TANI, G. Contributions of motor learning to physical education: a critical analysis. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 6, n. 2, p.65-72, dez. 1992.

TANI, G.; CORRÊA, U. C. **Aprendizagem motora e o ensino do esporte**. São Paulo: Edgard Blucher, 2016.

TANI, G.; SANTOS, S.; JUNIOR, C. M. M. O ensino da técnica e a aquisição de habilidades motoras no desporto. In: TANI, G; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 227-240.

TAVARES, F.; GRECO, P.; GARGANTA, J. Perceber, Conhecer, Decidir e Agir nos Jogos Desportivos Coletivos. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 284-298.

TENNIS CANADA. **2018 NATIONAL JUNIOR OPEN SERIES (NJOS): FACT SHEET**. 2018. Disponível em: <<http://www.tenniscanada.com/wp-content/uploads/2018/04/2018-Rules-and-Regulations-Final.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2018.

TENNIS CANADA. **ROGERS ROOKIE TOUR: TOURNAMENT DIRECTOR'S HANDBOOK ROGERS ROOKIE TOUR EVENT**. 2016. Disponível em: <<http://www.tenniscanada.com/wp-content/uploads/2016/02/Rogers-Rookie-Tour-Tournament-Handbook-2016-1.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2018.

TEIXEIRA, C. P. Tênis. In: BOHME, Maria Tereza Silveira (Org.). **Esporte infantojuvenil: Treinamento a Longo Prazo e Talento Esportivo**. São Paulo: Phorte, 2011. Cap. 19. p. 433-450.

TENNANT, M. Appropriate Competition for Mini Tennis. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 10, n. 28, p. 10-11, 2002.

TENNANT, M. Competition formats and considerations for 10 and under players. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 18, n. 51, p. 22-23, 2010.

THOMAS, J.; NELSON, J.; SILVERMAN, J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TIMMERMAN, Ewout *et al.* The effect of equipment scaling on children's sport performance: the case for tennis. **Journal Of Sports Sciences**, [s.l.], v. 33, n. 10, p.1093-1100, 23 dez. 2014.

UNIERZYSKI, P. Periodisation for under-14s. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 13, n. 36, p. 4-6, 2005.

UNITED STATES TENNIS ASSOCIATION (USTA). **USTA Florida Junior Red, Orange, and Green Ball Tennis Guidelines**.2018. Disponível em: <<https://ustaflorida.sharepoint.com/Website%20Public%20Assets/Shared%20Documents/Adult%20and%20Junior%20Tournaments/Junior/Red%20Orange%20Green%20Junior%20Guidelines.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

UNITED STATES TENNIS ASSOCIATION (USTA). **USTA Junior National Tournament, Ranking, and Sanctioning Regulations**. 2018. Disponível em: <<https://www.usta.com/content/dam/usta/pdfs/2018%20USTA%20Junior%20Tournament%20Regulations.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2018.

UNITED STATES TENNIS ASSOCIATION (USTA). **2018/2019 Tournament Levels and Requirements for USTA Florida Sanctioned Tournaments**. 2018. Disponível em:<<https://ustaflorida.sharepoint.com/:b:/g/Website%20Public%20Assets/EXqDgZHcYOJBjgtr4Kp6TmkBo75qVgR9LF0NpHHwGBAGTw?e=OKu07i>>. Acesso em: 2 out. 2018.

WERNER, P.; THORPE, R.; BUNKER, D. Teaching Games for Understanding: Evolution of a Model. **Journal Of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 67, n. 1, p. 28-33, 1996.

WIERSMA, Lenny D.. Reformation or Reclassification? A Proposal of a Rating System for Youth Sport Programs. **Quest**, v. 57, n. 4, p.376-391, 2005.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre os objetivos, procedimentos, instrumento de coleta, riscos e benefícios, descritos abaixo, no caso de concordar em fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida, você pode recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo telefone (51) 3308–3738.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título: “CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS NAS COMPETIÇÕES DE TENISTAS INFANTOJUVENIS: UM ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO”

Pesquisador Responsável: Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Participante: Rodrigo Vieira Bulso

Instituição que pertence o aluno: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – ESEFID/UFRGS

Contato do Comitê de ética da UFRGS: (51) 3308-3738

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e comparar os níveis de favorecimento ao desenvolvimento de conteúdos pedagógicos nas competições de tenistas infantojuvenis. Este estudo poderá servir para identificar os conteúdos pedagógicos mais presentes nas competições, auxiliando aqueles que as propõem, bem como treinadores e professores na seleção dos eventos para seus alunos e atletas.

O instrumento que será utilizado é um conjunto de itens que se refere aos conteúdos pedagógicos do esporte, onde em cada um dos itens você pode escolher uma entre as seis respostas possíveis, de 1 (discordo fortemente) a 6 (concordo fortemente), em uma escala do tipo Likert.

Será garantido a você o direito de não querer participar ou se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem cobrança alguma, penalidades ou constrangimentos por parte do pesquisador ou do participante. Todos os dados que serão utilizados no presente estudo só serão coletados após a aprovação do projeto no Comitê de Ética da UFRGS. Suas respostas no questionário serão tratadas em conjunto com as demais, sem identificação, de forma geral e não serão para outros fins.

Em relação aos eventuais riscos que podem acontecer em sua participação na pesquisa são relacionados ao conteúdo dos itens do questionário e do modo de abordagem que podendo causar constrangimentos, desconforto emocional e psicológico. Por isso, adotamos estratégias na sua minimização ou extinção, como: as questões não são de caráter invasivo ou de intimidade, não são avaliativas ou de

juízo do comportamento, o conteúdo foi avaliado por especialistas da área quanto sua clareza e pertinência no estudo. A aplicação será individual, sem a presença dos colegas ou dirigente, terá orientações no preenchimento, esclarecimentos sobre o conteúdo dos itens, deixando claro sobre os objetivos do estudo. Não haverá pressões ou discriminações, no preenchimento do questionário e de suas respostas, que possam causar intimidações, constrangimentos, medo, ansiedade ou receio.

Os benefícios de sua participação na pesquisa são indiretos, possibilitam a avaliação da competição para crianças e jovens, permitindo a realização de novas investigações que possibilitarão uma compreensão maior do fenômeno e auxiliarão na formatação das mesmas, bem como na seleção dos eventos mais adequados para seus atletas.

Uma lista de e-mails será criada para o envio dos resultados finais da pesquisa àqueles que participaram do estudo. Além disso, todos terão acesso à dissertação de mestrado através do site do LUME.UFRGS <http://www.lume.ufrgs.br/>.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____,

abaixo assinado, concordo em participar do estudo “CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS NAS COMPETIÇÕES DE TENISTAS INFANTOJUVENIS: UM ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO”. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador sobre os objetivos, procedimentos da pesquisa, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS DE CONTROLE (QIVC)**

Data: ____/____/____ Horário: ____h____min

Nome (opcional): _____

Idade: _____

Sexo: () M () F

Local de atuação profissional: _____

Formação: _____

Tempo de experiência como treinador de tênis: ____ ano(s) ____ meses

Categorias analisadas: () “Até 11 anos” () “12-16 anos”

Campeonatos que participa:

Competição avaliada: () Escolar () Federada

ANEXO A

**ESCALA GONÇALVES-BALBINOTTI DE FAVORECIMENTO AO
DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES MOTORAS NO ESPORTE
INFANTOJUVENIL (EGB-HM-10)**

O objetivo deste instrumento é identificar os pontos fortes e carências das competições esportivas infantojuvenis, no que tange o desenvolvimento de habilidades motoras, a partir de um ponto de vista da pedagogia do esporte. Estas informações são importantes para aqueles que concebem as práticas esportivas (competitivas) infantojuvenis, na medida em que as mesmas podem ser melhoradas, bem como para treinadores, que podem selecionar os eventos ideais para seus atletas conforme seus objetivos.

Instruções:

A partir da observação da prática competitiva e/ou conhecimento do regulamento da mesma, responda cada um dos itens conforme a escala:

- | | | |
|--|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> (1) Discordo fortemente... (2) Discordo parcialmente... (3) Discordo um pouco... (4) Concordo um pouco... (5) Concordo parcialmente... (6) Concordo fortemente... | } | <u>que a prática avaliada...</u> |
|--|---|---|

1	()	minimiza a especialização motora precoce.
2	()	estimula o desenvolvimento de variadas habilidades motoras.
3	()	propõe espaços reduzidos para facilitar o desenvolvimento dos fundamentos técnicos.
4	()	respeita o desenvolvimento motor do praticante.
5	()	propicia o desenvolvimento de diversos fundamentos técnicos.
6	()	estipula dinâmicas que aumentam o número de ações técnicas.
7	()	se adequa ao estágio motor dos praticantes.
8	()	desenvolve as habilidades específicas da modalidade.
9	()	utiliza materiais adaptados.
10	()	desenvolve habilidades úteis para outras modalidades.

ANEXO B

**ESCALA GONÇALVES-BALBINOTTI DE FAVORECIMENTO AO
DESENVOLVIMENTO ESTRATÉGICO-TÁTICO NO ESPORTE INFANTOJUVENIL
(EGB-ET-11)**

O objetivo deste instrumento é identificar os pontos fortes e carências das competições esportivas infantojuvenis, no que tange o desenvolvimento estratégico-tático, a partir de um ponto de vista da pedagogia do esporte. Estas informações são importantes para aqueles que concebem as práticas esportivas (competitivas) infantojuvenis, na medida em que as mesmas podem ser melhoradas, bem como para treinadores, que podem selecionar os eventos ideais para seus atletas conforme seus objetivos.

Instruções:

A partir da observação da prática competitiva e/ou conhecimento do regulamento da mesma, responda cada um dos itens conforme a escala:

- | | | |
|--|---|---|
| (1) Discordo fortemente...
(2) Discordo parcialmente...
(3) Discordo um pouco...
(4) Concordo um pouco...
(5) Concordo parcialmente...
(6) Concordo fortemente... | } | <u>que a prática avaliada...</u> |
|--|---|---|

1	()	propõe variações que estimulam o desenvolvimento dos aspectos táticos.
2	()	é adequada ao nível de conhecimento tático dos participantes.
3	()	desenvolve a capacidade de percepção e análise da situação tática.
4	()	propõe dinâmicas que aumentam o número de ações táticas.
5	()	é adequada a fim de desenvolver os aspectos táticos dos participantes.
6	()	desenvolve a capacidade de solução mental de problemas táticos.
7	()	estimula o uso de diferentes soluções táticas.
8	()	é adequada para que os participantes possam aplicar seus conhecimentos táticos.
9	()	estimula o desenvolvimento da inteligência tática.
10	()	utiliza materiais adaptados para o desenvolvimento dos aspectos táticos.
11	()	desenvolve a criatividade tática dos praticantes.

ANEXO C

**ESCALA GONÇALVES-BALBINOTTI DE FAVORECIMENTO AO
DESENVOLVIMENTO SOCIOEDUCATIVO NO ESPORTE INFANTOJUVENIL
(EGB-SE-8)**

O objetivo deste instrumento é identificar os pontos fortes e carências das competições esportivas infantojuvenis, no que tange o desenvolvimento socioeducativo, a partir de um ponto de vista da pedagogia do esporte. Estas informações são importantes para aqueles que concebem as práticas esportivas (competitivas) infantojuvenis, na medida em que as mesmas podem ser melhoradas, bem como para treinadores, que podem selecionar os eventos ideais para seus atletas conforme seus objetivos.

Instruções:

A partir da observação da prática competitiva e/ou conhecimento do regulamento da mesma, responda cada um dos itens conforme a escala:

- | | | |
|--|---|---|
| (1) Discordo fortemente...
(2) Discordo parcialmente...
(3) Discordo um pouco...
(4) Concordo um pouco...
(5) Concordo parcialmente...
(6) Concordo fortemente... | } | <u>que a prática avaliada...</u> |
|--|---|---|

1	()	proporciona experiências de vitória a todos.
2	()	estimula o respeito ao adversário.
3	()	proporciona experiências de derrotas a todos.
4	()	estimula o respeito ao companheiro.
5	()	ensina a vencer e a perder.
6	()	valoriza a honestidade.
7	()	valoriza o esforço.
8	()	promove valores morais.

ANEXO D

**ESCALA GONÇALVES-BALBINOTTI DE FAVORECIMENTO AO
DESENVOLVIMENTO DE AUTONOMIA NO ESPORTE INFANTOJUVENIL
(EGB-AU-10)**

O objetivo deste instrumento é identificar os pontos fortes e carências das competições esportivas infantojuvenis, no que tange o desenvolvimento de autonomia, a partir de um ponto de vista da pedagogia do esporte. Estas informações são importantes para aqueles que concebem as práticas esportivas (competitivas) infantojuvenis, na medida em que as mesmas podem ser melhoradas, bem como para treinadores, que podem selecionar os eventos ideais para seus atletas conforme seus objetivos.

Instruções:

A partir da observação da prática competitiva e/ou conhecimento do regulamento da mesma, responda cada um dos itens conforme a escala:

- | | | |
|--|---|---|
| (1) Discordo fortemente...
(2) Discordo parcialmente...
(3) Discordo um pouco...
(4) Concordo um pouco...
(5) Concordo parcialmente...
(6) Concordo fortemente... | } | <u>que a prática avaliada...</u> |
|--|---|---|

1	()	permite que os participantes contribuam com a arbitragem.
2	()	estimula a busca pela independência.
3	()	permite que os praticantes criem regras.
4	()	estimula que os participantes contribuam com as decisões tomadas.
5	()	desenvolve o livre arbítrio dos praticantes.
6	()	possibilita que os participantes respondam por seus atos.
7	()	permite que os participantes conduzam a sua prática.
8	()	permite que os participantes façam suas escolhas.
9	()	estimula que os participantes tenham liberdade para a escolha dos conteúdos desenvolvidos.
10	()	estimula a tomada de decisão.

ANEXO E

**ESCALA GONÇALVES-BALBINOTTI DE FAVORECIMENTO AO
DESENVOLVIMENTO AFETIVO-SOCIAL NO ESPORTE INFANTOJUVENIL
(EGB-AS-10)**

O objetivo deste instrumento é identificar os pontos fortes e carências das competições esportivas infantojuvenis, no que tange o desenvolvimento afetivo-social, a partir de um ponto de vista da pedagogia do esporte. Estas informações são importantes para aqueles que concebem as práticas esportivas (competitivas) infantojuvenis, na medida em que as mesmas podem ser melhoradas, bem como para treinadores, que podem selecionar os eventos ideais para seus atletas conforme seus objetivos.

Instruções:

A partir da observação da prática competitiva e/ou conhecimento do regulamento da mesma, responda cada um dos itens conforme a escala:

- | | | |
|--|---|---|
| (1) Discordo fortemente...
(2) Discordo parcialmente...
(3) Discordo um pouco...
(4) Concordo um pouco...
(5) Concordo parcialmente...
(6) Concordo fortemente... | } | <u>que a prática avaliada...</u> |
|--|---|---|

1	()	estimula o trabalho em equipe.
2	()	é uma oportunidade para fazer novos amigos.
3	()	proporciona vivências positivas em grupo.
4	()	estimula a socialização.
5	()	promove atividades que exigem cooperação.
6	()	promove a amizade.
7	()	cria sensação de pertencimento à equipe e/ou grupo de participantes.
8	()	promove a união dos participantes.
9	()	promove atividades em equipes, proporcionando interação com colegas.
10	()	desenvolve aspectos socioafetivos.

ANEXO F

**ESCALA GONÇALVES-BALBINOTTI DE FAVORECIMENTO À
DEMOCRATIZAÇÃO NO ESPORTE INFANTOJUVENIL
(EGB-DE-10)**

O objetivo deste instrumento é identificar os pontos fortes e carências das competições esportivas infantojuvenis, no que tange a democratização, a partir de um ponto de vista da pedagogia do esporte. Estas informações são importantes para aqueles que concebem as práticas esportivas (competitivas) infantojuvenis, na medida em que as mesmas podem ser melhoradas, bem como para treinadores, que podem selecionar os eventos ideais para seus atletas conforme seus objetivos.

Instruções:

A partir da observação da prática competitiva e/ou conhecimento do regulamento da mesma, responda cada um dos itens conforme a escala:

- | | | |
|--|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> (1) Discordo fortemente... (2) Discordo parcialmente... (3) Discordo um pouco... (4) Concordo um pouco... (5) Concordo parcialmente... (6) Concordo fortemente... | } | <u>que a prática avaliada...</u> |
|--|---|---|

1	()	reforça que é normal haver diferenças de todas as naturezas (físicas, técnicas, sociais, etc.).
2	()	é acessível a todos.
3	()	é inclusiva.
4	()	permite a todos participarem.
5	()	propõe a diminuição da sensação de diferenças de todas as naturezas (físicas, técnicas, sociais, etc.).
6	()	possui regras para que um maior número de pessoas possa participar.
7	()	propõe regras que não excluem participantes.
8	()	promove participação geral.
9	()	propõe disputas mistas.
10	()	estimula a participação independentemente do nível técnico.